

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

ELOÍSA MAIANE BARBOSA LOPES

UM ESTUDO DIACRÔNICO SOBRE A ORDEM E A FUNÇÃO DO CLÍTICO SE NO
PORTUGUÊS CLÁSSICO

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2016

ELOÍSA MAIANE BARBOSA LOPES

**UM ESTUDO DIACRÔNICO SOBRE A ORDEM E A FUNÇÃO DO CLÍTICO SE NO
PORTUGUÊS CLÁSSICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientador: Profa. Dra. Cristiane
Namiuti Temponi

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2016

Lopes, Eloísa Maiane Barbosa.

L851e Um estudo diacrônico sobre a ordem e a função do clítico SE no Português clássico / Eloísa Maiane Barbosa Lopes, 2016. 138f. : Il.

Orientador (a): Dra. Cristiane Namiuti Temponi.
Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2016.
Referências: f. 137-138.

1. SE - Funções. 2. SE - Indeterminado. 3. SE – Passivo. 4. SE - Reflexivo. 5. Português Clássico. I. Temponi, Cristiane Namiuti. II. Universidade Estadual Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística- PPGLin. III. T.

CDD: 469.5

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
Bibliotecária – UESB – Campus de Vitória da Conquista-BA

Título em inglês: A diachronic studie about the order and the function of clitic SE in the Classical Portuguese.

Palavras-chaves em inglês: SE as a passive pronoun. SE as an indefinite pronoun. SE as a reflexive pronoun. Classical portuguese.

Área de concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Titulação: Mestre em Linguística

Banca Examinadora: Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi (Presidente-Orientadora); Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB); Profa. Dra. Sílvia Regina de Oliveira Cavalcante (UFRJ)

Data da Defesa: 26 de agosto de 2016

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística

ELOISA MAIANA BARBOSA LOPES

**UM ESTUDO DIACRÔNICO SOBRE A ORDEM E A FUNÇÃO DO CLÍTICO SE NO
PORTUGUÊS CLÁSSICO**

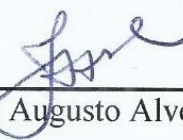
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 26 de agosto de 2016.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dra. Cristiane Namiuti Temponi (UESB)
(Orientadora)



Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)



Prof. Dra. Silvia Regina de Oliveira Cavalcante (UFRJ)

A Edilma de Oliveira Barbosa Lopes, Félix Messias Lopes, Juliana Maiza Barbosa Lopes de Azevedo, João Guilherme Lopes de Azevedo, meus maiores amores, e a Edite de Oliveira Barbosa (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

*Sonhar o sonho impossível,
Sofrer a angústia implacável,
Pisar onde os bravos não ousam,
Reparar o mal irreparável,
Amar um amor casto à distância,
Enfrentar o inimigo invencível,
Tentar quando as forças se esvaem,
Alcançar a estrela inatingível,
Essa é a minha busca.*

(Miguel de Cervantes – Dom Quixote)

Cursar um mestrado foi, sem dúvida, um dos meus maiores sonhos já realizados. O desejo de crescer como pessoa e profissional, fez-me ambicionar, logo nos primeiros anos da graduação, estar no âmbito da pesquisa para me desafiar e, acima de tudo, revelar, para outros e para mim mesma o quão longe eu poderia chegar e cheguei. Cheguei a lugares inesperados, trilhei caminhos calmos e tortuosos, cheguei ao sonho, mas passei por muitos pesadelos. De fato, o meu sonho foi um desafio. O Sonhar pode até ser individual, mas o Realizar é coletivo e, por isso, acordei do sonho e venci o desafio, amparada por aqueles que, de certa forma, sonharam comigo e é a eles que presto os meus mais sinceros agradecimentos.

Neste momento de realização e conquista, quero, primeiramente, render graças a Deus. Palavras são insuficientes para definir quão maravilhosa, imprescindível e decisiva foram a presença e a ação de Deus em minha vida durante esse período. Obrigada, Senhor, por me fazer renascer, crescer e levantar diante do(s) desafio(s). Se esta pesquisa me permitiu chegar a conclusões importantes, sem dúvidas, uma delas é que sem ti eu não vou a lugar nenhum, eu não venço desafios, eu não sonho, eu, simplesmente, nada sou.

Agradeço, sobretudo, aos meus pais, Edilma e Félix, pelo amor incondicional a mim devotado, pelos princípios ensinados e por apoiarem e incentivarem as minhas escolhas. A minha irmã, Juliana, pelos cuidados de sempre, pela torcida e por acreditar que eu seria capaz de ir cada vez mais longe, capaz de sonhar e realizar. A meu príncipe João Guilherme, calma para a minha angústia, alegria para minha tristeza, paz para minha vida, um dos meus motivos para sorrir; agradeço pela sua existência que é importante para a minha. Enfim, a vocês, minha base de sustentação, este trabalho e os meus infindáveis agradecimentos, amo muito vocês, obrigada!

Sou grata, especialmente, a minha orientadora, Professora Dra. Cristiane Namiuti, essencial para que eu conseguisse realizar esse sonho, pelos conhecimentos compartilhados, pelas

orientações mais que preciosas, pela paciência de sempre, pela amizade e por acreditar em mim desde a IC até o Mestrado. Obrigada, Cris, por me presentear com seus ensinamentos e por me incentivar a ir cada vez mais longe, sem você eu jamais venceria esse desafio.

A João Paulo pelo carinho, companheirismo e estímulo constantes, fazendo-me sempre confiar que eu conseguiria alcançar tudo o que eu desejasse.

A minha família, avós, tios, primos e a meu cunhado Edmar, por se fazerem sempre presentes na minha vida, torcendo para que eu realizasse todos os meus objetivos. Em especial, agradeço e recordo a minha Vó, Edite (*in memoriam*), que tanto rezou para que eu conseguisse ser aprovada na seleção de Mestrado, obrigada Vó, onde quer que a senhora esteja, sei que continua rezando por nós.

Aos amigos pelo companheirismo e por todos os momentos de descontração, os quais foram essenciais para que eu conseguisse enfrentar com ânimo as adversidades que surgissem. Entre todos os amigos, gostaria de destacar e agradecer, sobretudo, à Lêda e “ao” Selso pela parceria de hoje, amanhã e sempre; à Tâmilis e Vanessa, amigas linguistas de todas as aulas, e à Gilsara, amizade que o Mestrado me presenteou.

Agradeço a todos os componentes do Lapelinc, colegas pesquisadores, e professores, Dr. Jorge Viana e Dr. Adilson Ventura, pelas trocas de conhecimentos, diálogos e pela amizade. Conviver em um espaço de construção de conhecimento e, acima de tudo, de parceria foi, de fato, imprescindível para minha formação como pesquisadora.

À UESB e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística pela formação acadêmica e ética e aos docentes do PPGLin por serem fundamentais para o nascer dessa pesquisadora e a CAPES pelo financiamento.

Aos professores Dr. Jorge Augusto Alves da Silva, Dra. Silvia Regina de Oliveira Cavalcante, Dra. Elisângela Gonçalves da Silva e Dr. Danniel da Silva Carvalho por aceitarem participar das bancas de qualificação e defesa e por todas as valiosas sugestões, meus agradecimentos.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização de mais esse sonho, muito Obrigada!

TRADUZIR-SE

*Uma parte de mim
é todo mundo;
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.*

*Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.*

*Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte
delira.*

*Uma parte de mim
almoça e janta;
outra parte
se espanta.*

*Uma parte de mim
é permanente;
outra parte
se sabe de repente.*

*Uma parte de mim
é só vertigem;
outra parte,
linguagem.*

*Traduzir-se uma parte
na outra parte
— que é uma questão
de vida ou morte —
será arte?*

(Ferreira Gullar)

RESUMO

Na história do Português, a sintaxe dos pronomes clíticos é um importante objeto de estudo para se entender as mudanças na gramática dessa língua. Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006) destacam, para isso, dois aspectos relevantes da diacronia do Português: a interpolação e a variação ênclise e próclise. Entre os demais tipos de clítico, o SE se destaca por apresentar um comportamento diferente, pois, enquanto os outros clíticos estão associados, exclusivamente, à função sintática de objeto, o SE pode se associar às funções de sujeito ou objeto. Baseados em Brito, Duarte e Matos (2003), caracterizamos três tipos de SE associados à função sujeito e objeto: o SE-Passivo em que o argumento interno concorda com o verbo transitivo direto e recebe o caso nominativo, sendo o SE um morfema apassivador relacionado ao sujeito; o SE-Indeterminado nas construções em que o verbo não concorda com o seu argumento interno, em que o SE recebe o caso nominativo, sendo a representação de um sujeito arbitrário ou indeterminado; e SE-Reflexivo, em que o SE recebe o caso acusativo do verbo transitivo direto. Os estudos de Cavalcante (2006) sobre as ocorrências de SE nas orações não finitas em três variantes do português apontam que a mudança na natureza do “SE” acompanha a mudança na frequência de próclise e ênclise desse clítico na diacronia do português que compreende a passagem da gramática do Português Clássico para o Português Europeu e Português Brasileiro. Neste trabalho, partimos da hipótese que a natureza do SE influencia sua ordem relativa em contexto de variação ênclise e próclise e nos contextos de interpolação, e, descrevemos o uso do clítico SE em orações finitas, observando a possível existência de uma relação entre a posição e o tipo/função desse clítico em textos de autores portugueses nascidos nos séculos XVI, XVII e XVIII, período que representa a gramática do Português Clássico, extraídos do *Corpus Tycho Brahe*. O uso de SE associado a função sujeito, SE-Passivo e SE-Indeterminado, parece favorecer a colocação enclítica nos contextos de variação, mesmo nos séculos XVI e XVII, em que a frequência de próclise é superior, pois, na distribuição do tipo de SE pela colocação, a frequência de ênclise para esses dois tipos de SE mantém-se bastante elevada nos contextos de variação ênclise/próclise, o oposto acontece com o SE-Reflexivo que mantém elevada frequência de próclise e ênclise marginal.

PALAVRAS-CHAVE

SE-Indeterminado. SE-Passivo. SE-Reflexivo. Português Clássico.

ABSTRACT

In the history of Portuguese, the syntax of clitic pronouns is an important subject of study to understand the grammatical changes, therefore. Galves, Paixão de Sousa and Namiuti (2006) contrast two important aspects of the Portuguese diachronic: the interpolation phenomena and the proclisis and enclisis variation. Among the other types of clitic, the SE is noteworthy for presenting a different behavior: while the other clitics are associated exclusively to the object syntactic function, SE can be associated to the subject or object functions. Based on Brito, Duarte e Matos (2003), we characterize three types of SE associated with the subject and object function: the passive SE, where the internal argument agrees with the direct transitive verb and receives the nominative case, and SE as a passive morpheme related to the subject; the indefinite SE in sentences in which the verb does not agree with its internal argument, in which the SE gets the nominative case and the representation of an arbitrary or indefinite subject; and SE as a reflexive pronoun, in this case SE gets the accusative case of direct transitive verb. According to Cavalcante (2006), studying the occurrences of SE in non-finite clauses in three variants of the Portuguese, the change in the nature of SE follows the change in frequency of proclisis and enclisis in Portuguese diachronic that comprehend the passage of the grammar of Classical Portuguese to European Portuguese and Brazilian Portuguese. In this dissertation we start from the assumption that the nature of SE influences its relative order in proclisis and enclisis variation contexts and in proclisis and interpolation structures, we describe the use of clitic SE finite clauses, noting the possible existence of a relationship between the position and the type/function of this clitic in texts by Portuguese authors born in the sixteenth, seventeenth and eighteenth centuries, from the Tycho Brahe Corpus of historical Portuguese. The use of SE associated with the subject function, passive SE and indefinite SE, seems to favor the enclitic placement in variation contexts, even in the sixteenth and seventeenth centuries, in which the frequency of proclisis is superior, because, in the distribution of the type of SE by placing, the frequency of enclisis for these two types of SE remain quite high in the contexts of enclisis/proclisis variation, the opposite happens with the SE as a reflexive pronoun that keeps high frequency of proclisis and marginal enclisis.

KEYWORDS

SE as a passive pronoun. SE as an indefinite pronoun. SE as a reflexive pronoun.
Classical Portuguese.

LISTA DE ABREVIATURAS

CTB	<i>Corpus TychoBrahe</i>	<i>Corpus</i> do Português Anotado
PA	Português Arcaico	Gramática do Português Arcaico
PCI	Português Clássico	Gramática do Português Clássico
PE	Português Europeu	Gramática do Português Europeu
PB	Português Brasileiro	Gramática do Português Brasileiro
GT	Gramática Tradicional	Gramática Tradicional
VP	Verbal Phrase (Sintagma Verbal)	Categoria sintagmática lexical
V	Núcleo V	Núcleo de VP
NP	Nominal Phrase (Sintagma Nominal)	Categoria sintagmática lexical
IP	InflectionalPhrase (Sintagma Flexional)	Categoria sintagmática funcional
DP	DeterminerPhrase (Sintagma Determinante)	Categoria sintagmática funcional
AGR	Agreement	Categoria funcional de flexão verbal número e pessoa
INFL	INFL	Categoria de grau zero
PRO	PRO	Categoria Vazia
SE-V	SE-Verbo	Estrutura de próclise
V-SE	Verbo-SE	Estrutura de ênclise
SE-X-V	SE-X-Verbo	Estrutura de próclise com interpolação de constituintes

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação arbórea da sentença “Abatem-se frangos” conforme Gomes (2007, p. 134).....	32
Figura 2 – Representação arbórea da sentença “A porta abriu-se” conforme Gomes (2007, p. 142).....	37
Figura 3 – Representação arbórea da sentença “Maria sentiu-se infeliz” conforme Gomes (2007, p. 143)	38
Figura 4 – Representação arbórea da sentença “Maria matou-se” conforme Gomes (2007, p. 155).....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etiquetas relacionadas ao NP	68
Quadro 2 - Categorias Vazias	79
Quadro 3 - Outros tipos de oração.....	85
Quadro 4 - Exemplo da página do catálogo de listas ordenadas do CTB	86
Quadro 5 - Textos do CTB que compõem essa pesquisa	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tipos de SE em estruturas proclíticas (SE-V) em orações principais neutras	99
Gráfico 2 - Tipos de SE em estruturas enclíticas (V-SE) em orações principais neutras.....	101
Gráfico 3 - Tipos de SE em estruturas com interpolação (SE-X-V) em orações principais neutras.....	102
Gráfico 4 - Posição relativa de SE-Passivo em orações principais neutras.....	104
Gráfico 5 - Posição relativa de SE-Indeterminado em orações principais	106
Gráfico 6 - Posição relativa de SE-Reflexivo em orações principais.....	108
Gráfico 7- Tipos de SE em estruturas proclíticas (SE-V) em orações coordenadas dependentes	110
Gráfico 8 - Tipos de SE em estruturas enclíticas (V-SE) em orações coordenadas dependentes	111
Gráfico 9 – Tipos de SE em estruturas com interpolação (SE-X-V) em orações coordenadas dependentes	111
Gráfico 10 - Posição relativa de SE-Passivo em orações coordenadas dependentes	113
Gráfico 11 - Posição relativa de SE-Indeterminado em orações coordenadas dependentes ..	115
Gráfico 12 - Posição relativa de SE-Reflexivo em orações coordenadas dependentes.....	116
Gráfico 13 - Tipos de SE em estruturas proclíticas (SE-V) em orações coordenadas não dependentes	118
Gráfico 14 - Tipos de SE em estruturas enclíticas (V-SE) em orações coordenadas não dependentes	119
Gráfico 15 - Tipos de SE em estruturas com interpolação (SE-X-V) em orações coordenadas não dependentes.....	120
Gráfico 16- Posição relativa de SE-Passivo em orações coordenadas não dependentes.....	121
Gráfico 17 - Posição relativa de SE-Indeterminado em orações coordenadas não dependentes	123
Gráfico 18 - Posição relativa de SE-Reflexivo em orações coordenadas não dependentes...	125
Gráfico 19 - Tipos de SE em estruturas proclíticas (SE-V) em orações subordinadas	126
Gráfico 20 - Tipos de SE em estruturas com interpolação (SE-X-V) em orações subordinadas	127
Gráfico 21 – Posição relativa de SE-Passivo em orações subordinadas	129
Gráfico 22 – Posição relativa de SE-Indeterminado em orações subordinadas	130
Gráfico 23 - Posição relativa de SE-Reflexivo em orações subordinadas	131

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 PRECISA-SE QUE SE ESTUDE O SE: UMA BREVE ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE OS TIPOS E FUNÇÕES DO PRONOME SE NAS PERSPECTIVAS TRADICIONAL E GERATIVA.....	21
1.1 APRESENTAÇÃO.....	21
1.2 O VERBO E AS VOZES VERBAIS: UMA ABORDAGEM TRADICIONAL.....	22
1.3 O SE COMO ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO	26
1.3.1 SE-Indeterminado: uma leitura tradicional	26
1.3.2 SE-Indeterminado: um olhar gerativista	28
1.4 O SE COMO PARTÍCULA APASSIVADORA	33
1.4.1 SE-Passivo: uma leitura tradicional	33
1.4.2 SE-Passivo: um olhar gerativista	34
1.4.3 A Passividade do SE	39
1.5 O SE COMO PRONOME REFLEXIVO	44
1.5.1 SE-Reflexivo: uma leitura tradicional.....	44
1.5.2 SE-Reflexivo: um olhar gerativista.....	46
2 PARA UMA INVESTIGAÇÃO DIACRÔNICA DO CLÍTICO SE NA LÍNGUA PORTUGUESA: CORPUS E METODOLOGIA	50
2.1 APRESENTAÇÃO.....	50
2.2 A LINGUÍSTICA HISTÓRICA E A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS	51
2.2.1 Os estudos em Linguística Histórica no plano tradicional e na Gramática Gerativa: relevância teórica.....	51
2.2.2 Gramáticas do Português e Clíticos Pronominais: uma abordagem teórica	54
2.3 CORPUS DA PESQUISA.....	59
2.3.1 Corpus Tycho Brahe	59
2.4 METODOLOGIA.....	87
2.4.1 Seleção dos textos que compõem essa pesquisa.....	87
2.4.2 Levantamento dos Dados e Buscas automáticas.....	88
2.4.3 Classificação e Análise de dados	91
3 O CLÍTICO SE NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	93
3.1 APRESENTAÇÃO.....	93

3.2 REVISITANDO OS ESTUDOS SOBRE O CLÍTICO SE NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS.....	94
3.3 O TIPO DE SE NO PORTUGUÊS CLÁSSICO: DESCRIÇÃO.....	97
3.3.1 Tipo de Oração	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS	136

INTRODUÇÃO

A Linguística Histórica é um ramo da linguística bastante produtivo que, apoiada no quadro gerativista, busca estudar e analisar as mudanças da língua no decorrer do tempo, além de apresentar a história e a organização da língua no passado. O desenvolvimento de novas tecnologias para o tratamento de textos antigos, relativas à transcrição, à edição, à anotação e à disponibilização desses textos em meio digital; ampliou e intensificou as pesquisas linguísticas na perspectiva diacrônica. No Brasil, os trabalhos com o *Corpus Histórico do Português Anotado TychoBrahe* (doravante, CTB) investigam o passado da língua portuguesa, além de propor estudos comparativos entre essas duas variantes do português.

No âmbito da Gramática Gerativa, o estudo diacrônico do Português é de suma importância para as investigações das mudanças ocorridas na gramática¹ dessa língua. O modelo gerativista propõe um estudo da língua baseado na hipótese de que o ser humano possui, geneticamente, uma *faculdade da linguagem* em seu cérebro que o permite produzir linguagem. Para se entender o funcionamento dessa faculdade da linguagem, o programa gerativista lança mão da teoria de *Princípios e Parâmetros*. Essa teoria, desenvolvida por Noam Chomsky, postula que a faculdade da linguagem é formada por um conjunto de princípios gerais marcados, comuns a todas as línguas naturais, e por parâmetros não marcados, responsáveis por delimitar as diferenças entre as línguas naturais. A mudança Gramatical, em termos gerativistas, consiste em alteração na fixação de valor de parâmetros ao longo do tempo.

Assim, Mudança Gramatical, no quadro teórico gerativista, é entendida como “fenômeno de aquisição de linguagem, no qual uma determinada geração de falantes chega a adquirir uma gramática distinta da geração anterior” (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 9). Para Kroch (2001), a mudança na fixação do parâmetro deve ser abrupta, sem ser observada na língua, sendo somente a competição da gramática nova, com o uso escolarizado conservador, acessível para ser estudada nos textos.

Um dos elementos bastante relevante que caracteriza a Mudança Gramatical na Língua Portuguesa é a colocação pronominal. Segundo Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006), na sintaxe dos clíticos pronominais, destacam-se dois aspectos relevantes para se entender as mudanças de padrão na diacronia do português, sendo eles: a ordem relativa clítico-verbo e o fenômeno da *interpolação*.

¹O termo “gramática” refere-se, aqui, ao conceito gerativista.

Conforme as autoras supracitadas, na diacronia do Português falado em território europeu, é possível identificar, a partir de estudos acerca da colocação dos pronomes clíticos, três etapas diferentes quanto ao padrão na ordem dos clíticos pronominais, a saber, três gramáticas distintas, sendo essas: a gramática do Português Arcaico (doravante, PA), a do Português Clássico ou Médio (doravante, PCI), e a do Português Europeu Moderno (doravante, PE). Em resumo, no PA, o qual compreende os textos escritos entre 1200 e 1400, a ordem enclítica era predominante, diferentemente do PCI – o qual emerge já a partir do século XIV até o XVIII - em que prevalece a ordem proclítica, enquanto que no PE, representado pelos textos a partir do século XIX, a ênclise é categórica. Deste modo, Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006) nos explicam que o português europeu, ao longo do tempo, passou de um padrão enclítico para proclítico e novamente do padrão proclítico para enclítico, sendo que a ordem proclítica, frequente no PCI, ou português intermediário, permanece em uma outra gramática, a do Português Brasileiro (doravante, PB).

Entre todos os tipos de clíticos, o SE possui um comportamento singular, visto que, além de variar quanto a sua ordem, ele varia quanto à função sintática, podendo estar associado à função sujeito (quando indeterminado ou passivo) ou à função objeto (quando reflexivo), o que o difere dos demais clíticos que são, exclusivamente, acusativos ou dativos, enquanto o SE desempenha função nominativa e acusativa.

Diante disso, em uma perspectiva tradicional, o pronome átono SE pode aparecer na frase como um índice de indeterminação do sujeito, quando o verbo concorda obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular, como em (1); é um pronome apassivador, quando forma a voz passiva pronominal ao se juntar a verbos transitivos diretos, como em (2); e um pronome reflexivo, quando exerce a função sintática de objeto direto de verbos reflexivos e reflexivos recíprocos, como em (3) (CEGALLA, 2010, p. 562-563).

(1) Precisa-se de empregados

(2) Vendem-se casas

(3) Maria se olhou no espelho²

Em um outro plano, amparado na abordagem gerativa de Ana Maria Brito, Inês Duarte e Gabriela Matos (2003), a forma SE pode estar associada à função sintática de sujeito ou objeto na sentença, sendo dividido em três tipos: o *SE passivo* nas sentenças em que o

²Os exemplos apresentados são nossos.

argumento interno concorda com o verbo transitivo direto e recebe o caso nominativo, enquanto que o SE recebe o papel temático externo do verbo e se posiciona no especificador de IP, sendo um morfema apassivador relacionado ao sujeito (exemplo 2); o *SE nominativo ou indeterminado* nas construções com outros tipos de verbos ou que o verbo não concorda com o seu argumento interno (exemplo 1), em que o SE recebe o caso nominativo, sendo a representação de um sujeito arbitrário ou indeterminado e *SE acusativo ou reflexivo* em que o SE recebe o caso acusativo do verbo transitivo direto (exemplo 3).

Na história do Português, o clítico SE, como os demais tipos de clíticos, apresenta variação quanto a sua ordem proclítica e enclítica, sendo um aspecto revelador de propriedades gramaticais na diacronia do português. Além da sua ordem, a função sintática que o pronome exerce na sentença pode apontar mudanças na gramática do Português, por exemplo, Galves (2001) nos chama a atenção para o uso do SE como um fator de diferença entre o PE e o PB, visto que neste o clítico SE, mesmo com a tendência de desaparecer da língua em todos os seus tipos, reaparece de forma compacta se distanciando do PE. No PCI, o estudo de Chociay (2003) revelou que o clítico SE favorece o uso da ênclise em um período em que a ocorrência de próclise era geral.

Os estudos de Antonelli (2007), ao descrever o percurso diacrônico do uso do clítico SE na alternância ênclise e próclise em duas variantes do Português Europeu, corroboram com a questão levantada por Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), preconizada nos resultados de Chociay (2003), de que o clítico SE favorece as sentenças com ênclise na fase intermediária do português europeu (o PCI), em contraposição com outros tipos de clíticos; e que, mais uma vez retomando Galves, Britto e Paixão de Sousa, a correlação entre o clítico SE e a ordem enclítica é desencadeada pelo uso de sentenças com um sujeito da passiva que precede, imediatamente, o verbo desencadeador de tal correlação (ANTONELLI, 2007).

Ao investigar o uso do SE com infinitivo no PCI, PE e PB, Cavalcante (2006) aponta as diferenças no uso desse clítico no PE e no PB, bem como no PCI e no PE. De acordo com a autora, essas diferenças são desencadeadas pela natureza do pronome SE (que pode ser passivo, indefinido e impessoal) e a natureza de *Agr* não finito. Para ela, a associação desses dois fatores confirmará a existência de três gramáticas distintas: PCI, PE e PB. Diante disso, o SE apresentará diferenças em seu comportamento nas três gramáticas supracitadas, melhor dizendo, gramáticas distintas produziram distintos tipos de SE, significando, pois, que “o tipo de SE está relacionado à sintaxe de uma língua” (CAVALCANTE, 2006, p. 187).

Diante do exposto, tendo em vista as particularidades do clítico SE em relação aos demais tipos de clítico, bem como a importância de se estudarem elementos que ofereçam

subsídios para se entender a história e as mudanças da Língua Portuguesa, esta pesquisa objetivou investigar, dentro do quadro teórico da gramática gerativa, o uso e a função sintática do pronome clítico SE (sujeito/objeto) e relacionar com o fenômeno da colocação de pronomes clíticos (próclise/ênclise) em textos portugueses escritos por autores nascidos em Portugal entre os séculos XVI a XVIII, período que compreende a gramática do PCI.

Sendo assim, nessa pesquisa foi feito um estudo histórico dos seguintes tipos de SE: o SE-Passivo, o SE-Indeterminado e o SE-Reflexivo, no Português, descrevendo as ocorrências desse clítico nas construções do PCI e estabelecendo uma relação entre a função e a colocação do pronome clítico SE na diacronia dessa língua. Deste modo, trata-se de um trabalho inédito, principalmente, por estudar o tipo de SE reflexivo muito pouco investigado no âmbito dos estudos diacrônicos do Português sob a perspectiva gerativista.

A hipótese norteadora do nosso trabalho foi baseada em Cavalcante (2006) que, para investigar o uso do clítico SE na variação ênclise/próclise em sentenças com verbos infinitivos na diacronia de três variantes distintas do Português (a saber, PCI, PE e PB), partiu da hipótese de que a diferença na frequência de SE com infinitivo no PB e no PE está associada à natureza do SE (passivo, indefinido ou impessoal). A partir disso, para estudarmos a possível relação da função sintática do SE com a sua ordem na sentença, em textos portugueses dos séculos XVI a XVIII, partilharemos dessa hipótese, agora em orações com verbos finitos, ou seja, nossa hipótese é de que a diferença na frequência de SE proclítico ou enclítico está associada à natureza do clítico SE (passivo, indeterminado e/ou reflexivo).

Neste intuito, fizemos um levantamento de dados com o clítico SE em dez (10) textos de autores nascidos entre os séculos XVI e XVIII, extraídos do CTB e anotados sintaticamente. Com isso, os dados com o SE foram classificados a partir de fatores pré-estabelecidos, baseados em Namiuti (2008), e, posteriormente, descritos quanto ao tipo de oração (principal, coordenada e subordinada), sua ordem (próclise/ênclise) e seu tipo/função (SE-Passivo/SE-Indeterminado/SE-Reflexivo), por fim, esses dados foram quantificados com o auxílio da ferramenta EXCEL.

Com a descrição dos dados com o clítico SE no PCI, obtivemos resultados interessantes em relação à mudança na ordem do SE (próclise/ênclise) e na preferência pelo tipo de SE (SE-Indeterminado, SE-Passivo e SE-Reflexivo). Ao descrevermos os tipos de SE pelo tipo de oração (principal, coordenada e subordinada), os resultados evidenciaram, no geral, uma preferência pelo uso de SE-Passivo em todas as ordens, principalmente, nas orações subordinadas e nos séculos XVI e XVII. Nos outros tipos de oração (principal e coordenada), tal preferência não é unânime, principalmente, a partir do século XVIII em que

verificamos mudança tanto na preferência pelo tipo de SE quanto na ordem relativa desse clítico.

Destarte, para apresentarmos os resultados desta pesquisa, organizamos esta dissertação em três seções, além desta introdução e das considerações finais, a saber, capítulos 1, 2 e 3. No Capítulo 1, expusemos os tipos de SE quanto a sua função sintática de sujeito e objeto, trazendo uma explanação acerca desses tipos e, conseqüentemente, das funções desempenhadas pelo SE de acordo com duas perspectivas teóricas diferentes: a tradicional e a gerativa. No Capítulo 2, fazemos um resumo dos estudos em Linguística Histórica no âmbito da teoria gerativa, principalmente, das pesquisas que envolvem a colocação de pronomes clíticos e a periodização da Língua Portuguesa, além de tratar do *corpus* e da metodologia adotados para a realização desta pesquisa, especialmente, no que diz respeito à busca dos dados com o clítico SE no Português Clássico. Finalmente, no Capítulo 3, apresentamos a descrição e quantificação dos dados com o clítico SE extraídos de textos de autores nascidos nos séculos XVI, XVII e XVIII, considerando o Tipo de Oração em que estão inseridos, a sua posição na sentença e o seu tipo/função.

1PRECISA-SE QUE SE ESTUDE O SE: UMA BREVE ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE OS TIPOS E FUNÇÕES DO PRONOME SE NAS PERSPECTIVASTRADICIONAL E GERATIVA

“Assim que se olharam, amaram-se; assim que se amaram, suspiraram; assim que suspiraram, perguntaram-se um ao outro o motivo; assim que descobriram o motivo, procuraram o remédio.”

(William Shakespeare)

1.1 APRESENTAÇÃO

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta os tipos de SE quanto a sua função sintática de sujeito e objeto de acordo com duas perspectivas teóricas diferentes: a Gramática Tradicional (doravante, GT) e a Gramática Gerativa. Portanto, para essa dupla abordagem, lançamos mão de algumas definições e discussões a respeito das construções com o clítico SE, principalmente, no que tange às funções sintáticas que esse pronome pode desempenhar ou a que pode estar associado na sentença. Essas definições e discussões foram retiradas de três gramáticas tradicionais, de uma gramática descritiva, que segue um modelo gerativista, e de algumas pesquisas acerca do clítico SE no âmbito da teoria da gerativa.

Dessa forma, o Capítulo 1 se divide em quatro partes. Na primeira, tratamos da classe gramatical *do verbo* e sua *flexão de voz*, o que é de suma importância para entendermos as construções com o SE; tendo em vista que as funções exercidas pelo SE estão, diretamente, ligadas às vozes verbais; assim, para tanto, trazemos as definições de verbo e vozes verbais sob a perspectiva tradicional em três compêndios gramaticais, observando as particularidades, bem como as semelhanças e divergências dos conceitos empregados para designar tal classe gramatical e sua flexão. Nas três seções seguintes, passamos a uma descrição do SE indeterminador do sujeito, apassivador e reflexivo, cada um em uma seção separadamente. Nessa descrição, apresentamos as definições e discussões acerca de cada um dos tipos de SE, observando as particularidades, semelhanças e divergências em cada uma das abordagens, tradicional e gerativista.

1.2 O VERBO E AS VOZES VERBAIS: UMA ABORDAGEM TRADICIONAL

Para uma abordagem teórica sobre o tipo/função³ do clítico SE no Português, intuito destaseção, faz-se necessário, primeiramente, uma discussão a respeito do *verbo* e das *vozes verbais*, tendo em vista que o estudo da flexão verbal de *voz* é importante para entendermos as funções sintáticas desempenhadas pelo SE, pois é na flexão que, como nos afirma Gomes (2007), são colocadas a reflexividade, a passividade e a atividade; estudo este que depende, imprescindivelmente, de uma reflexão sobre o *verbo*. Dessa forma, para elaborarmos essa discussão, traçamos um panorama em que apresentamos a visão de três autores de gramáticas da Língua Portuguesa a respeito dos conceitos de verbo e de voz, a saber: a *Moderna Gramática Portuguesa* (1961) de Evanildo Bechara (37 ed. 2004); a *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* (1964) de Domingos Paschoal Cegalla (48 ed. 2010) e, por fim, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1985) de Celso Cunha e Lindley Cintra⁴. Os conceitos desses autores serão dispostos seguindo um critério cronológico de publicações, partindo, assim, da gramática mais antiga para a mais atual.

Ao buscarmos as definições para a classe de palavra *verbo*, nessas três gramáticas, percebemos que cada autor se posiciona de maneira “própria” para criar o seu conceito dessa classe tão complexa; apresentando, pois, dissonâncias e consonâncias em suas definições. Bechara (2004), em sua definição, trata o verbo a partir de uma organização de seu significado lexical que está associada às possíveis combinações dos verbos; trazendo, também, a noção de flexão verbal e apresentando essas flexões, caracterizando a *voz* como uma delas. Dessa forma, para o gramático, “entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical” (BECHARA, 2004, p. 209). Baseado em Roman Jakobson, o gramático elucida que, para esta organização, o verbo se combina com morfemas de tempo, de modo, de pessoa, de número; os quais constituem as categorias verbais, a saber: gênero, número, pessoa, estado, aspecto, tempo ou nível temporal e voz ou diátese (BECHARA, 2004, p. 209-210).

Para Cegalla (2010), o *verbo* “é uma palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno” (CEGALLA, 2010, p. 194), sendo uma palavra indispensável para a formação do período. O autor classifica o verbo como a classe de palavras mais rica em flexões se comparada às demais, pois o verbo apresenta diferentes formas para indicar a pessoa, o

³Utilizamos “tipo/função”(que se lê tipo ou função) para nos referirmos à função sintática que o clítico SE pode desempenhar na oração, tendo em vista que, ao desempenhar uma determinada função, temos um tipo específico de SE, portanto, tipo e função se relacionam.

⁴ Nessa abordagem, para a disposição cronológica dos conceitos extraídos das gramáticas normativas, levamos em consideração o ano de publicação da obra e não o ano da edição utilizada.

número, o tempo, o modo e a voz. Dessa forma, percebemos que o gramático, ao definir o verbo, assim como Bechara, trata das flexões verbais, inclusive, da flexão de *voz*.

Diferente de Bechara e Cegalla, Cunha e Cintra (1985), em sua definição acerca do verbo, não menciona as flexões verbais. Assim, para o autor, o verbo “é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 367), como em (4):

- (4) a. Um dia, Aparício **desapareceu** para sempre. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 367)⁵
 b. A mulher **foi educada** por minha mãe. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 367)
 c. Como **estavam** velhos! (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 367)
 d. **Anoiteceu** já de tudo. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 367)

De acordo com Cunha e Cintra, o verbo não apresenta, na sintaxe, uma função privativa, visto que tanto o substantivo quanto o adjetivo podem ser núcleos do predicado. No entanto, o verbo se individualiza pela função obrigatória de predicado, a única que ele desempenha na estrutura da oração. Com isso, nessa definição de Cunha e Cintra, percebemos que os autores constroem o seu conceito, priorizando esclarecer o que é expresso pelo verbo, abdicando, por exemplo, de explanar acerca dos desdobramentos dessa palavra, esses que se configuram nas flexões verbais. Além disso, vale dizer que os gramáticos partilham da mesma ideia de Cegalla quando definem a classe verbal pela expressão de sentido.

Em um plano geral, ao definirem a classe gramatical *verbo*, os três autores se preocupam em evidenciar a função que essa classe exerce no interior de uma sentença, indicando o(s) significado(s) que o verbo pode exprimir. Entretanto, somente os gramáticos Bechara (2004) e Cegalla (2010), cujas gramáticas são as mais antigas em publicação, abordam os desdobramentos do verbo que são as flexões verbais; as quais destacamos, dentre as demais, a de *voz*, responsável pela atividade, reflexividade e passividade das construções, essa que nos interessa como estudiosos do tipo/função do clítico SE

Assim sendo, para Bechara (2004), a *voz verbal*:

Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (voz ativa) ou objeto do acontecer (voz passiva), ou agente e objeto ao mesmo tempo (voz média, incluindo reflexivo). (BECHARA, 2004, p. 213)

⁵ Os grifos dos exemplos apresentados nesta seção são nossos.

Com isso, observamos que Bechara relaciona a designação de cada voz ao sujeito, que ele trata como participante, e ao verbo, mais precisamente, aos objetos desses verbos. Deste modo, de acordo com o autor, em sua forma ativa, o verbo se apresenta para indicar que a pessoa à qual se refere é o agente da ação verbal, como em (5). Na voz passiva, a forma do verbo indica que a pessoa é o objeto da ação verbal, sendo o paciente da ação, como em (6). Por fim, na voz reflexiva, a forma verbal indica que a ação do verbo não é realizada por outro ser, sendo realizada pelo próprio agente (reflexiva propriamente dita), como em (7), e podendo atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexiva recíproca).⁶

(5) E **escrevo** a carta. (BECHARA, 2004, p. 222)

(6) A carta **é escrita** por mim. (BECHARA, 2004, p. 222)

(7) Ele **se enfeita**. (BECHARA, 2004, p. 223)

Igualmente, Cegalla (2010) afirma que os verbos são classificados em três tipos de vozes: ativa (8), passiva (9) e reflexiva (10):

(8) O patrão **chamou** o empregado. (CEGALLA, 2010, p. 196)

(9) O empregado **foi chamado** pelo patrão. (CEGALLA, 2010, p. 196)

(10) A criança **feriu-se** na gangorra. (CEGALLA, 2010, p. 196)

Cunha e Cintra, por sua vez, afirmam que a voz é o fato expresso pelo verbo e pode ser representado de três maneiras: como praticado pelo sujeito, exemplo (11); como sofrido pelo sujeito, exemplo (12), e como praticado e sofrido pelo sujeito, exemplo (13):

(11) João **feriu** Pedro. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 372)

(12) Pedro **foi ferido** por João. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 372)

(13) João **feriu-se**. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 372)

Assim, no primeiro exemplo, de acordo com o autor, o verbo está na voz ativa, no segundo, na voz passiva e no terceiro, na voz reflexiva. Como observamos nos exemplos, o objeto direto da voz ativa corresponde ao sujeito da voz passiva, enquanto que, na voz reflexiva, o objeto direto ou indireto é a mesma pessoa do sujeito, portanto, conforme o autor,

⁶ As reflexivas recíprocas são uma variação das construções reflexivas.

os verbos que admitem a mudança de voz são verbos transitivos (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 372). Diante dessa definição, é possível depreendermos que a voz verbal está relacionada ao sujeito da oração e aos tipos de verbos (transitivos direto e indireto).

Dessa forma, para Cunha e Cintra, a voz passiva se expressa com verbos auxiliares, como em (14); com o pronome apassivador *se* e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito, como em (15). Por sua vez, a voz reflexiva, para os gramáticos, exprime-se pela junção das formas verbais da voz ativa com os pronomes oblíquos *me*, *te*, *nos*, *vos*, *se* (singular e plural), como (16):

(14) Pedro**foi ferido** por João. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 373)

(15) a. Não **se vê**. (= é vista) uma rosa neste jardim.(CUNHA; CINTRA, 1985, p. 373)

b. Não **se vêem**. (= são vistas) rosas neste jardim. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 373)

(16) a. Eu**me feri**. (= a mim mesmo) (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 373)

b. Tu**te feriste**. (= a ti mesmo) (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 373)

c. Ele**se feriu**. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 373)

d. Nós**nos ferimos**. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 373)

e. Vós**vos feristes**. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 373)

f. Eles**se feriram**. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 373)

Em resumo, nas três definições apresentadas, os autores exploram as funções de sujeito e objeto para designarem as vozes verbais, portanto, será a função sintática exercida pela palavra (sendo ela um substantivo ou um pronome) que determinará o tipo de voz verbal da construção. Assim, amparados em Gomes (2007), podemos afirmar que, a partir dos conceitos apresentados, percebemos dois critérios que devem ser levados em consideração para identificação das vozes verbais de construções com SE, a saber, o morfológico e o semântico. De acordo com o autor, pelo morfológico, a passiva pronominal e a voz reflexiva constituem, estruturalmente, uma só voz, pois ambas são caracterizadas pela construção Verbo + SE e é a respeito dessas construções, bem como das construções conhecidas como impessoais, que tratamos a seguir.

Diante das particularidades das construções com o clítico SE, nas próximas seções, falamos de cada tipo/função que esse clítico pode exercer na sentença, individualmente; apresentando duas abordagens teóricas distintas: uma tradicional, a partir das concepções de Bechara (2004), Cegalla (2010) e Cunha e Cintra (1985); extraídas de suas gramáticas tradicionais; e outra de cunho gerativista, a partir das definições de Brito, Duarte e Matos em

Mateuset al. (2003) e das discussões de estudiosos que se propuseram a investigar o clítico SE em suas diferentes facetas, como Galves (1986), Nunes (1990) e Gomes (2007) e Cavalcante (2011a, 2011b e no prelo).

1.3 O SE COMO ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

O SE é caracterizado como índice de indeterminação do sujeito, tradicionalmente, por este ser a representação de um sujeito que não está expresso, lexicalmente, na sentença; assim, o SE assume a função de sujeito. A partir disso, apresentamos, a seguir, as definições do que se denomina SE-Indeterminado no âmbito da GT e da teoria gerativa.

1.3.1 SE-Indeterminado: uma leitura tradicional

Segundo Bechara (2004), as sentenças que apresentam o pronome SE como índice de indeterminação do sujeito são construções em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, funcionando como sujeito do conteúdo predicativo. Assim, essa construção é interpretada como *impessoal*, observemos no exemplo (17):

(17) **Abre-se** às dez. (BECHARA, 2004, p. 177)

Além disso, sobre as construções de SE-Indeterminado, Bechara acrescenta que:

[...] o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto -, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = ‘alguém tem casa para vender’) e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo: *Vendem-se casas* (= ‘casas são vendidas’) *Vendem-se casas* (= ‘alguém tem casa para vender’) *Vende-se casas*. (BECHARA, 2004, p. 178)

Percebemos que, à definição do que denominamos SE-Indeterminado, Bechara evidencia um aspecto para a classificação desse pronome, aspecto este que se trata da ausência de um substantivo funcionando como sujeito da oração. Observamos, também, que o autor classifica o SE como um índice de indeterminação do sujeito se este aparecer em construções com verbos específicos, sendo esses intransitivos ou transitivos diretos (com uma

interpretação impessoal) e os verbos de ligação, o que nos permite concluir que a designação da função do clítico SE dependerá, de certa forma, do tipo de verbo. Assim, para o autor, nas construções com transitivos diretos, existe uma passagem da passiva para a indeterminação que, conseqüentemente, levou o falante a não realizar a concordância entre o verbo e o seu objeto direto. Com isso, o gramático introduz outro aspecto⁷ para a classificação do SE-Indeterminado, a *não concordância* do verbo com os seus objetos.

Em uma outra definição, conforme Cegalla (2010), o SE é um índice de indeterminação do sujeito quando o verbo está flexionado obrigatoriamente na 3ª pessoa, como em (18). Além disso, conforme o autor, na língua padrão culta, o *você* não é usado no lugar de *se* para indeterminar o sujeito nessas construções com verbo na 3ª pessoa, como observamos em (19):

- (18) a. Ali **trabalhava-se** com prazer. (CEGALLA, 2010, p. 562)
 b. **Detesta-se** aos adúladores. (CEGALLA, 2010, p. 563)
 c. **Trata-se** de indivíduos aproveitadores. (CEGALLA, 2010, p. 563)
- (19) a. Antigamente **podia-se** andar sem medo pela cidade. (CEGALLA, 2010: 563)
 b. *Antigamente você **podia** andar sem medo pela cidade. (CEGALLA, 2010: 563)⁸

Com essa definição, notamos que o gramático define o SE-Indeterminado a partir dos mesmos critérios utilizados por Bechara (2004), os quais são a flexão do verbo em 3ª pessoa do singular, apresentados na sua própria definição, além dos tipos de verbos empregados⁹ e da não concordância entre o verbo e o seu objeto, o que fica evidente a partir dos exemplos escolhidos por Cegalla. Vale dizer que, em relação aos tipos de verbo, em seus exemplos, o autor traz outro tipo de verbo nas construções com SE-Indeterminado, não considerado pelo outro gramático, que é o verbo transitivo indireto, como podemos observar no exemplo (18c).

A partir disso, a definição de Cunha e Cintra (1985) apresenta aspectos semelhantes aos dos gramáticos anteriores para caracterizar o SE-Indeterminado, visto que, para o autor, o pronome oblíquo SE funcionará como símbolo de indeterminação do sujeito quando o pronome estiver junto à 3ª pessoa do singular de verbos intransitivos ou de transitivos tomados intransitivamente, como em (20):

⁷ Podemos afirmar que, a respeito dos aspectos para a determinação do SE como indeterminado, a não concordância entre o verbo e os seus argumentos é um dos principais, se não o único.

⁸ Este exemplo não pode ser considerado agramatical na língua falada.

⁹ Em seus exemplos, Cegalla apresenta três tipos distintos de verbos possíveis para as construções de SE-Indeterminado, a saber, um verbo intransitivo (trabalhar), outro transitivo direto (detestar) e, por fim, um transitivo indireto (tratar).

- (20) a. **Vive-se** ao ar livre, come –se ao ar livre, dorme-se ao ar livre. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 298)

b. **Martelava-se, serrava-se, acepilhava-se.** (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 298)

Em suma, a partir das definições mostradas, podemos afirmar que, em uma abordagem tradicional, o SE-Indeterminado ocorre em orações com o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular, em verbos intransitivos, transitivos indiretos e transitivos diretos em que o verbo não concorde com o seu objeto.

1.3.2 SE-Indeterminado: um olhar gerativista

O SE-Indeterminado, segundo Brito, Duarte e Matos (2003), é considerado um clítico argumental de referência arbitrária¹⁰, denominado por elas, também, de SE-nominativo ou SE-impessoal. Nessas construções, como em (21), “o sujeito da sentença, que representa uma entidade arbitrária, é assinalado pelo clítico *se*” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 836), assim, pois, estamos diante de um clítico sujeito impessoal ou indeterminado.

- (21) a. A grande questão está naquilo em que **se acredita**. (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, p. 837)

b. **Aluga-se** casas. (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, p. 837)

c. **Trabalha-se** demais. (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, p. 837)

De acordo com as autoras, interpretamos o sujeito associado ao clítico SE como um sujeito indeterminado e não específico que pode ser parafraseável por outras expressões nominais, como por exemplo, *alguém*, como em (22a). Por essa natureza semântica, nas construções com SE-nominativo¹¹, não é possível o redobro do clítico, como observamos em (22b). Além disso, o “se-nominativo é obrigatoriamente referencial, não podendo pois ocorrer associado a uma posição de pronome expletivo” (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, p. 837), como em (23); e por esse caráter referencial, é possível que esse clítico apareça em contextos de extração simultânea de clítico, como em (24).

¹⁰ A referência arbitrária corresponde aos constituintes que podem desempenhar a função de argumento externo ou interno na sentença, em que sua referência não está expressa lexicalmente.

¹¹ O SE denominado de SE-nominativo pelas autoras é o SE que recebe o Caso nominativo, este que, de acordo com Miotto, Silva e Lopes (2013), “é o caso atribuído à esquerda [...], o NOM é atribuído na relação Spec-núcleo.” (MIOTTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 176)

- (22) a. A grande questão está naquilo em que alguém/ alguma pessoa**acredita**. (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, 837)
 b. *Alguém**aluga-se**casas. (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, 837)
- (23) a. ***Há-sem**uitos livros nesta biblioteca. (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, 837)
 b. ***Parece-se** a toda gente que os professores comprem livros em excesso. (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, 837)
- (24) **Informa-se** que **se aluga apartamentos** e vende moradias. (MATEUS et al., 2003: 837)

Pensando no SE como argumento (interno ou externo) do sintagma verbal (doravante, VP)¹², de acordo com Galves (1986), o SE, assim como os demais clíticos, está associado às posições argumentais, mas não se constitui um argumento¹³ por si só. Para as construções denominadas de SE-Indeterminado, a autora apresenta o exemplo (25a) e a sua representação (25b) em que a cadeia (NP¹⁴, se, AGR¹⁵) recebe o papel temático de argumento externo¹⁶ e o caso nominativo, enquanto o NP2 recebe o papel temático¹⁷ de argumento interno¹⁸ e o caso acusativo¹⁹. Assim, a coindexação de SE e AGR em INFL²⁰ “torna a categoria vazia sujeito uma anáfora pronominal, o elemento tradicionalmente representado por PRO” (GALVES, 1986, p 23), o que explica a referência indeterminada para o argumento externo.

- (25) a. **Aluga-se**casas. (GALVES, 1986, p. 23)
 b. [+ pronome] [SV [INFL [se i AGR i] V SN 2 K]

¹²O VP (*VerbPhrase*), Sintagma Verbal, é uma categoria sintagmática, cujo núcleo é uma categoria lexical (V) (cf. RAPOSO, 1992, p. 67-66).

¹³Argumento(s) são elementos lexicais selecionados por um dado núcleo lexical, os quais coocorrerão com ele (cf. MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 127).

¹⁴O NP (*NounPhrase*), Sintagma Nominal, “é a categoria hierarquicamente superior, sendo (N) a sua categoria lexical central, o seu núcleo” (RAPOSO, 1992, p. 67-66).

¹⁵AGR (*agreement*) é o núcleo de uma categoria funcional de flexão verbal finita de número e pessoa, sendo um dos núcleos que formam o núcleo I de IP e é encabeçado pela projeção máxima AgrP. (cf. MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 61)

¹⁶De acordo com Mioto, Silva e Lopes, (2013) “o argumento externo é dominado pela projeção máxima do verbo ocupando a posição Spec VP”. MIOTO; SILVA; LOPES, p. 188)

¹⁷“As informações relativas às-seleção codificam o que é chamado em teoria gerativa de papel temático.” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 130)

¹⁸O argumento interno é o complemento do núcleo V. (cf. MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 132)

¹⁹O Caso Acusativo é o caso atribuído pelo núcleo lexical verbo, posiciona-se à direita do verbo e rege um complemento ao qual atribui Caso. (cf. MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 188)

²⁰INFL “é uma categoria de grau zero capaz de projetar de acordo com a teoria X-barra, sendo S a projeção máxima de Infl.” (RAPOSO, 1992, p. 192)

[+ anáfora]
 [+ pessoa]
SN1 i

(GALVES, 1986, p. 23)

A respeito do estatuto do SE-Indeterminado, Nunes (1990) lança a hipótese de que esse tipo de SE não absorve papel temático, ao contrário do que afirma Galves, mantendo o caráter temático da posição de sujeito. Conforme o autor, em (26), a indeterminação desse tipo de sentença “é gerada pela ligação entre o pronome que ocupa a posição de sujeito e o clítico se” (NUNES, 1990, p. 64), assim, essa ligação estabelece uma relação anafórica copronominal relacionada ao conteúdo referencial arbitrário de PRO²¹. Contudo, segundo Nunes, não basta existir um PRO na posição de sujeito e uma categoria anafórica para formar a relação de indeterminação, além disso, é necessário que essa relação envolva apenas um papel temático.

(26) **Aluga-se**casas. (NUNES, 1990, p. 64)

Para tratar o SE como sujeito da oração, sendo um SE-Indeterminado, Gomes (2007) afirma que deve haver uma discussão consistente a esse respeito, tendo em vista que, por se tratar de um pronome oblíquo, de acordo com a GT, o SE só se aplicaria ao reflexivo e passivo por esses apresentarem referente, visto que um pronome deve referir ou representar um ser. Outro empenho para a classificação desse pronome como sujeito é a atribuição de Caso Semântico²² e dos papéis temáticos de argumento.

Ao observar sentenças com verbos como: *comer*, *abater*, *ensinar* e *pedir*, todos transitivos (diretos e bitransitivos)²³ não concordando com o seu argumento interno e com o SE, Gomes argumenta que, pela atribuição de Caso, “é difícil dizer que o SE está no Caso nominativo, uma vez que este Caso é determinado pela concordância verbal” (GOMES, 2007, p. 127). Com isso, para o autor, se o SE não recebe o Caso nominativo, não sendo o sujeito da oração, qual Caso deve ser atribuído ao SE, tendo em vista que todo constituinte oracional

²¹ PRO (lê-se prozão) é “a categoria vazia [...] formalmente licenciada através do teorema de PRO [...] o qual restringe a sua ocorrência a contextos não regidos. A identificação do seu conteúdo é feita através da teoria do Controlo ou pela atribuição de uma interpretação arbitrária, conforme o contexto de ocorrência da oração que contém PRO como sujeito.” (RAPOSO, 1992, p. 476)

²² Caso Semântico ou, simplesmente, Caso “é uma noção semântica que corresponde ao papel que o argumento desempenha na relação estabelecida pelo núcleo lexical sintagma.” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 169)

²³ Seguem os exemplos de Gomes (2007):

Nessa padaria se come uns docinhos ótimos!;

Nesta granja, abatem-se mil galinhas diariamente;

Nesta escola ensinam-se as línguas mais faladas do mundo;

Pedem-se mais verbas para a educação. (GOMES, 2007, p. 124)

precisa ter um caso. Por isso, conforme o autor, nestes exemplos, o SE não pode ser o sujeito da oração.

Em sentenças com verbos como: *chorar, gritar, espernear, resolver, trabalhar, ganhar, viver e amar*²⁴ (intransitivos e transitivos diretos), seguidos de SE, o autor nos afirma que se tratam de verbos com sujeitos já indeterminados, pois, como descrito na GT, os verbos intransitivos seguidos de SE já são de sujeito indeterminado, enquanto que os verbos transitivos diretos são indeterminados pela argumentação feita.

Analizando sentenças com os verbos: *jogar, doar e cobrir*²⁵ (todos transitivos diretos) seguidos de SE, que são classificadas como passivas sintéticas, Gomes, baseado em Scherre (2005), confirma que essas sentenças não se tratam de passivas, mas sim de sentenças ativas com sujeito indeterminado, visto que a grade temática desses verbos prevê um agente²⁶ e um paciente²⁷, e, nessas sentenças, os NPs que seguem o verbo e o clítico, a saber, *búzios, filhotes e botões*, respectivamente, sintaticamente e semanticamente, “não podem ser o agente da ação verbal porque é neles que esta ação vai se realizar, ou seja, a ação de ‘jogar’, de ‘doar’ e de ‘cobrir’” (GOMES, 2007, p. 129). Em relação à concordância, o autor defende, também, a análise de Scherre, entendendo que a concordância entre o verbo e o seu argumento interno não é razão para afirmar que o SE é o sujeito da oração, sendo assim, para ele, “talvez se deva ao fato de, em orações apassivadas com o verbo SER, o NP, que estava em uma posição à direita do VP, passe para a sua esquerda” (GOMES, 2007, p. 19), como em (27):

- (27) a. **Abatem-se frangos.** (GOMES, 2007, p. 133)
 b. **Frangos são abatidos.** (GOMES, 2007, p. 132)

Diante desses argumentos, o autor conclui que, nas estruturas ativas com SE, este é um índice de indeterminação e não o próprio sujeito. Com isso, o autor

²⁴Seguem os exemplos de Gomes (2007):
Chora-se, grita-se, esperneia-se, mas não se resolve nada;
No Brasil, trabalha-se muito e ganha-se pouco
Vive-se feliz quando se ama. (GOMES, 2007: 123-124)

²⁵Seguem os exemplos de Gomes (2007):
Joga-se búzios/ Jogam-se búzios;
Doa-se filhotes/ Doam-se filhotes;
Cobre-se botões/ Cobrem-se botões. (GOMES, 2007, p. 124)

²⁶O “agente” é o papel temático do NP sujeito.

²⁷O “paciente” é o papel temático do NP complemento.

representa, arboricamente²⁸, a sentença “*Abatem-se frangos*”, exemplo (Figura 1), classificada como uma oração ativa com sujeito indeterminado.

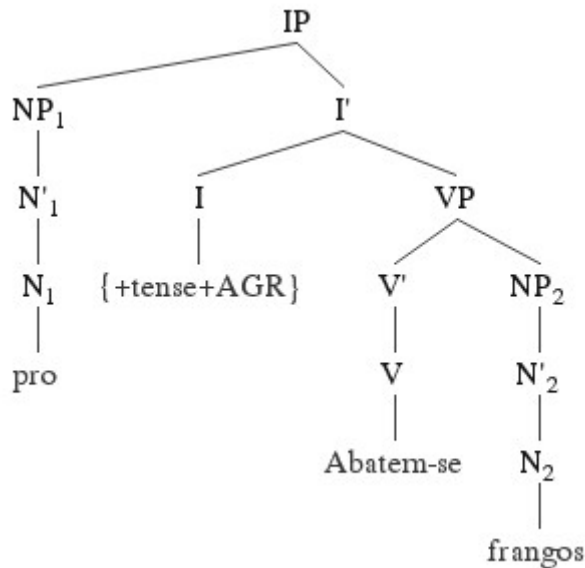


Figura 1 - Representação arbórea da sentença “*Abatem-se frangos*” conforme Gomes (2007, p. 134)

Fonte: (GOMES, 2007, p. 134)

A partir da representação, percebemos que o IP²⁹ domina, imediatamente, um NP sujeito que é preenchido por um *pro*, o que representa que esse argumento não é realizado fonologicamente, contudo, conforme Gomes, isso não significa a inexistência de um sujeito argumental, sendo o SE parte integrante do verbo.

Com essas discussões, observamos que existe uma divergência de posicionamentos dos autores quanto ao SE-Indeterminado como sujeito da sentença. Enquanto em Brito, Duarte e Matos (2003) e Nunes (1990) defendem que, nessas orações, o clítico está relacionado à posição de sujeito, sendo que, para as primeiras, o SE recebe o Caso nominativo e, conseqüentemente, é o sujeito da sentença, e, para Nunes, a indeterminação do sujeito se dá pela presença do SE; tanto Galves (1986) quanto Gomes (2007) defendem o caráter não argumental desse pronome, assim, para os autores o SE não é o sujeito da sentença, sendo esse representado por um *pro*, um elemento não realizado fonologicamente, definindo o caráter indeterminado do sujeito nessas sentenças.

²⁸ Em nosso texto, as representações arbóreas das sentenças que seguem, baseadas em Gomes (2007), foram elaboradas com o auxílio do aplicativo da *webphpSyntaxTree – drawingsyntaxtreesmadeeasy*. Disponível em: <http://ironcreek.net/phpsyntaxtree/>.

²⁹ IP (*InflectionalPhrase*) é o sintagma flexional, encabeçado pelo núcleo I, que “codifica as propriedades gramaticais que definem uma sequência como sentença.” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, 60)

1.4 O SE COMO PARTÍCULA APASSIVADORA

No âmbito tradicional, o SE-Passivo é caracterizado como partícula apassivadora quando serve para indicar que a sentença está em voz passiva sintética. Deste modo, a seguir, apresentamos as definições e discussões acerca desse tipo de SE na GT e na perspectiva gerativista.

1.4.1 SE-Passivo: uma leitura tradicional

Para explicar as sentenças denominadas como passivas de SE, Bechara (2004) apresenta a sentença (28):

(28) O banco só **se abre** às dez horas. (BECHARA, 2004, p. 177)³⁰

Assim, de acordo com o autor, no exemplo, o sujeito *banco* é constituído por um substantivo inanimado que, conseqüentemente, não pode ser agente da ação verbal, portanto, essa construção é interpretada como passiva, o que a gramática denomina de voz “passiva com SE” (cf. BECHARA, 2004, p. 177). Com isso, percebemos que o gramático classifica o SE como um pronome apassivador a partir de um critério semântico, levando em consideração o fato de o sujeito não ser animado, o que o faz um sujeito paciente ao invés de agente.

Segundo Cegalla (2010), o SE funciona como um pronome apassivador quando forma a voz passiva pronominal ao se juntar a verbos transitivos diretos como em (29):

- (29) a. **Sabe-se** que as línguas evoluem. (CEGALLA, 2010, p. 562)
 b. **Devolveram-se** as terras aos legítimos donos. (CEGALLA, 2010, p. 562)

Sobre o SE como partícula apassivadora, Cunha e Cintra afirmam que, no Português antigo e médio, normalmente, usava-se a passiva pronominal com agente expresso, como em (30), enquanto que, na língua moderna, essa prática é evitada, o que, para o autor, soa como artificial as construções como (31). :

³⁰ Os grifos são nossos.

(30) Este verbo, em nossa língua, nunca **se usou** pelos escritores vernáculos senão como equivalente a amar. (CUNHA E CINTRA, 1985,p 298)

(31) Aqui **se escreverão** novas histórias. (CUNHA E CINTRA, 1985,p 298)

Para os gramáticos, em frases do tipo (32):

(32) a. **Vendem-se**casas.(CUNHA E CINTRA, 1985, p. 299)

b.**Compram-se**móveis. (CUNHA E CINTRA, 1985, p. 299)

Casas e móveis são considerados os sujeitos dos verbos *vendem* e *compram* respectivamente, o que, para eles, explica a razão pela qual, na linguagem culta, evita-se deixar o verbo no singular.

Assim, diferentemente de Bechara, Cegalla classifica o SE-Passivo a partir de um critério sintático, pois considera o tipo de verbo, neste caso, os transitivos diretos, para classificar o que podemos chamar de SE-Passivo, enquanto Cunha e Cintra se limitam a descrever a estrutura das construções passivas no português antigo e atual. Portanto, para concluir,observamos que em nenhuma das definições o critério da concordância entre o verbo e seus argumentos é tratado claramente, no entanto, apesar de serem definições distintas, podemos inferir que, nas gramáticas tradicionais, a partir dos exemplos apresentados pelos autores, as construções com SE-Passivo ocorrem na presença de verbos transitivos diretos (como *usar*, *escrever*, *vender*, *comprar*, *saber* e *devolver*), em que o verbo, em 3ª pessoa, concorda em número com seu objeto.Com isso, podemos determinar que, além do tipo de verbo e da inexistência de um sujeito explícito na oração, aspectos evidenciados pelos autores, a concordância é um aspecto importante para determinar se o SE constitui uma partícula apassivadora.

1.4.2 SE-Passivo: um olhar gerativista

O SE-Passivo é caracterizado por Brito, Duarte e Matos como um clítico quase argumental com estatuto argumental e funcional. Contudo, baseando-nos nas autoras, entendemos que esse tipo de SE não constitui um argumento propriamente dito, visto que não lhe é atribuído caso; assim, esse tipo de SE possui, apenas, um valor argumental, funcionando como um morfema passivo. Deste modo, para as estudiosas, o SE-Passivo é referenciado por uma entidade arbitrária que é identificada como “agente da passiva”, como em (33). Nessas

construções, assim como as de SE-Indeterminado, não é permitido o redobro do clítico, exemplo (34).

(33) a. (...) no mundo de investimentos não é com reza e promessas que as crises se resolvem. (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, p. 839)

b. **Venderam-se** hoje muitos livros na feira do livro. (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, p.839)

(34) ***Venderam-se** hoje muitos livros por alguém na feira do livro. (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, p. 839)

Para as autoras, por seu valor quase argumental, as construções de SE-Passivo permitem interpretações de extração simultânea de clítico, como (35). Outra característica do clítico SE, como pronome apassivador, é o fato de ele acumular as funções típicas de um morfema passivo, assim “bloqueia a atribuição de relação temática à posição de argumento externo e de caso acusativo ao argumento interno do verbo” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 839-840), o que, para as autoras, “aproxima o referido clítico do afixo de particípio passado inacusativo na construção passiva e na construção de particípio absoluto” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 840), como em (36):

(35) Já hoje **se venderam e compraram** muitos livros na feira do livro. (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, p. 839)

(36) a. **Foram vendidos** hoje muitos livros (por alguém). (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, p. 840)

b. **Comprados** muitos dos livros que pelo público que acorrera à feira, o negócio parecia correr de feição. (BRITO; DUARTE; LOPES, 2003, p. 840)

Em um outro ponto de vista, Galves (1986, p. 20-23), ao aplicar a hipótese de Borer, apresenta a construção (37a), que tem sua estrutura representada em (37b), em que o SE “realiza” o papel temático de argumento externo enquanto o NP, que está posposto ao verbo, realiza o papel temático de argumento interno, contudo apenas o NP, por estar coindexado com Agr, recebe o caso nominativo. O clítico SE, por sua vez, segundo a autora, não recebe caso, visto que ele mesmo é “a realização da função temática atribuída pelo verbo ao argumento externo” (GALVES, 1986, p. 23) Com isso, semelhante a proposta anterior, a autora não caracteriza o SE-Passivo como um argumento, tendo em vista que este realiza

apenas a função temática atribuída ao argumento externo, não sendo o próprio argumento, pois não recebe caso. O caso nominativo é atribuído ao NP complemento não havendo caso acusativo para atribuir, semelhantemente às estruturas inacusativas.

- (37) a. Alugam-se casas. (GALVES, 1986: p. 23)
 b. O [VP [INFL [se j AGR i] V NP_i] (GALVES, 1986: p. 23)

Em contrapartida, Nunes (1990), em sua hipótese, acredita que, enquanto passivo, o *se* absorve o caso acusativo do argumento externo. Com isso, partindo do Princípio A da Teoria da Ligação, interpretado como: “uma anáfora deve encontrar sua referência nos limites de I’ (IP)” (NUNES, 1990, p. 61); o autor assume que é, justamente, isso que ocorre em construções de SE-Passivo, o qual *se* constitui, para Nunes, um clítico anafórico, como observamos em (38), pois, para ele, neste exemplo, temos dois papéis temáticos para uma única referência, visto que “o clítico *se* é ligado ao expletivo em CADEIA com o SN³¹ *casas*.” (NUNES, 1990, p. 62)³². Dessa forma, Nunes (1990) atribui um estatuto argumental ao clítico SE nas orações com SE-Passivo, pois, para o autor, o SE absorve o Caso acusativo atribuído ao argumento externo pelo V.

- (38) **Alugam-se** casas. (NUNES, 1990, p. 61)

Gomes (2007), em seu trabalho a respeito das orações com SE-Passivo ou, simplesmente, “passivas sintéticas”, afirma que, no Português Brasileiro, há orações desse tipo. Para discutir acerca dessas construções, o autor apresenta exemplos de sentenças com os verbos: *abrir*, *sentir*, *situar*, *arrepender*, *vestir* e *trajar*³³; seguidos de SE. Para o autor, pela classificação semântica dos verbos, *abrir* e *arrepender* indicam processo, enquanto *sentar*, *situar*, *vestir* e *trajar* indicam estado, não havendo verbos de ação nessas sentenças. Em relação à grade temática desses verbos, mais precisamente, à classificação dos argumentos na

³¹ O SN (Sintagma Nominal) corresponde ao que ora chamamos de NP.

³² Na citação de Nunes (1990), SN equivale a NP (Sintagma Nominal), pois o autor opta pela sigla portuguesa.

³³ Seguem os exemplos de Gomes (2007):

A porta abriu-se;

Maria sente-se infeliz;

O teatro situa-se nesta rua.

João se arrependeu;

Maria veste-se bem;

João trajava-se com elegância. (GOMES, 2007: 139)

posição sujeito, nos verbos *sentir* e *vestir*, os NPs sujeitos são experienciadores³⁴ e nos verbos *abrir*, *situar*, *arrepender*, *trajarsão* temas³⁵, não existindo agentes por não haver verbos de ação nesses exemplos. Sobre essas orações, Gomes, ainda, afirma que o SE é correferente dos NPs sujeito, com isso, de acordo com o autor, “temos sentenças passivas com um pronome, SE, apassivador” (GOMES, 2007, p. 140).

Para ilustrar a estrutura dessas sentenças, o autor representa, arboricamente, os seus exemplos, dos quais destacamos “*A porta abriu-se*” (Figura 2) e “*Maria sente-se infeliz*” em (Figura 3):

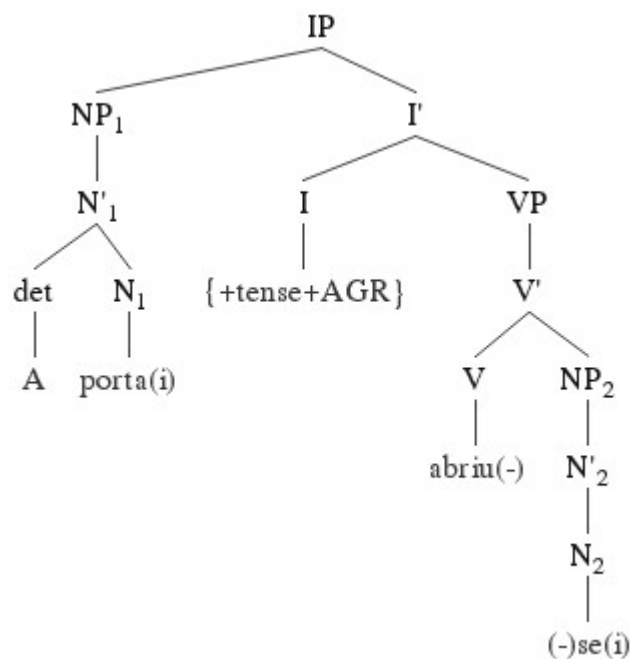


Figura 2– Representação arbórea da sentença “A porta abriu-se” conforme Gomes (2007, p. 142)

Fonte: (GOMES, 2007, p. 142)

³⁴Experienciador é o papel temático atribuído ao NP.

³⁵ Tema é o papel temático atribuído ao NP.

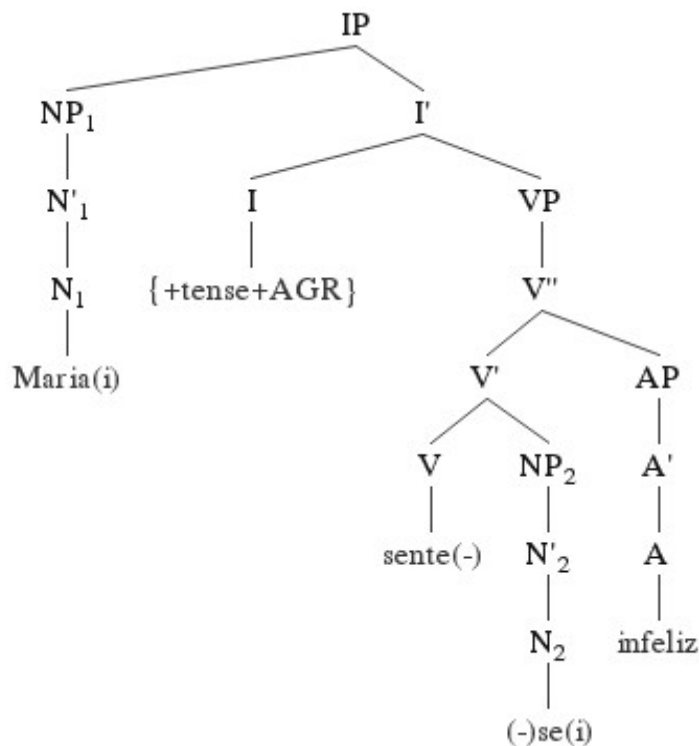


Figura 3 – Representação arbórea da sentença “Maria sentiu-se infeliz” conforme Gomes (2007, p. 143)

Fonte: (GOMES, 2007: 143)

Na representação da Figura 2, o NP *porta* é imediatamente dominado pelo IP na função de sujeito sem deixar de ser o tema do verbo *abrir*. Com isso, o SE ocupa a posição desse NP, sendo dominado imediatamente pelo VP, assim, há uma “correferencialidade” do NP e do pronome SE, o que atende à subcategorização do verbo *abrir* (que pede dois argumentos). Deste modo, Gomes nos afirma que, desse verbo, “deriva-se o verbo pronominalizado ‘abrir-se’, e esta pronominalização tem por finalidade realizar a apassivação” (GOMES, 2007, p. 15), portanto estamos diante de uma construção de SE-Passivo.

Já na projeção da Figura 3, o NP imediatamente dominado pelo VP é preenchido pelo clítico SE, o qual é correferencial do NP sujeito *Maria* imediatamente dominado pelo IP, sendo experienciador do estado verbal. Assim, para o autor, o SE atende à subcategorização do verbo *sentir* (que exige um NP imediatamente dominado pelo VP), derivando o verbo pronominalizado *sentir-se*, assim como em (37), há também uma construção passiva.

Diante do exposto, Gomes estabelece princípios necessários para haver apassivação, a saber:

- i. O verbo da voz passiva pronominal não pode ser verbo de ação, mas de processo, ação-processo e estado. ii. Nosso segundo princípio decorre do primeiro. Se o verbo não pode ser de ação, claro que o sujeito não pode ser agente. iii. Na passiva sintética, o pronome ‘se’ é sempre correferencial do NP sujeito da sentença. (GOMES, 2007, p. 151)

A partir dessas abordagens, percebemos que cada autor apresenta uma definição diferente acerca do SE-Passivo, mas é possível estabelecermos semelhanças nessas discussões, principalmente, quanto ao estatuto argumental e a atribuição de Caso a esse tipo de SE. Deste modo, enquanto Nunes (1990) afirma que o SE-Passivo recebe o Caso Acusativo do argumento externo de V; Galves (1986), Brito, Duarte e Matos (2003) e Gomes (2007) não consideram o SE-Passivo como argumento externo de V, pois, para esses autores, o Caso acusativo não é atribuído ao SE-Passivo.

1.4.3 A Passividade do SE

De uma forma geral, as construções denominadas de “passivas sintéticas” ou construções de SE-Passivo, nas línguas românicas, são definidas pelo fato de o SE assumir o papel de um pronome apassivador, quando, como vimos nas definições tradicionais, há concordância, na 3ª pessoa do plural, entre o verbo transitivo direto e seu objeto, em que esse objeto se constitui sujeito da oração. No plano dos estudos gerativistas, os trabalhos de Cavalcante (2011a, 2011b e no prelo) buscam analisar essas construções em textos portugueses (europeu e brasileiro), a fim de se verificar o estatuto passivo dessas construções denominadas de passivas de SE.

Em seus trabalhos, Cavalcante evidencia que essas construções são um desafio para a teoria sintática no que diz respeito à posição de sujeito e à checagem de Caso. Dentro do quadro teórico do gerativismo, a pesquisadora apresenta, em seus trabalhos, a existência de duas perspectivas distintas de análise dessas construções de SE-Passivo, uma pautada na Teoria da Regência e Ligação, no caso de Brito, Duarte e Matos (2003), já apresentada neste capítulo, e outra desenvolvida na perspectiva do Programa Minimalista que se diferencia tanto da primeira proposta quanto da análise tradicional.

De acordo com a autora, em Brito, Duarte e Matos, percebe-se que o argumento interno não pode receber o caso acusativo, tendo que receber o caso nominativo, o que explica a concordância entre o verbo e o argumento interno, enquanto que as construções com argumento interno no singular são interpretadas como ambíguas. Conforme a estudiosa, essa definição apresenta dois pronomes distintos, um argumental e outro não argumental:

Trata-se, portanto, de dois pronomes distintos: um que desempenha papel sintático – o se-passivo – e o outro um elemento lexical – o se-nominativo. O se-passivo ‘transforma’ o verbo transitivo em um verbo inacusativo, quando, por absorver o papel temático externo do verbo transitivo, o impede de atribuir Caso acusativo ao seu argumento interno. [...] O se-nominativo, ao contrário, é um elemento lexical que contém traço [+humano, -definido] que faz com que a interpretação do sujeito da sentença seja arbitrária. (CAVALCANTE, 2011a, p. 528)

Assim, conforme a autora, na abordagem de Brito, Duarte e Matos, o SE-Passivo não é um argumento, comportando-se como um morfema passivo, enquanto o SE indefinido ocupa a posição de sujeito, sendo um argumento. Conforme Cavalcante, esse tipo de análise iguala três tipos de orações: inacusativas³⁶, passivas e construções com SE, o que é um problema, pois, nas construções inacusativas, não é possível a interpretação de um sujeito, o que ocorre nas construções passivas e nas construções com SE, como podemos observar em (36):

- (39) a. A porta abriu. (CAVALCANTE, 2011a, p. 529)
 b. A porta foi aberta. (CAVALCANTE, 2011a, p. 529)
 c. A porta abriu-se. (CAVALCANTE, 2011a, p. 529)

No intuito de embasar suas pesquisas, Cavalcante assume a proposta de análise de Raposo e Uriagereka (1996) para as construções conhecidas como passivas de SE no Português Europeu. Essa análise é amparada no quadro teórico minimalista e trata essas construções como ativas, em que o DP³⁷ argumento interno é um objeto que concorda com o verbo e o SE é o sujeito. Assim, a concordância se dá pelo movimento do DP que, quando sai da posição de objeto, não ocupa a posição de sujeito, mas sim de tópico, sendo assim, quem ocupa a posição de [Spec, T]³⁸ é o clítico SE. Diante disso, de acordo com a autora:

Raposo e Uriagereka (1996) resolvem a questão da concordância entre o verbo e seu argumento interno plural, argumentando que (a) SE é um ‘DP mínimo’, no sentido de possuir traços semânticos reduzidos {[humano], [indefinido]}, como PRO e, portanto, SE checa o traço D e T, e recebe,

³⁶ “As sentenças inacusativas não selecionam um argumento externo [...] não atribuem caso acusativo” (RAPOSO, 1992, p. 367).

³⁷ O DP (*DeterminerPhrase*), Sintagma Determinante, “um sintagma formado por um nome e um determinante” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 53).

³⁸ O [Spec, T], especificador de T (*tense*), é o núcleo de uma categoria funcional de flexão verbal finita de modo e tempo, sendo um dos núcleos que formam o núcleo I de IP e é encabeçado pela projeção máxima TP (cf. MIOTO; SILVA; LOPES, 2013, p. 61).

como PRO, Caso nulo e (b) no PE existem duas posições disponíveis para checar o nominativo, [Spec, T] e uma outra F. Essa posição F encontra-se à esquerda de T. É nessa posição que o DP argumento interno vai checar o Caso Nominativo. (CAVALCANTE, 2011a, p. 531)

Sendo assim, segundo Cavalcante, em seus trabalhos, é possível diferenciar três tipos de SE, a saber, o *SE-impessoal* (ou nominativo, ou genérico), o *SE-passivo* e o *SE-indefinido*:

O SE-impessoal [...] é um argumento, ocupa uma posição argumental e o argumento interno do verbo, quando ocorre, é um objeto. O SE-passivo é um morfema, capaz de mudar a diátese verbal e portanto a atribuição de Caso acusativo e nominativo, e não absorve o papel temático de argumento externo, dada a possibilidade de aparecer um PP agente da passiva. As construções de SE-indefinido são estruturas ativas e não passivas, e compartilham com as estruturas sem concordância – se-impessoal – o fato de o SE ocupar a posição de sujeito.” (CAVALCANTE, 2011a, p. 534).

Deste modo, para a autora, as propriedades de cada tipo de SE estão relacionadas com as propriedades de uma determinada gramática; conseqüentemente, é possível dizer que o SE-passivo será produtivo em gramáticas que não tenham uma posição pré-verbal específica estabelecida para o sujeito. Com isso, no Português Clássico, em que a posição de sujeito estabelecida é pós-verbal, possivelmente, ocorrências desse tipo serão atestadas.

A partir da análise de Raposo e Uriagereka (1996) sobre as ditas construções de SE-Passivo no Português Europeu, bem como as discussões acerca da mudança na posição de sujeito na história do português, desenvolvidas por Galves, Brito e Paixão de Sousa (2005) e Galves e Paixão de Sousa (2010), Cavalcante realiza seus estudos, buscando entender o estatuto dessas construções na história da Língua Portuguesa, estudos esses que resumiremos.

Em “*O se-passivo é passivo? Revisitando as construções com SE na história do Português*”, Cavalcante (2011b) busca investigar os DPs das ditas construções passivas sintéticas em comparação com os DPs de passivas analíticas e das construções analíticas em textos do Português Europeu, que datam do século XVI ao XIX, extraídos do *Corpus TychoBrahe*, observando o comportamento dessas construções ao longo do tempo. A autora compara o comportamento das construções de SE-indefinido³⁹ com as outras construções com SE (reflexivo, inerente, ergativo) e com as passivas analíticas. A partir de uma análise quantitativa, ela defende que essas construções (ditas passivas sintéticas) não podem ser analisadas como passivas.

³⁹ Neste momento, a autora já adota essa definição classificada por Raposo e Uriagereka (1996) que denominam de SE-indefinido as construções em que o DP argumento interno pode desencadear a concordância com o verbo, que difere das outras classificações de SE-passivo.

Dessa forma, os resultados gerais de Cavalcante, naquele trabalho, mostram dois padrões distintos nas construções analisadas: um de estabilidade e outro de mudança, que separam os comportamentos dos sujeitos das construções ativas, passivas e com SE-indefinido. O padrão de estabilidade é encontrado nas construções com SE-indefinido, pois existe uma preferência pelos argumentos pós-verbais ao longo dos séculos; diferente das outras construções que mostram um padrão de mudança, apresentando uma preferência pela posição de sujeito pré-verbal. Outra questão é a dos sujeitos nulos que aparecem com mais frequência nas outras construções do que nas de SE-indefinido. Esses resultados parecem indicar que o argumento interno das construções com SE-indefinido se comporta como complemento e não como sujeito.

Conforme Cavalcante, o padrão na ordem linear do DP das construções de SE-indefinido, comparado ao padrão de sujeito, pode ser considerado um diagnóstico mais preciso para o caráter ativo dessas construções, tendo em vista que os DPs dessas construções apresentam baixos índices de anteposição e de argumento nulo, o que o define como analítico. Além disso, a autora propõe que deve ter existido, em algum momento da história da Língua Portuguesa, uma mudança de passiva para ativa nas construções com SE, mas só as sentenças ativas podem ser interpretadas e geradas pela gramática. Assim, observamos que, nos dados analisados, essas construções com SE em que o verbo concorda no plural com o argumento interno não apresentam comportamento sintático de construções passivas.

Cavalcante (2011a) apresenta uma análise quantitativa que, assim como no estudo anterior, compara as construções com SE indefinido/passivo com as construções analíticas e outras construções com SE, também, em textos do *TychoBrahe* que datam do século XVI ao XIX, com o objetivo de mostrar que, a partir da comparação do padrão na ordem do sujeito dessas três construções, a evolução da mudança linguística que afetou a posição de sujeito pode ter afetado as construções passivas sintéticas. Assim, a autora assume a hipótese de que a mudança na posição de sujeito pode ter desencadeado a mudança de SE-Passivo a Indefinido.

Os resultados de Cavalcante (2011b) mostram que, na diacronia, não é possível decidir se estamos diante de um SE-Passivo ou SE-Indefinido, pois, de acordo com a autora, os enunciados são semelhantes. Para ela, não tem como diferenciar uma construção da outra, visto que:

[...] as construções com SE nos textos dos séculos XVI e XVII são uma mistura entre SE-passivo e SE- indefinido: tanto os DP's sujeitos das construções de SE-passivo quanto os DPs objetos das construções de SE-indefinido sofrem topicalização quando antepostos (CAVALCANTE, 2011, p. 540)

A partir do século XVIII, as construções passivas desaparecem, restando apenas as indefinidas. Sobre a posição do argumento interno, nessas construções, os resultados apontam que, entre os séculos XVI e XVII, o índice de anteposição do argumento interno é igual nas três construções. Com isso, a autora nos afirma que “os padrões estatísticos indicam o encaixamento da mudança que envolve as construções com SE de passivo para indefinido, como estando relacionada à mudança na posição de sujeito” (CAVALCANTE, 2011, p. 540). Assim, entendemos que há um desaparecimento dessas construções de SE-passivo no século XVIII que é impulsionada pela mudança na posição de sujeito que passa de pós para pré-verbal.

Por fim, em “*Revisitando as construções com SE na história do Português Brasileiro*” (no prelo), a autora investiga as construções de SE- Passivo no Português Brasileiro comparadas às de passivas analíticas, considerando a posição do argumento interno em ambas, com o objetivo de observar o comportamento do argumento interno e da concordância entre ele e o verbo, no intuito de verificar se essas construções são, de fato, passivas na história do Português Brasileiro. Com isso, Cavalcante parte da hipótese de que, se as construções com SE são consideradas como passivas pela concordância do verbo com o argumento interno, sendo o sujeito, devem-se observar semelhanças nas construções passivas analíticas.

Nos resultados, os índices quantitativos indicam que, no Português Brasileiro, a posição canônica do DP argumento interno das construções com SE é pós-verbal. Por sua vez, os DPs sujeitos nas passivas analíticas possuem comportamento diferente das construções com SE, pois apresentam variação na ordem do sujeito (pré-verbal e pós-verbal), havendo preferência pela posição pré-verbal, diferente do DP argumento interno das construções com SE, o que corrobora a proposta de Raposo e Uriagereka (1996) para determinar se essas construções são consideradas passivas ou ativas, portanto, é possível afirmar, diante dos resultados, que essas construções não são passivas, mas sim ativas no Português Brasileiro, assim como no Português Europeu.

Destarte, a partir dos estudos desenvolvidos por Cavalcante, percebemos que as construções que ora denominamos de SE-Passivo, na verdade são construções ativas, o que se pode comprovar a partir da comparação dessas construções com passivas analíticas, tendo em

vista a posição dos DPs sujeito dessas orações e a posição dos DPs argumento interno das construções com SE, sendo esses últimos os que receberiam o Caso nominativo e, conseqüentemente, a função de sujeito. Assim, os trabalhos de Cavalcante apresentam algumas explicações sobre a passividade do SE na história do português, contudo acreditamos que ainda existem lacunas a serem preenchidas para se determinar o estatuto desse tipo de SE, o que por hora não é o nosso objetivo.

1.5O SE COMO PRONOME REFLEXIVO

O SE como pronome reflexivo representa uma ação que é praticada e sofrida pelo sujeito, assim, o pronome SE referenciará o sujeito e será o objeto direto do verbo na oração. Diante disso, seguem as definições de SE-Reflexivo para a GT e para a Gramática Gerativa.

1.5.1 SE-Reflexivo: uma leitura tradicional

Para tratar do SE-Reflexivo, Bechara chama atenção para a *reflexividade* que, para ele:

[...] consiste, na essência, na inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal. Em outras, palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente). (BECHARA, 2004, p. 176).

Com isso, o autor explica o que ocorre nas sentenças (40) e (41):

(40) Joãose **banha**. (BECHARA, 2004, p.176)

(41) João e Mariase **amam**. (BECHARA, 2004, p. 176)

Assim, conforme Bechara, em (40) temos um exemplo da reflexividade “própria”, pois é possível que *João* possa banhar a si mesmo, em que o SE exerce a função de objeto direto. Enquanto que, em (42), o significado do verbo *amar* trata de duas pessoas, supõe-se o amor de alguém por outro alguém, dando uma outra acepção de reflexividade, em que “*João ama Maria*” e “*Maria ama João*”, o que, para o autor, não se trata de uma reflexividade pura, mas sim uma “reflexividade recíproca”.

As construções com SE-Reflexivo são, portanto, segundo Bechara (2004), caracterizadas pelo pronome como objeto (direto ou indireto) representando,

simultaneamente, o mesmo referentado sujeito. Da mesma forma, Cegalla (2010) apresenta alguns contextos em que o pronome SE funcionará como um pronome reflexivo, sendo esses: pronome reflexivo com a função sintática de objeto direto de verbos reflexivos, como em (42a); pronome reflexivo com a função de objeto indireto de verbos reflexivos, como em (42b); pronome reflexivo com a função de verbos reflexivos recíprocos, como em (42c); pronome reflexivo e objeto indireto de verbos reflexivos recíprocos, como em (42d) e pronome reflexivo como sujeito de um infinitivo, como em (42e).

- (42) a. Se você está doente, **trate-se**. (CEGALLA, 2010, p. 562)
 b. O rapaz **dá-se** muita importância. (CEGALLA, 2010, p. 562)
 c. Os dois **amam-se** como irmãos. (CEGALLA, 2010, p. 562)
 d. Os dois **deram-se** provas de profunda amizade. (CEGALLA, 2010, p. 562)
 e. O cego **deixa-se** levar pelo guia. (CEGALLA, 2010, p. 562)

De acordo com Cunha e Cintra (1985), o pronome reflexivo expressa o objeto direto ou indireto quando este representa a mesma coisa que o sujeito do verbo. Dessa forma, para ele, o reflexivo apresenta três formas que se aplicam tanto à 3ª pessoa do singular quanto à do plural, sendo elas: *se*, *si*, *consigo*, exemplos (43).

- (43) a. Ele **vestiu-se** rapidamente. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 272)
 b. Ela fala sempre de **si**. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 272)
 (c) O pintor não trouxe o quadro **consigo**. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 272)
 (d) Eles **vestiam-se** rapidamente. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 272)
 (e) Elas falam sempre de **si**. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 272)

Nas pessoas do plural, as formas de reflexivos são empregadas para indicar a reciprocidade da ação, ou seja, indica que “a ação é mútua” entre os indivíduos que participam da mesma, o que caracteriza estes pronomes, também, como recíprocos, como em (44). Conforme Cunha e Cintra, como essas formas são bastante semelhantes, a saber as do pronome reflexivo e a do recíproco, pode existir ambiguidade com um sujeito plural, como em (45):

- (44) José e Antônio não **se cumprimentam**. (CUNHA E CINTRA, 1985, p. 272)
 (45) Joaquim e Pedro **enganaram-se**. (CUNHA E CINTRA, 1985, p. 273)

Assim, em (44) temos um exemplo de reflexivo recíproco em terceira pessoa do plural sem ambiguidade, pois o verbo *cumprimentar* exprime uma ação realizada por duas pessoas distintas, sujeito e objeto, permitindo, assim, que essa sentença signifique *José cumprimenta Antônio* e vice versa. Em contrapartida, a sentença (45) pode significar quetanto *Joaquim e Pedro* cometeram o engano quanto que *Joaquim enganou Pedro* e vice-versa. Com isso, os autores destacam que, para marcar a ação reflexiva, acrescentam-se as formas com pronomes tônicos *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo* etc. a depender da pessoa. Enquanto que, para as formas recíprocas, agrega-se uma expressão pronominal, como *um ao outro, uns aos outros, entre si*; ou um advérbio como *reciprocamente, mutuamente*, exemplos (46).

- (46) a. Joaquim e Pedrose enganaram a si mesmos. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 273)
 (b) Joaquim e Pedrose enganaram entre si. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 273)
 (c) Joaquim e Pedrose enganam mutuamente. (CUNHA; CINTRA, 1985: 273)

Nas definições discutidas, podemos observar que todos os gramáticos, basicamente, caracterizam o SE-Reflexivo como aquele que exerce a função sintática de objeto direto e indireto de verbos reflexivos a partir dos exemplos apresentados por eles. Por tanto, de uma forma geral, podemos afirmar que, em um plano tradicional, as construções com SE-Reflexivo podem ser definidas como aquelas em que o pronome SE representa o sujeito e o objeto ao mesmo tempo, contudo exerce a função sintática de objeto direto ou indireto na oração.

1.5.2 SE-Reflexivo: um olhar gerativista

Conforme Brito, Duarte e Matos (2003) os clíticos reflexivos ou reflexos, como denominados pelas autoras, de uma forma geral, podem ser caracterizados como clíticos argumentais, visto que ocorrem associados às posições argumentais de objeto direto ou indireto de verbos transitivos ou ditransitivos, além de se relacionarem com os argumentos de um verbo subordinado nas construções de Marcação Excepcional de Caso e de Reestruturação (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 385), como observamos no exemplo (47). Para as autoras, “esses tipos de clíticos admitem construções de redobro em que o constituinte redobrado assinala a posição argumental a que o clítico está associado” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p.386), como em (48):

(47) **Defender-se** da influência estrangeira é matar sua própria cultura – afirma Vargas Llosa. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 835)

(48) **Defender-se** si próprio da influência estrangeira é matar sua própria cultura. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 835)

Segundo Gomes (2007), a forma reflexiva é a mais genuína do SE, visto que, historicamente, ele é reflexivo. Para explicar o SE-Reflexivo, o autordiscute exemplos com os verbos: *ajoelhar*, *matar*, *olhar*, *manifestar*, *suicidar*, *beijar* e *zangar*⁴⁰, em que, com exceção do verbo *ajoelhar*, todos são transitivos. Sobre esse verbo, ele afirma que se trata de um verbo ação-processo que não transita para um outro ser, portanto, o NP sujeito, neste caso, *João*, é ao mesmo tempo agente e tema da ação-processo verbal, o que determina o SE como reflexivo. Quanto aos demais verbos, o autor observa a grade temática e verifica que se tratam de verbos que preveem agentes, pacientes, experienciador, tema, locativo⁴¹ e objetivo⁴².

Como observa Gomes (2007), ao analisar cada oração separadamente, na sentença com o verbo *matar*, o SE é reflexivo, pois o NP sujeito dominado imediatamente pelo IP, recebendo o papel temático de agente, neste caso, *Maria*, e o NP complemento dominado imediatamente pelo VP, são o mesmo ser no mundo na estrutura intermediária, quando passando para estrutura superficial o NP complemento é apagado e substituído pelo SE. O mesmo ocorre com os verbos *olhar* e *manifestar*, em que agente e paciente são correferentes, sendo o NP sujeito e NP complemento o mesmo ser, o que determina que há reflexividade.

Diferente desses verbos, de acordo com Gomes, nos verbos *suicidar*, *beijar* e *zangar*, é necessária uma melhor explicação para classificar tais sentenças como de SE-Reflexivo. Com isso, para o autor, o verbo *suicidar*, é, naturalmente, reflexivo, visto que essa ideia já está contida em sua etimologia, em que, segundo ele, é possível dizer que, nesse verbo, “o ‘sui’ seja o pronome latino reflexivo *sui*, *sibi*, *se* e [‘-cida’], o radical latino que significa ‘que mata’. Logo, ‘suicidar-se’ é ‘o que mata a si próprio’” (GOMES, 2007: 160). Por sua vez, o

⁴⁰Seguem exemplos de Gomes (2007):

João se ajoelhou;

Maria se matou;

Pedro se olha no espelho;

Os trabalhadores manifestaram-se contra o projeto;

Romeu e Julieta se suicidaram;

João e Maria se beijaram;

Meu amigo zangou-se com o vizinho. (GOMES, 2007: 153)

⁴¹Papel temático.

⁴²Papel temático.

verbo *beijar* prevê a existência de um agente, aquele que beija, e um paciente, aquele que é beijado, assim, para Gomes, no exemplo em que os NPs sujeitos agentes são *João e Maria*, “o SE é correferente dos sujeitos e tem a função de fazer a ação recair sobre os sujeitos que a praticaram” (GOMES, 2007, p. 169), o que se trata de um caso de reflexividade recíproca, visto que se insere um paciente diferente de um agente, praticando um sobre o outro a mesma ação verbal (cf. GOMES, 2007, p. 168). Por fim, no verbo *zangar*, não há agente e paciente, mas sim experienciador e tema, por isso, de acordo com Gomes, não se trata de uma oração reflexiva e sim passiva, pois o verbo em questão indica processo e não ação.

Diante dessas análises, Gomes conclui que “o SE reflexivo só acontecerá com verbos de ação, com sujeito agente e correferencial de um pronome da mesma pessoa do sujeito” (GOMES, 2007, p. 173), como podemos verificar na representação arbórea da Figura 4, prevista pelo autor para a sentença “*Maria matou-se*”:

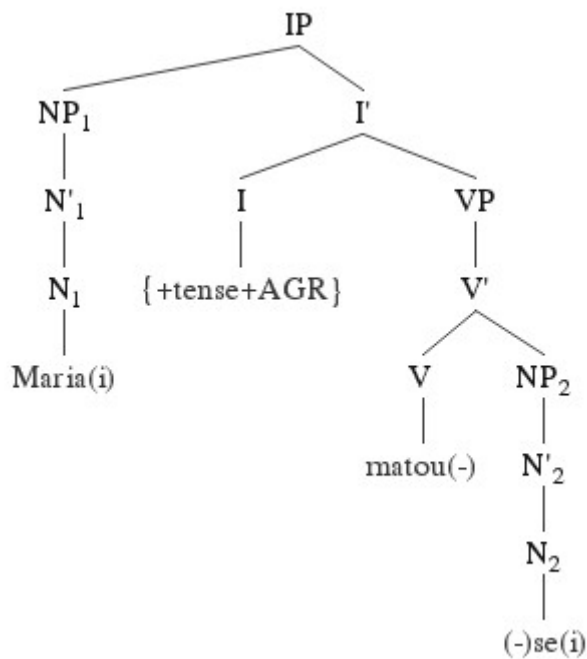


Figura 4 – Representação arbórea da sentença “*Maria matou-se*” conforme Gomes (2007, p. 155)
Fonte: (GOMES 2007: 155)

Destarte, concluímos que, ao definirem o SE-Reflexivo, tanto Brito, Duarte e Matos (2003) quanto Gomes (2007), apesar de apresentarem definições pouco semelhantes, partilham da ideia que o SE, nesse tipo de oração, é argumental, ou seja, exerce a função de um argumento, neste caso, argumento interno (complemento).

Para finalizar, após entendermos o tipo/função do SE, a partir de definições e discussões acerca desse clítico no âmbito da GT e do modelo gerativista⁴³, investigamos se, na história do Português Clássico, a ordem (próclise/ênclise) desse clítico está relacionada aos seus tipos SE-Indeterminado, SE-Passivo e SE-Reflexivo, apresentados e definidos nessa seção. Para tanto, fez-se necessário um *corpus*, do qual foram extraídas as ocorrências com SE, e uma *metodologia* de busca, classificação, descrição e análise dessas ocorrências, os quais apresentamos e descrevemos na seção seguinte.

⁴³ Vale esclarecer que não assumimos nenhuma dessas definições para a nossa análise de dados. A análise dos dados obedeceu aos critérios estabelecidos na descrição da anotação sintática do *corpus* TychoBrahe para definir cada tipo de SE (vide Capítulo 2, seção 2.3.1.2), tendo em vista que os dados analisados estão sintaticamente anotados.

2 PARA UMA INVESTIGAÇÃO DIACRÔNICA DO CLÍTICO SE NA LÍNGUA PORTUGUESA: CORPUS E METODOLOGIA

“[...] não deve surpreender que os momentos que mais apaixonam os linguistas sejam, desde sempre, os de grande aceleração, aqueles em que a língua, ou como grande animal que se remexe no sono, ou como placa tectônica que se acomoda a novas pressões, muda em pouco mais tempo que a vida do homem e o inventário e a correlação das suas unidades constitutivas, muda a sua ocupação do espaço, muda o serviço comunicador que presta a um colectivo humano.

(Ivo Castro)

2.1 APRESENTAÇÃO

O capítulo que segue trata da descrição do *corpus* e da metodologia adotados para a realização desta pesquisa, especialmente, no que diz respeito à busca dos dados com o clítico SE no Português Clássico (PCI). Dessa forma, este capítulo está dividido em três partes: i) resumo acerca dos fundamentos da Linguística Histórica, Mudança Gramatical e os estudos sobre as Gramáticas do Português e a Sintaxe dos Clíticos na Língua Portuguesa; ii) apresentação do *Corpus TychoBrahe* (CTB), *corpus* utilizado nessa investigação; iii) a metodologia de busca e análise de dados.

Apresentamos a importância dos estudos em Linguística Histórica, em um plano geral, bem como os postulados da Mudança Gramatical no modelo gerativista, de forma breve. Sobre as Gramáticas do Português, tratamos da concepção das mesmas, a saber o Português Arcaico (PA), o Português Clássico, o Português Europeu (PE), e, possivelmente, o Português Brasileiro (PB); bem como dos estudos sobre os clíticos pronominais, principalmente, no que diz respeito à posição dos clíticos na história do Português, o que contribui para o entendimento dessas gramáticas.

Após resumir os estudos sobre as gramáticas do português, destacando a importância dos estudos em Linguística Histórica, principalmente, a preservação e disponibilização de documentos antigos para posteriores estudos nessa área, tratamos do *Corpus do Português Histórico Anotado TychoBrahe*. A apresentação do *corpus* utilizado nesta pesquisa é feita a partir das informações disponíveis em sua própria página de acesso, no que diz respeito a sua composição, à quantidade de textos e à disponibilidade desses textos em anotação morfológica e sintática. A partir disso, descrevemos, brevemente, o funcionamento dessas anotações do *TychoBrahe*, forma e etiquetas, bem como as ferramentas utilizadas para essa anotação.

Abordamos a metodologia utilizada nesta pesquisa com a apresentação dos textos anotados sintaticamente escolhidos, os quais correspondem ao período denominado de Português Clássico; as *queries* construídas para a busca dos dados com o auxílio da ferramenta *Corpus-Search*, os critérios de classificação desses dados, os resultados das buscas e as ferramentas utilizadas para a organização, quantificação e análise quantitativa e qualitativa dos dados.

2.2 A LINGUÍSTICA HISTÓRICA E A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

Os estudos em Linguística Histórica são os que buscam reconstruir a língua do passado em seu contexto social, o que se torna uma dificuldade para o investigador, tendo em vista a captação e análise dos dados linguísticos, bem como a recuperação dos fatores extralinguísticos (MAIA, 2012, p. 535). Segundo Maia (2012), apesar de a Linguística do século XX pós-saussureana se caracterizar pelo sincronismo descritivista, ao final desse mesmo século, a Linguística Histórica, que se opõe a esses conceitos, renova-se a partir do desenvolvimento de disciplinas que contribuem para o ressurgimento e revitalização, essas que incorporaram análises diacrônicas da variação linguística.

É no âmbito desses estudos que as pesquisas sobre a história da Língua Portuguesa ganham impulso no sentido de se investigarem elementos, como os clíticos pronominais, que contribuem para o entendimento do passado do Português tanto em território europeu quanto em outros lugares, o que resultou na descoberta de períodos distintos dessa língua que se sucedem diacronicamente. Diante disso, nesta seção buscamos tratar, resumidamente, dos estudos em Linguística Histórica nas perspectivas tradicionais e da teoria gerativa; da história da Língua Portuguesa, bem como das pesquisas sobre os pronomes clíticos que favoreceram o entendimento acerca da diacronia do Português.

2.2.1 Os estudos em Linguística Histórica no plano tradicional e na Gramática Gerativa: relevância teórica

A história está envolvida na explicação de muitos fenômenos, sendo a base empírica de muitas ciências, principalmente, as que tratam das humanidades. Algumas dessas ciências conseguem até relacionar suas teorias com a história. Em se tratando de Linguística, ou mais especificamente, de Língua, a história aparece antes mesmo de aquela ganhar o estatuto de ciência autônoma. Desde os estudos linguísticos do século XIX até o advento da Linguística

no século XX, a relação entre História e Língua é bastante estreita e busca, a partir de diferentes postulados, ideias e métodos, entender qual a influência do fator tempo no estudo das línguas naturais, as correspondências entre as línguas, a evolução, a dinâmica e as mudanças das línguas ao decorrer do tempo

A relação entre história e língua é tida como uma disciplina científica denominada Linguística Histórica ou Linguística Diacrônica. Esta se constitui como um método de observação pertinente da língua, capaz de descrever e explicar as suas mudanças ao longo do tempo. Com isso, conforme Paixão de Sousa (2006), para o estudo da língua na “dinâmica do tempo”, a temporalidade será um fator integrante à reflexão linguística; deste modo, para a autora, “a linguística histórica constitui-se, assim, como um fazer historiográfico, no qual é preciso pensar não só o tempo, mas os tempos do Tempo – ou seja, onde é preciso que se reconheça analiticamente a historicidade da própria narrativa em construção” (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 28).

Em um plano tradicional, é importante, para os estudos em Linguística Histórica, a ideia de que as línguas mudam, e essa evidência desencadeou um dos importantes fenômenos de investigação daqueles que fazem Linguística Diacrônica: a Mudança Linguística. Destarte, é justamente por esse viés da mudança que se situará o quadro teórico gerativista postulado por Noam Chomsky nos estudos em Linguística Histórica.

Antes de mais nada, é preciso entender que, para a linguística gerativa, o objeto não será a língua e sim a *gramática*, e que o seu interesse está no estudo da mudança gramatical⁴⁴, essa que, por sua vez, é entendida como “fenômeno de aquisição de linguagem, no qual uma determinada geração de falantes chega a adquirir uma gramática distinta da geração anterior” (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 9); ao contrário dos modelos tradicionais que concebem a mudança como evolução, transformação e desenvolvimento.

Sobre a definição de *gramática* e os postulados da teoria gerativa, propriamente dita, Mioto, Silva e Lopes (2013) elucidam que, para a teoria gerativa, o termo *gramática* faz alusão ao conhecimento que o falante tem de sua língua materna, por exemplo, a gramática do Português Europeu está associada ao conhecimento dessa língua que o falante nativo do Português Europeu tem; este que, por sua vez, será diferente do conhecimento que o falante do Português Brasileiro tem de sua língua. Tal conhecimento é denominado, em termos gerativistas, de *competência linguística*, a qual é inconsciente e racional. Assim, conforme os

⁴⁴ “Mudança gramatical” é entendida como mudança de gramática. Entendendo “gramática” no sentido gerativista. Essa mudança está relacionada com a capacidade inata do falante e as experiências linguísticas vivenciadas por gerações de falantes ao longo do tempo.

autores, o resultado do uso da competência, para produzir sentenças pelo falante, é, em termos técnicos, a *performance*(ou *desempenho*). A competência do falante permite que ele reconheça se uma sentença pertence ou não a sua língua, ou seja, de acordo com a teoria gerativa, ou seja, faz com que ele seja capaz de decidir se uma sentença é *gramatical* ou *agramatical*⁴⁵. Por fim, de acordo com Miotto, Silva e Lopes, a teoria gerativa busca descrever e explicar a *competência linguística do falante*, observando, de certa forma, também, e não isoladamente, o seu *desempenho*; e, além de lidar com as sentenças já produzidas, lidar, também, com as que não foram produzidas ainda, o que se denominam de *evidências negativas*.

Diante disso, como nos afirma Lightfoot (1999) em Paixão de Sousa (2006):

Gramáticas, em nossa perspectiva, são entidades mentais que emergem nas mentes dos indivíduos quando eles são expostos, na infância, a alguma experiência detonadora. Neste caso, o mistério central para quem estuda a história das línguas é: por que eles têm algo a estudar; por que as línguas têm histórias? Por que acontecem mudanças, por que as línguas não são estáveis em geral? (LIGHTFOOT, 1999, p. 52 apud.PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 40)

Assim, a preocupação dos estudos gerativistas, no âmbito da Linguística Histórica, será: a possibilidade de mudança das gramáticas e como se chegar a essa mudança. Dessa maneira, estudar a gramática, a partir de uma perspectiva histórica, é um grande desafio para os gerativistas, tendo em vista que, como expôs Paixão de Sousa (2004, p. 11), retomando Antony Kroch, os dados a serem trabalhados “limitam-se ao que foi deixado pelo tempo”, sendo apenas evidências positivas, pois é possível saber o que aquela gramática podia produzir, mas não é possível saber o que ela não podia produzir.

Todavia, como nos afirma Paixão de Sousa (2006), os estudos diacrônicos, no quadro teórico gerativista, ampararam-se na noção de que as gramáticas não mudam, mas sim são substituídas por outras. Conforme a autora, essas mudanças podem acontecer nos diversos níveis da gramática - a saber a fonologia, a morfologia, a sintaxe – e são explicadas por algumas motivações, tais como: as alterações no ambiente linguístico, em que determinada geração esteve exposta - como por exemplo, o contato linguístico ou dialetal - e as mudanças

⁴⁵ Os termos *gramatical* e *agramatical* correspondem, tecnicamente, à possibilidade ou não da realização de uma sentença em uma determinada língua, ou seja, se uma sentença pertence ou não a essa língua. Com isso, vale destacar que *gramatical* e *agramatical* não correspondem às noções prescritivas de *certo* ou *errado* ditadas pelas Gramáticas Normativas, mas sim à possibilidade de se gerar estruturas em uma dada língua, o que é reconhecido pelo próprio falante nativo dessa língua a partir de seu conhecimento, em outras palavras, de sua competência.

graduais no ambiente linguístico, fazendo com que uma geração tenha que reorganizar o sistema gramatical no processo de aquisição (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 9).

Deste modo, o principal objeto de estudo da teoria gerativa, no plano da diacronia, é a *mudança gramatical*, “a que por hipótese se tem acesso pelos dados empíricos – as progressões de padrões linguísticos atestados nos textos” (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 15); partindo da tentativa de reconstruir a trajetória das mudanças com base nos textos antigos. Segundo a autora, esse objeto pode ser localizado “na progressão dinâmica dos padrões linguísticos na dimensão temporal” (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 14); assim, ela constata que as pesquisas em Linguística Histórica, para o quadro teórico do gerativismo, são relevantes por abordar a dimensão dinâmica da língua, a sua mudança; e, citando Kroch, elucida que essa relevância está naquilo que os textos históricos oferecem, que é a trajetória das mudanças no tempo. Destarte, é a partir dessas noções, que estudos como os de Galves (2001), Martins (1994), Paixão de Sousa (2004), Namiuti (2008) e tantos outros conseguiram traçar a trajetória da Língua Portuguesa sob a perspectiva da Linguística Diacrônica na teoria gerativa, em outras palavras, sob o prisma da Mudança Gramatical.

2.2.2 Gramáticas do Português e Clíticos Pronominais: uma abordagem teórica

Os clíticos pronominais são importantes objetos de investigação para as pesquisas acerca da história do Português no plano da Mudança Gramatical, visto que o estudo desses elementos apresenta aspectos significativos que caracterizam a mudança na gramática dessa língua. Com isso, diversas investigações sobre os clíticos na história da Língua Portuguesa fomentaram o entendimento acerca das Gramáticas do Português, investigações essas que tratamos a seguir.

2.2.2.1. Revisitando a periodização da Língua Portuguesa

O estudo diacrônico do Português, no quadro teórico da gramática gerativa, é de suma importância para as investigações das mudanças ocorridas na gramática dessa língua. De acordo com Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), para o estudo da mudança gramatical de uma língua, faz-se necessário identificar aspectos linguísticos que favoreçam a elaboração de hipóteses sobre gramáticas, e um desses aspectos é a *ordem de palavras*, pois:

[...] pela variação superficial da ordem, é possível chegar a hipóteses importantes sobre as gramáticas, uma vez que a ordem linear dos termos é reveladora da estrutura dos núcleos funcionais da frase abstrata. (GALVES; NAMIUTI; PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 4).

No Português, a colocação dos pronomes clíticos é um aspecto bastante relevante para caracterizar a mudança gramatical. Assim, as pesquisas acerca da ordem relativa entre o verbo e o pronome clítico procuram investigar a ocorrência da aparição desses pronomes nas adjacências do verbo, podendo variar em Próclise (a esquerda do verbo) e Ênclise (a direita do verbo), tendo em vista que a ordem desses pronomes clíticos é um dos elementos da língua portuguesa que mais tem variado ao longo do tempo, além de ser um dos aspectos que evidenciam a diferença entre o Português Europeu e o Português Brasileiro (GALVES, 2001).

Os diversos estudos sobre fenômenos linguísticos na história da Língua Portuguesa, inclusive os clíticos, registram diferentes períodos ou estágios do Português que se sucedem diacronicamente e se diferenciam. Conforme, Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), em seu estudo sobre a periodização do Português, a perspectiva tradicional sugere periodizações variadas da Língua Portuguesa a depender dos autores; contudo, apesar dessa variação, é possível observar algumas delimitações.

Com isso, as autoras resumem essas delimitações da periodização do português em períodos distintos que se sucedem diacronicamente na história do português. O Português Arcaico (PA) é o período que corresponde aos textos primitivos até a Idade Média, sendo o século XVI o período em que a historiografia tradicional da Língua Portuguesa marca como a divisão entre a língua antiga e a moderna. Entretanto, grande parte da tradição reconhecerá que essa língua falada a partir do século XVI não se trata da língua contemporânea, mas sim de um período intermediário, denominado de Português Clássico (PCl), que inclui “os textos quinhentistas tardios, textos seiscentistas e textos setecentistas” (GALVES; NAMIUTI; PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 2). Por fim, só a partir do século XIX que, conforme as autoras, “a língua portuguesa contemporânea se estabelece nos textos” (GALVES; NAMIUTI; PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 2), período este denominado de Português Europeu ou Moderno (PE). Dessa forma, Galves, Namiuti e Paixão de Sousa afirmam que grandes estudos sobre a história da Língua Portuguesa, à luz da teoria gerativa, refletem a respeito da periodização tradicional que, basicamente, leva em consideração a existência de três ciclos do Português falado em território europeu, a saber, o PA, o PCl e o PE.

As autoras sugerem, partindo de resultados de pesquisas sobre padrões sintáticos da Língua Portuguesa ao longo do tempo, uma reformulação desses períodos: O PA, o Português

Médio⁴⁶ e o PE, sendo que o Português Médio já emerge em meados do século XIV e o PE a partir do século XVIII. Com isso, podemos perceber que existe uma distinção entre a proposta tradicional e a das autoras no que diz respeito à periodização do Português. Essa distinção está no fato de a proposta tradicional delimitar o período a partir do desaparecimento da gramática⁴⁷, enquanto que a proposta das autoras prioriza a emergência, em outras palavras, o surgimento de uma gramática. Além disso, a principal diferença entre as duas propostas é a ideia de um período intermediário que se distingue tanto dos textos medievais, quanto dos contemporâneos e que já surge nesses primeiros textos, mais exatamente, em meados do século XIV e é atestada ao longo do século XVII até meados do século XVIII.

Resumidamente, de acordo com a proposta de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), em sua história, a Língua Portuguesa se divide em três períodos, os quais correspondem às gramáticas do PA, PCl e PE sucessivamente. Em um âmbito geral, o PCl, período de investigação deste estudo, é o período intermediário da língua que já emerge no século XIV e desaparece na segunda metade do século XVIII. Sobre o PCl, Paixão de Sousa (2004) afirma que:

[...] será ao longo deste período clássico que a língua portuguesa irá se diversificar especialmente, formando a situação atual, em que se reconhecem duas variantes principais (o português europeu, e o português brasileiro), além dos crioulos africanos. (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 6)

Sendo assim, podemos concluir que o PE e o Português Brasileiro (doravante, PB) são variantes distintas do português, em termos gerativistas, o PE e PB são gramáticas diferentes entre si e entre o PA, porém ambas resultantes de uma mesma gramática, a do PCl. Deste modo, diversos estudos evidenciam que o PB compartilha características importantes com a língua do século XVI até o XVIII, enquanto que o PE compartilha outras diferentes das do PB, o que, para Paixão de Sousa, retomando Galves (1993), “leva a hipótese de que essas variantes modernas teriam se originado em duas mudanças gramaticais com uma base comum” (PAIXÃO DE SOUSA, 2004: 6).

Deste modo, portanto, PB e PE são gramáticas distintas de uma mesma língua, e essa distinção não é consequência de mudanças ocorridas na gramática do PB em relação à gramática do PE, essa distinção é fruto de mudanças que se deram em um sistema anterior a

⁴⁶ “Português Médio” corresponde, de certa forma, ao então supracitado PCl, termo este que utilizaremos neste texto para designar o período dito intermediário da Língua Portuguesa, o qual é o período de investigação desta pesquisa.

⁴⁷ O termo “Gramática” é trazido pelas autoras na perspectiva gerativista, sendo “Gramática” o que “remete à possibilidade de se gerarem as estruturas, e não, por exemplo, a determinado inventário de estruturas” (GALVES; NAMIUTI; PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 2).

ambas as gramáticas, logo o estudo do período clássico é bastante relevante para entender a língua portuguesa, principalmente, para entender a trajetória das diferentes etapas gramaticais do português até o seu estado atual no plano da gramática gerativa. Por fim, sob essa perspectiva, as diversas pesquisas acerca da colocação de clíticos, na diacronia do português, conseguiram reconstruir essa trajetória, bem como corroborar com a hipótese de que existe um período intermediário entre o PA e PE na história da língua.

2.2.2.2 A sintaxe dos clíticos pronominais na história do Português: breve esboço

De acordo com a proposta de Cardinaletti & Starke (1999), sobre a Tipologia dos Pronomes, os clíticos são um tipo de pronome que ocupam, na sentença, as posições nucleares (são X⁰), além de possuírem dependência prosódica, ou seja, são desprovidos do acento de palavra, dependendo, portanto de outro constituinte; assim, esses pronomes devem ser considerados pronomes deficientes. O que confirma o caráter estruturalmente deficiente dos pronomes clíticos são, basicamente, três limitações desses pronomes: o fato de não poderem ser coordenados, não introduzirem novos referentes e não poderem ser modificados. De acordo com os autores, esses pronomes são reduzidos, pois não projetam camadas funcionais mais altas. Portanto, a deficiência desses pronomes se dá pela ausência de traços, com isso, quanto mais desprovido de traços for um pronome, mais deficiente ele é.

Destarte, devido à ausência de traços, os clíticos pronominais são dependentes de outra palavra, o verbo. Com isso, na sentença, os clíticos são adjacentes ao verbo, podendo variar quanto a sua ordem: Próclise (49) (à esquerda do verbo) e Ênclise (50) (à direita do verbo).

(49) “*que por ser muito forte, e estar muito bem negociada, **se** defendeo muito bem.*” (Diogo do Couto, 1542)⁴⁸

(50) “***Abriu-** seo comércio de Moscóvia.*” (Manuel de Galhegos, 1597)

Dessa forma, sabe-se que o estudo da posição desses pronomes em relação ao verbo é, na história da Língua Portuguesa, um objeto de investigação bastante significativo para se entender a sintaxe dessa língua ao longo do tempo. Sendo assim, segundo Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), na sintaxe dos clíticos pronominais, destacam-se dois aspectos relevantes para se entender as mudanças de padrão na diacronia do português, sendo eles: a ordem relativa clítico-verbo e o fenômeno da *interpolação*.

⁴⁸ Os exemplos utilizados nesta seção constituem amostras de dados desta pesquisa.

A interpolação (51) é um tipo de fronteamento específico que envolve, principalmente, os constituintes complementos e adjuntos. De acordo com Namiuti (2008), a interpolação é “a construção na qual o clítico pronominal não se apresenta contíguo ao verbo – ou noutros termos, na qual um outro constituinte sintático se *interpola* entre o pronome e o verbo” (NAMIUTI, 2008, p. 41). Para a autora, é um fenômeno bastante produtivo nas orações dependentes do PA e das línguas românicas antigas e se torna obsoleto nas produções literárias do século XVI nos textos do *corpus TychoBrahe*, entretanto, a interpolação da negação, conforme a autora, ainda foi atestada em textos desde o século XVI e até aos que correspondem ao PE nesse mesmo *corpus*.

(51) “o que porventura **se não sabe** de outro nenhum lugar de Portugal.” (Luis de Sousa, 1556)

Sobre a ordem dos clíticos pronominais na diacronia do Português, Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) afirmam que:

[...] duas ordens se apresentam em variação em determinados contextos sintáticos nos quais a variação já não é possível na língua moderna (tais sejam, sentenças raízes afirmativas nas quais o verbo é precedido de um sujeito referencial, uma frase preposicional ou certos advérbios). (GALVES, NAMIUTI E PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 5)

Com isso, conforme as autoras, figura, na diacronia do português, três etapas diferentes quanto ao padrão na ordem dos clíticos pronominais. No PA, o qual compreende os textos mais antigos escritos entre 1200 e 1400, a ordem enclítica era predominante, diferentemente do PClem que prevalece a ordem proclítica. No PE, representado pelos textos a partir do século XIX, a ênclise é categórica. Deste modo, Galves, Namiuti e Paixão de Sousa nos explicam que o português europeu, ao longo do tempo, passou de um padrão enclítico para proclítico e novamente do padrão proclítico para enclítico, sendo que a ordem proclítica, frequente no PCl, ou português intermediário, permanece em uma outra gramática, a do PB.

Tendo em vista a importância das investigações acerca dos pronomes clíticos para se entenderem as mudanças ocorridas na(s) gramática(s) do Português em uma perspectiva diacrônica, propomo-nos, neste trabalho, a estudar as ocorrências de um clítico em especial, o clítico SE, nos textos de autores portugueses, nascidos entre os séculos XVI, XVII e XVIII,

período que corresponde à gramática do PCI⁴⁹. Assim, por ser um clítico diferente dos demais tipos de clíticos – podendo estar relacionado tanto à função de objeto quanto à de sujeito na sentença –, buscamos investigar a possível existência de uma relação entre tipo/ função sintática do SE e a sua posição nas adjacências do verbo sob os postulados da Linguística Histórica no âmbito da Gramática Gerativa. Neste intuito, utilizamos os textos, referentes ao período desejado, presentes no *Corpus Histórico do Português TychoBrahe*, o qual descrevemos no próximo tópico deste capítulo.

2.3 CORPUS DA PESQUISA

O *corpus* desta pesquisa é composto por textos sintaticamente anotados de autores nascidos entre os séculos XVI e XVIII, os quais foram extraídos do *Corpus do Português Anotado TychoBrahe* (CTB). Dessa forma, esta seção é dedicada à descrição do CTB, considerando a sua estrutura, as anotações morfológica e sintática, bem como os textos selecionados para esta investigação.

2.3.1 Corpus TychoBrahe

As pesquisas em Linguística Histórica são bastante relevantes para o estudo das línguas naturais por investigar e tentar descrever a trajetória dessas línguas ao longo de sua história. No entanto, para quem se propõe a seguir essa perspectiva, a Linguística Histórica se torna desafiadora, principalmente, no que diz respeito ao levantamento de dados para a pesquisa. Para se estudar diacronicamente um objeto linguístico, seja ele de qualquer natureza, o linguista se deparará, muitas vezes, com a dificuldade de criar o seu próprio *corpus*, visto que as pesquisas em Linguística Histórica são realizadas, principalmente, através de textos na modalidade escrita. Com isso, quanto mais se propõe retornar a períodos mais antigos, poucos são os registros escritos encontrados, disponibilizados e passíveis de uma análise linguística ou, simplesmente, de um estudo de caráter histórico. Logo, o cuidado, a preservação e o tratamento desses textos antigos são de fundamental importância tanto para as pesquisas em Linguística Histórica, quanto para a preservação da memória de determinado período histórico.

⁴⁹ Escolhemos o período que compreende a gramática do PCI por ser o período intermediário do Português, o qual desencadeou padrões de outras duas gramáticas distintas dessa mesma língua, PE e PB, o que acreditamos ser interessante para embasar outros estudos sobre essas duas gramáticas nessa mesma perspectiva. Assim, optamos por analisar os textos dos séculos XVI, XVII e XVIII, períodos em que os padrões dessa gramática estão fixados.

Os avanços na tecnologia conseguiram driblar o desafio de se trabalhar com dados antigos de línguas a partir da construção de *corpora* eletrônicos. Os métodos de preservação, bem como a elaboração de novos *softwares* e ferramentas computacionais, que auxiliam no tratamento e na busca desses textos históricos, são a base para a criação de um *corpus* eletrônico de qualquer língua natural que se torna disponível para qualquer estudo e facilmente acessado, mudando, assim, o cenário dos estudos em Linguística Histórica, além de impulsionar uma nova área de investigação para a Linguística, a Linguística de *Corpus*⁵⁰. Desta maneira, faz-se necessária a construção desses *corpora*, os quais reúnam e disponibilizem esses documentos, contribuindo para os avanços nos estudos diacrônicos das línguas, bem como para as investigações de qualquer objeto histórico nas inúmeras áreas do conhecimento; e é nessa perspectiva que foi criado o *corpus TychoBrahe*.

O CTB é um *corpus* eletrônico do Português anotado, morfológicamente e sintaticamente, concebido a partir do modelo do *Penn-Helsinki Parsed Corpus of Middle English* (PPCME) da Universidade da Pensilvânia (GALVES; BRITTO, 1998) e desenvolvido no âmbito do projeto *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros & Mudança Linguística* (Fases I e II) sob a coordenação da Profa. Dra. Charlotte Galves (IEL/UNICAMP) e que está disponível na rede mundial de computadores⁵¹. O *TychoBrahe* reúne textos em português de autores nascidos entre os séculos XIV e XIX, mais precisamente, 1380 a 1881. Esses documentos não se constituem como um conjunto de *fac-símiles*, mas sim um conjunto de caracteres, o que permite ao linguista histórico um rápido acesso a uma grande quantidade de dados de diversos autores, além de uma busca por unidades linguísticas mínimas, permitindo recuperar informações categoriais e estruturais, através do acesso aos textos morfológico e sintaticamente anotados, importantes para as análises morfológica e sintática.

O CTB, além de disponibilizar textos em um formato que permite ao pesquisador acessar rapidamente uma grande quantidade de dados, tem por objetivo o desenvolvimento de ferramentas de análise linguística automáticas, como os etiquetadores morfológicos e sintáticos para a anotação desses textos. Conforme o CTB (2015), o *corpus*, atualmente, é composto por 73 textos (cerca de 3.065.666 palavras) com um sistema de anotação linguística morfológica (aplicada em 38 textos, cerca de 1.665.252 palavras) e sintática (aplicada em 16

⁵⁰“A Linguística de *Corpus* ocupa-se da coleta e exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade de língua.” (SARDINHA, 2000, p. 325)

⁵¹ O CTB está disponível através do endereço eletrônico: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html.com>

textos, 671.694 palavras) que nos possibilita realizar buscas automáticas de elementos linguísticos, de natureza morfológica e sintática, através de ferramentas de busca como *Corpus-Search*.

2.3.1.1 Anotação Morfológica

Como visto, o CTB foi concebido a partir da mesma metodologia do *Penn-Helsinki Parsed Corpus of Middle English* (PPCME), contudo, por se tratar do *corpus* de uma língua românica, o Português Europeu, as anotações morfológicas e sintáticas foram próprias e adaptadas às descrições dessa língua que se difere do Inglês.

Conforme Costa (2015), a anotação morfológica do CTB é uma anotação *Part-Of-Speech tagging (POS tagging)*, que, a partir de um conjunto de *tags (tag set)*, marca as palavras com as suas classes gramaticais, o que relaciona a anotação POS com a anotação morfológica. A anotação POS pode ser realizada “manualmente ou através de um software etiquetador (um tagger POS)” (COSTA, 2015, p. 56), que é capaz de marcar uma grande quantidade de textos com bastante precisão. Para a autora, a escolha pelo etiquetador “implica na escolha de um conjunto de tags específico” (COSTA, 2015, p 57), assim, cada palavra é marcada por uma etiqueta ou *tag* que corresponde a sua classe gramatical. A partir disso, observamos as etiquetas morfológicas das palavras no CTB, descrevendo, resumidamente, baseados no Manual do Sistema de Anotação Morfológica (CTB, 2015) e na descrição de Gomes dos Santos (2013), as anotações morfológicas presentes no CTB nos exemplos⁵² que seguem.

1) Verbos

Conforme apresentado no Manual de Anotação Morfológica do CTB, a etiquetagem dos verbos contempla dois grupos: 1) todos os verbos considerados plenos (*tag VB*) e 2) separados os verbos Ser, Estar, Ter e Haver (existir) (*tags SR, ET, TR e HV*), esses que, na diacronia, podem oscilar quanto a sua característica, sendo utilizados ora como verbos plenos ora como auxiliares. Para indicar a morfologia flexional desses verbos, as etiquetas de flexão são adicionadas às etiquetas principais, a saber a etiqueta *F* que corresponde ao infinitivo flexionado, como no exemplo com o verbo *partir*:

⁵² Os exemplos utilizados nesta descrição fazem parte dos dados de nossa pesquisa de iniciação científica (UESB/ CNPq) *Um estudo diacrônico do pronome clítico SE em estruturas com interpolação e adjacência*, desenvolvida entre os anos de 2012 e 2013. Esses dados foram obtidos pela busca automática manual por interface gráfica nos textos do século XVI do *TychoBrahe*.

vos havemos de matar/VB (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 partirem/VB-F de Moçambique (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 não podia ser/ SR (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 é estar/ET nas mãos de meu Senhor Jesu Cristo(Francisco de Holanda, 1517)
 (CTB, 2012)
 destereynoaly fossem ter/ TR (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 sem haver/ HV nunca sentimento (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)

2. Substantivos

Por apresentarem um comportamento sintático diferente um do outro, são atribuídas, aos substantivos comuns e próprios, as etiquetas *N* e *NPR* respectivamente. Essas *tags* consideram somente o número dos substantivos, pois o contexto sintático é irrelevante para a atribuição do gênero nessa classe de palavras, assim, observemos os exemplos:

havia de pagar ao galarim/*N* (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 para se partirem de Moçambique/*NPR* (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)

3. Pronomes

Considerando a diferença sintática entre os pronomes *fortes* e *deficientes*, facilmente encontrados em línguas de sujeito nulo, como o Português Europeu e outras línguas românicas, o CTB atribui, portanto, duas etiquetas distintas para distinguir os pronomes fortes que ocupam a posição de sujeito e/ou objeto, para os quais se usa a *tag PRO*, dos pronomes clíticos em geral (*me*, *te*, *o(s)*, *a(s)*, *lhe(s)*, *nos*, *vos*) que são indicados pela etiqueta *CL*. Na categoria dos clíticos, o clítico “*se*” em todas as suas funções (sujeito e/ou objeto), diferente dos demais clíticos, é indicado por uma *tag* específica *SE*⁵³, enquanto que, para os casos de mesóclise, atribui-se o diacrítico (!). Além disso, vale destacar que, para os pronomes possessivos, adiciona-se \$ à *tag PRO*, formando a etiqueta *PRO\$*, seguem exemplos:

elle/ *PRO* pidio pelo seu Embaixador (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 E por de mi/ *PRO* não falar (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)

⁵³ O CTB, em seu manual, não trata explicitamente do porquê de se separar o clítico “*se*” dos demais tipos de clíticos, atribuindo, assim, etiquetas distintas para as duas formas. Contudo, acreditamos que essa separação é baseada nas características sintáticas específicas do clítico “*se*” que o difere dos demais clíticos, pois enquanto esses são exclusivos da função sintática de objeto; o “*se*” pode ser um objeto reflexivo (*SE* reflexivo), pode exercer a função de sujeito nas orações de sujeito indeterminado (*SE* indeterminado) ou estar associado à posição de sujeito em orações passivas (*SE* passivo). Com isso, as pesquisas que estudam, particularmente, o clítico “*se*”, como essa, encontram maior facilidade de buscar (morfologicamente) e catalogar os dados com as ocorrências desse clítico.

as calamidade da guerra lhes/ CL podem empecer (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 porque se/ SE costuma ás vezes pintar (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 Ser-lhe-há/ SR-R!CL(Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 deste pobre Rey tanto nosso/ PRO\$ amigo (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)

4. Determinantes

Aplicou-se a *tag D* para essa classe que inclui, além dos artigos, os *demonstrativos flexionados*, que recebem as etiquetas adicionais de gênero e número, tendo em vista que, na história do Português, de acordo com o CTB, essa categoria se assemelha aos artigos, compartilhando a mesma distribuição sintática. Aos demonstrativos que apresentam um comportamento de pronome, atribui-se uma etiqueta diferente, a saber *DEM*, com o intuito de distinguir os dois tipos de demonstrativos. Distingue-se, também, o *um (a)*, aplicando-se a etiqueta *D-UM*, com o objetivo contemplar traços (referência/quantidade) que o diferenciam de outros artigos, vejamos os exemplos:

que d'alcunha se chamava o/ D Gallo (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 estes/ D-P cossayros se virão com presa (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 nem isso/ DEM bastou para os inimigos(Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 hum/ D-UM mercador de Villa de Conde (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)

5. Adjetivos, advérbios e quantificadores

Para os adjetivos, é atribuída a *tag ADJ* acompanhada, normalmente, de outras *tags* que se referem a gênero (*F*, *feminino*; ou *G*, para adjetivos que se aplicam aos dois gêneros), número (*P*, plural) e grau (*R/S*, comparativo e superlativo, respectivamente). Enquanto que os advérbios de tempo, lugar e modo são etiquetados como *ADV*. E, por fim, para indicar itens lexicais que quantificam entidades ou coisas é usada a etiqueta *Q*, sendo que os quantificadores negativos são identificados por *Q-NEG* (CTB, 2015). Exemplos:

ele era o primeiro/ ADJ (Luis de Sousa, 1556) (CTB, 2012)
 as primeiras/ ADJ-F-P lampreas que se pescavam (Luis de Sousa, 1556) (CTB, 2012)
 Depois de missa dava audiênciageral/ ADJ-G (Luis de Sousa, 1556) (CTB, 2012)
 e Padresantigos/ ADJ-P e apontando várias regras (Luis de Sousa, 1556) (CTB, 2012)

de tantos/ ADJ-R-P se sentia obrigado a VB dar conta (Luis de Sousa, 1556) (CTB, 2012)
 e se passou a Azeitão, ao) antiquíssimo/ ADJ-S convento (Luis de Sousa, 1556) (CTB, 2012)
 Bem/ ADV entendeu Frei Bertolameu (Luis de Sousa, 1556) (CTB, 2012)
 Quem sempre o fora, e muito/ Q grande (Luis de Sousa, 1556) (CTB, 2012)
 Quanto mais que ninguém/ Q-NEG se conhecia melhor (Luis de Sousa, 1556) (CTB, 2012)

6) Concordância nominal de gênero e número

No CTB existem as *tags* que correspondem à concordância de gênero (*F* e *DG*) e de número (*P*), no intuito de contemplar a riqueza morfológica do Português nos determinantes, pronomes, substantivos, adjetivos, quantificadores, participios passivos etc., e, assim, como as etiquetas de flexão verbal, são adicionadas à *tag* principal, como apresentado nos exemplos:

novo modo e nova/ADJ-F maneira (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 vos havemos de matar cõ açoutes/N-P (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)

7. Conjunções

Para as conjunções coordenativas, atribuiu-se a etiqueta *CONJ* (*CONJ-NEG* para nem), enquanto que as subordinativas recebem a etiqueta *CONJS* e os complementadores recebem a etiqueta *C*, como nos exemplos a seguir:

&/ CONJ dandolhetresçurriadasde artilharia (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 nem/ CONJ-NEG isso bastou para os inimigos (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 como/ CONJS officiaes velhos práticos (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 que/ C lamentavam sua desventura (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)

8. Elementos relativos/ interrogativos

Os elementos relativos são representados pelas etiquetas *WPRO* ou *WPRO\$*, enquanto que, para os elementos interrogativos, atribui-se as *tags* *WPRO*, *WADV*, *WQ* (para interrogativos diretos e indiretos) e *WD* (para determinantes interrogativos), observemos os exemplos:

& escravaria a qual/ WPRO os pobres roubados (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 o Rey de Narsinga cuja/ WPRO\$-F escrava ella era (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 o que/ WPRO está longe senão com as naturaes cores? (Francisco de Holanda, 1517) (CTB, 2012)
 Mas esta onde/ WADV se achará ?(Francisco de Holanda, 1517) (CTB, 2012)
 Cá se alevantou dúvidase/ WQ havia eu de preceder(Luis de Sousa, 1556) (CTB, 2012)
 Que/ WDcousa com mais dificuldade e tardança se abala que um rico?(F. Rodrigues Lobo, 1579) (CTB, 2012)

9. Preposições

As preposições são marcadas pela etiqueta *P*. Nos casos de contração, incluem-se outras *tags* como *D* e *DEM*, associadas às preposições, como nos exemplos:

quehião carregadosde/ Parmas (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 pella/ P+D-F morte) del Rey (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
 Naquelle/ P+DEM mesmo dia (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)

10. Locuções preposicionais e locuções conjuncionais

Conforme o CTB (2015), em seu manual, na história das línguas, os elementos que compõem essas locuções apresentam mudanças em sua diacronia de uma classe de palavra para outra, logo, a atribuição de uma etiqueta isolada de seus elementos ocasiona um problema computacional de impossibilidade de seleção automática desses elementos no *corpus*. No intuito de evitar esse problema, esses itens foram codificados como *words-as-unit*, contudo elementos como *apesar de*, *acerca de*, *no entanto* e *não obstante* receberam etiquetas individuais: *P ... P*; *ADV ... P*; *P+D ... ADV*; e *NEG ... ADJ-G*, respectivamente para otimizar a eficiência computacional, segue exemplo:

Em casa, apesar/ P de/ P idade tão tenra, de nenhuma cousa se deixava levar daquelas que os mininos são afeiçoado (Luis de Sousa, 1556) (CTB, 2012)

11. Outro

Como descrito no Manual de Anotação Morfológica do CTB (2015), a etiquetagem do elemento *outro*(*OUTRO*) é a mesma para todos os seus usos, assim, como podemos observar nos exemplos:

Ali se apertaram as feridas uns aos outros/ OUTRO-P o melhor que puderam(Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
Do que mais socedeo ate o outro/ OUTRO dia(Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)

12. Partículas de foco

Elementos como *só, até, mesmo* são marcados com a *tag FP*, exemplos:

quanto mais em umsó/ FP(Francisco de Holanda, 1517) (CTB, 2012)
eaté/ FP o mesmo ceo (Francisco de Holanda, 1517) (CTB, 2012)

13. Números cardinais

Para se marcar os números cardinais, utiliza-se a etiqueta *NUM*, sendo esta aplicável apenas a esses números, tendo em vista que, conforme o CTB (2015), os números *ordinais* se comportam como adjetivos e, portanto, recebem a etiqueta *ADJ*. Vale lembrar que a *tag NUM* também não se aplica a *um/uma* que, como visto acima, são tratados como determinantes, sendo marcados por *D- UM / D- UM- F*, exemplos:

cinquenta/ NUM mil/ NUM cruzados (Fernão Mendes Pinto, 1510) (CTB, 2012)
um/ D-UM dia de enfadada(Francisco de Holanda, 1517) (CTB, 2012)

14. Negação

O elemento *não* recebe a etiqueta *NEG*, enquanto outros elementos negativos recebem a etiqueta *NEG* associada a outras etiquetas como: *CONJ-NEG (nem)*; *ADV-NEG (nunca)*; *Q-NEG (nada, ninguém, nenhum)*; *SENAO (senão)*. Seguem alguns exemplos:

onde não/ NEG é licito(Francisco de Holanda, 1517) (CTB, 2012)
equasi de nenhuma/ Q-NEG-F valia(Francisco de Holanda, 1517) (CTB, 2012)
nem/ CONJ-NEG das alimárias (Francisco de Holanda, 1517) (CTB, 2012)

15. Interjeições

Atribui-se a etiqueta *INTJ* para essa classe. Segue o exemplo:

Ah/ INTJ, respondeu o amigo (F. Rodrigues Lobo, 1579) (CTB, 2012)

16. Palavras estrangeiras ou desconhecidas

As palavras estrangeiras são indicadas pela etiqueta *FW*, enquanto que as palavras desconhecidas são marcadas por *XX*, como nos exemplos:

& cada jarra hummilheyro/ FW (Francisco de Holanda, 1517) (CTB, 2012)
 nemalquanta/ XX fegura(Francisco de Holanda, 1517) (CTB, 2012)

17. Pontuação

Para finalizar, existem etiquetas que indicam a pontuação, como por exemplo, a etiqueta *QT* que indica aspas:

antes quero ouvir a frateAmbrosio”/ QT (Francisco de Holanda, 1517)
 (CTB, 2012)

2.3.1.2 Anotação Sintática

Conforme descreve Costa (2015), a informação sintática no CTB “é gerada utilizando um *parser* que recebe como entrada um arquivo de texto (txt) anotado no formato POS, com as etiquetas morfossintáticas, e gera como saída um outro arquivo texto no formato *Penn TreeBank*” (COSTA, 2015, p. 85). Esse *parser* foi desenvolvido na Universidade da Pensilvânia e treinado por pesquisadores da Unicamp para o Português Brasileiro no CTB. A seguir, descrevemos e exemplificamos⁵⁴ as principais características dessa anotação, amparados no Manual do Sistema de Anotação Sintática do *TychoBrahe* (CTB, 2015) e na descrição de Gomes dos Santos (2013):

1. NP – Sintagma Nominal

Como descrito no Manual de Anotação Sintática do CTB, o substantivo não é o único contexto de projeção de um sintagma nominal, também os pronomes e clíticos fortes, demonstrativos, quantificadores, números podem atuar como um NP, estes que são designados por uma função ou estão co-indexados com uma categoria. O Quadro 1, baseado no manual do CTB (2015) e na descrição de Gomes dos Santos (2013), apresenta as etiquetas relacionadas ao NP:

⁵⁴ Os exemplos utilizados nesta descrição fazem parte dos dados dessa pesquisa.

Etiqueta	Descrição	
	Inglês	Português
NP-SBJ	subject NP	sintagma nominal sujeito
NP-ACC	directobject NP	sintagma nominal objeto direto
NP-DAT	indirectobject NP	sintagma nominal objeto indireto ⁵⁵
NP-GEN	genitive NP	sintagma nominal genitivo ⁵⁶
NP-LFD	leftdislocated NP	sintagma nominal deslocado à esquerda
NP-ADV	adverbial NP	sintagma nominal adverbial
NP-VOC	vocative NP	sintagma nominal vocativo
NP-PRN	parenthetical NP	sintagma nominal apositivo
NP-SE	non argumental SE clitics	sintagma nominal referente a clíticos <i>se</i> não argumentais

Quadro 1 - Etiquetas relacionadas ao NP

Fonte: Gomes dos Santos (2013) e CTB (2015)

1.1 NP-SBJ

1.1.1 Sentenças Finitas

Todas as sentenças finitas possuem uma sentença com etiqueta *NP-SBJ* que pode ser nula (*exp*, *pro*, *arb* ou *T*)⁵⁷ ou lexicalizada:

(1 IP-MAT (2 CONJ e)
(4 NP-SBJ (5 D-P os)
(7 N-P espíritos)
 (9 PP (10 P d@)
 (12 NP (13 D @o) (15 PRO\$ seu) (17 N coração)))
 (19 , ,) (21 CP-REL (22 WNP-1 (23 WPRO que))
 (25 IP-SUB (26 NP-SBJ *T*-1)
 (28 NP-ACC (29 ADJ-R-F tanta) (31 N alma))
 (33 VB-D deram)
 (35 PP (36 P em)
 (38 NP (39 OUTRO outro) (41 N tempo)))
 (ID BARROS, 160.1309) (CTB, 2015)

1.1.2 Sentenças Infinitivas

Nas sentenças infinitivas em que o sujeito não é lexicalmente realizado, nenhuma categoria nula é inserida, com exceção dos casos de: sujeitos nulos de verbos infinitivos pessoais e sujeitos arbitrários de complementos infinitivos de verbos causativos (CTB, 2015).

⁵⁵Para os clíticos.

⁵⁶Refere-se a traços de clíticos dentro de NPs e pronomes possessivos resumptivos.

⁵⁷Essas categorias são consideradas vazias e serão descritas posteriormente.

(53 . ;)
 (55 CONJP (56 CONJ e)
 (58 NP (59 D-F a)
 (61 N esperança)
 (63 PP (64 P de)
 (66 IP-INF (67 NP-SBJ *pro*)
 (69 VB-F conseguirem)
 (71 PP (72 P n@))
 (74 NP (75 D-F @a) (77 NPR Corte)))
 (79 NP-ACC (80 N mudança)
 (ID BARROS, 189.1490) (CTB, 2015)

1.1.3 Sujeitos em *SmallClauses*

Como afirma o CTB (2015), as *smallclauses* têm sempre um sujeito, como observamos no exemplo:

(0 (1 IP-MAT (2 CONJ e)
 (4 NP-SBJ (5 D-F a) (7 PRO\$-F sua) (9 N idade))
 (11 NP-3 (12 CL lhe))
 (14 VB-D fazia)
 (16 IP-SMC (17 ADJP (18 NP-DAT *-3)
 (20 ADJ-G desculpavel))
 (22 NP-SBJ (23 Q-G qualquer)
 (25 N desabrimento)
 (ID MARIA DO CÉU, 176.567) (CTB, 2015)

1.2 NP-ACC

Essa etiqueta representa sintagmas nominais que desempenham a função de argumento interno do verbo e recebem o caso *acusativo*, sendo este o caso que expressa o *objeto direto*. Os complementos dos verbos *haver*, *ser* (não apresentacional) e *parecer* também recebem a etiqueta *NP-ACC*, seguem exemplos:

(0 (1 CONJP (2 CONJ e)
 (4 CP-ADV (5 C como)
 (7 IP-SUB (8 NP-SBJ *pro*)
 (10 VB-D sabiaõ)
 (12 NP-ACC (13 D o)
 (15 N cuydado)
 (ID MARIA DO CÉU, 182.661) (CTB, 2015)

(0 (1 IP-MAT (2 NP-SBJ *exp*)
 (4 NEG Não)
 (6 HV-P ha)
 (8 NP-ACC (9 N segredo)
 (11 VB-AN guardado)

(ID MARIA DO CÉU, 181.637)

1.3 NP-DAT

Essa etiqueta é usada para os pronomes *me*, *te*, *se* (argumental), *nos*, *vos*⁵⁸, e *lhe(s)* na função de objeto indireto, exemplo:

(55 IP-GER (56 VB-G deixando)
(58 NP-DAT (59 CL nos))
 (61 NP-SBJ (62 D este) (64 N exemplo))
 (66 , ,)
 (ID MARIA DO CÉU, 201.891) (CTB, 2015)

1.4 NP-GEN

De acordo com o manual de anotação sintática do CTB (2015), essa etiqueta é usada para dois casos particulares:

a) quando o clítico *lhe* tem valor de pronome possessivo, caso em que NP-GEN domina o vestígio deixado pelo clítico interno a NP, como no exemplo:

(66 IP-INF (67 NP-3 (68 CL lhe))
 (70 VB puxar)
 (72 PP (73 P pel@)
 (75 NP (76 D-F @a) (78 N perna))
 (80 NP-GEN *-3))))
 (82 , ,)
 (ID COUTO, 98.1001) (CTB, 2015)

b) quando um pronome possessivo remete a um sintagma nominal deslocado à esquerda, recebendo a etiqueta específica *NP-GEN-RSP*, conforme observamos no exemplo a seguir:

((IP-MAT (NP-SBJ-2 *exp*)
 (PP-LFD (P de@)
 (NP (D-F-P @as) (ADJ-R-G-P maiores) (NPR-P
 Monarquias))))
 (ADVP (ADV ainda))
 (NP-SE-2 (CL se))
 (VB-P ignora)
 (CP-QUE (WNP-1 (WPRO quem))
 (IP-SUB (NP-ACC *T*-1)
 (SR-D foram)
(NP-ACC (NP-GEN-RSP (PRO\$-P seus))
 (ADJ-P primeiros)

⁵⁸ Quando estes cinco pronomes desempenham a função de *objeto indireto*, uma vez que essas mesmas formas são utilizadas para o *objeto direto*.

(N-P fundadores))))

(. .))
(ID AIRES, 23.363) (CTB, 2015)

1.5 NP-LFD

Essa etiqueta indica a ocorrência de um sintagma nominal deslocado à esquerda, não havendo outras etiquetas associadas a ela, exceto quando houver categoria resumptiva, à qual se atribui a etiqueta *RSP*. Exemplo:

(0 (1 IP-MAT (2 NP-SBJ *pro*)
(4 NP-LFD-1 (5 D-P Êstes))
 (7 VB-D mandou)
 (9 CP-THT (10 CP-THT (11 C que)
 (13 IP-SUB (14 NP-SBJ-2 *ICH*-1)
 (16 NP-SE-2 (17 CL se))
 (19 VB-SD arrecadassem)
 (21 PP (22 P pel@)
 (24 NP (25 D @o)
 (27 N rendimento)
 (29 PP (30 P d@)
 (32 NP (33 D-F @a)
 (35 NPR Alfandega)
 (37 PP (38 P de)
 (40 NP (41 NPR Ormuz))))))))))
 (43 , ,)
 (ID COUTO,55.588) (CTB, 2015)

1.6 NP-ADV

Usa-se para sintagmas nominais que funcionam como advérbios, segue exemplo:

(0 (1 IP-MAT (2 IP-MAT-5 (3 NP-SBJ *pro*)
 (5 ET-P está)
(7 ADJP (8 VB-AN-F situada))
 (10 NP-ADV (11 ADV quasi) (13 D-UM-F uma) (15
 N légua))
 (ID COUTO,60.631) (CTB, 2015)

1.7 NP-VOC

Essa etiqueta é atribuída aos sintagmas nominais que desempenham a função de vocativo, como observamos no exemplo:

(91 IP-GER (92 NP-SBJ *pro*)
 (94 VB-D querendo)
 (96 IP-INF (97 VB dizer))
 (99 . :)

(101 QT ")
 (103 IP-MAT-SPE (104 NP-VOC (105 ADJ
Santo) (107 NPR Deus))
 (ID SOUSA, 24.211) (CTB, 2015)

1.8 NP-PRN

Refere-se ao sintagma nominal apositivo ou parentético. Exemplo:

(41 , ,)
 (43 NP-SBJ (44 D o)
 (46 NPR Padre)
(48 NP-PRN (49 NPR Inácio)
 (51 PP (52 P de)
 (54 NP (55 NPR Azevedo))))
 (57 , ,)
 (ID Sousa, 98.1120) (CTB, 2015)

2. Pronomes Clíticos

Conforme o CTB (2015), os pronomes clíticos, assim como os demais pronomes, são imediatamente dominados por um *NP*. A depender das funções desempenhadas pelo clítico, este pode ser dominado pelos seguintes NPs:

NP-ACC (quando desempenha a função de objeto direto):

(0 (1 IP-MAT (2 CONJ e)
 (4 IP-GER (5 VB-G ferrando)(7 PP (8 P com)
 (10 NP (11 D-P os)(13 PP (14 P de)
 (16 NP (17 N cavalo)))))))(19 , ,)
(21 NP-ACC (22 CL se))
(24 VB-D baralharam)⁵⁹
 (26 NP-SBJ (27 Q-P todos))
 (29 PP (30 P em)(32 NP (33 D-UM-F uma)(35 ADJ-G cruel) (37 N
 batalha) (39 , ,)
 (ID Couto, 76.783) (CTB, 2015)

NP-DAT (desempenha função de objeto indireto)

⁵⁹Nas sentenças com o pronome clítico SE reflexivo ou recíproco, este é dominado por um NP-ACC, como no exemplo, ou um NP-DAT a depender da função sintática que o SE exerce na sentença. Diante disso, escolhemos, para exemplificar as sentenças de clíticos dominados por um NP-ACC, uma sentença em que o clítico dominado pelo NP-ACC é um SE, com o intuito de descrever a projeção do SE-reflexivo (com a função de objeto direto) que é um dos tipos de SE estudados nesta pesquisa. Para os outros tipos de SE, mais especificamente os relacionados a função de sujeito ou a flexão do verbo, o CTB apresenta uma etiqueta específica NP-SE, a qual descreveremos separadamente.

(0 (1 IP-IMP (2 VB-SP digam-)
(4 NP-DAT (5 CL -me))
 (7 ADVP (8 ADV agora))
 (ID VIEIRA, 207.1946) (CTB, 2015)

NP-GEN (quando indica um possessivo vazio interno a NP)

(168 IP-SUB (169 NP-SBJ *pro*)
 (171 NP-3 (172 CL lhe))
 (174 VB-D dividiu)
 (176 NP-ACC (177 D-F a)
 (179 N armada)
(181 NP-GEN *-3))
 (183 PP (184 P em)
 (186 NP (187 Q-F-P
 muitas) (189 N-P partes)))
 (ID PINTO,39.222) (CTB, 2015)

*NP-SE*⁶⁰ (clíticos *senão* argumentais passivos, indeterminados e inerentes)

2.1 Ênclise/ Mesóclise

Na anotação morfológica, a ênclise e a mesóclise são anotadas por sub-etiquetas especiais sobre o verbo (*VB + CL*, *VB ! CL*), o que é um problema para a anotação sintática, visto que a posição argumental do pronome enclítico está sempre vazia. Em uma primeira versão da anotação sintática, resolveu-se o problema pela co-indexação do clítico com uma categoria vazia. Na atual versão da anotação morfológica, o clítico é separado do verbo, assim, o pronome pode ser tratado como um argumento regular.

(0 (1 IP-MAT (2 CONJ e)
 (4 NP-SBJ *pro*)
(6 IP-GER (7 VB-G dizendo-)
(9 NP-DAT (10 CL -lhe))
 (12 CP-THT (13 C que)
 (15 IP-SUB (16 PP (17 P n@)
 (19 NP (20 D-F-P @as)
 (22 N-P casas)
 (24 PP (25 P de)
 (27 NP (28 NPR
 António) (30 NPR Pessoa)))))))))
 (ID COUTO,05.44) (CTB, 2015)

⁶⁰ Descrito e exemplificado no item 7 (Construções com SE).

2.2 Contrações de Pronomes Clíticos

De acordo com o CTB (2015), a anotação sintática de uma contração de dois pronomes clíticos segue uma ordem linear de ocorrência dos NPs a que se referem. Dessa forma, uma contração de clíticos, como *lho*, será anotada como:

```
(240 CP-REL-3 (241 WNP-4 (242 WPRO que))
  (244 IP-SUB (245 NP-SBJ *T*-4)
    (247 NP-DAT (248 CL lh@))
      (250 NP-ACC (251 CL @o))
        (253 VB-D quebrou)
          (255 PP (256 P de)
            (258 NP (259 Q todo))))
  (261 , ,)
  (ID C_007,45.515)
```

2.3 A Subida do Clítico

Quando há subida do clítico, atribui-se a anotação de categoria vazia (representada por um asterisco *) para a posição de origem do clítico dentro do IP. Essa categoria vazia é dominada por um NP com acréscimo de outra *tag* relacionada à função desempenhada pelo pronome clítico, enquanto que a categoria que domina o clítico em posição mais alta não desempenha nenhuma função, mas é atribuída a co-indexação com o vestígio do clítico, como no exemplo:

```
(56 CONJP (57 CONJ e)
  (59 PP (60 P de)
    (62 IP-INF (63 NP-SBJ *pro*)
      (65 NP-2 (66 CL o))
      (68 VB-F mandarem)
      (70 IP-INF (71 NP-ACC *-2)
        (73 VB tirar))
      (75 PP-SBJ (76 P por)
        (78 NP (79 D-UM um)
          (81 N homem)
          (83 , ,)
          (ID COUTO,75.763) (CTB, 2015))
        )
      )
    )
  )
```

2.4 O Redobro do Clítico

Conforme o CTB (2015), o redobro do clítico é representado pela co-indexação de uma categoria vazia dentro da frase portadora do clítico e um sintagma preposicional que contém um pronome, segue o exemplo:

```
(0 (1 IP-MAT (2 CONJ e)
  (4 NP-SBJ (5 D o)
```

(7 N povo)
 (9 PP (10 P d@)
 (12 NP (13 D-F @aquela) (15 N capital))))
(17 NP-SE (18 CL se)
 (20 PP *ICH*-1))
 (22 NEG não)
 (24 VB-D conhecia)
 (26 PP-1 (27 P a)
(29 NP (30 PRO si) (32 FP mesmo)))
 (34 , ,)
 (ID BARROS, 137.1109)(CTB, 2015)

3. PP – Sintagma Preposicional

Conforme o CTB, os Sintagmas Preposicionais são aqueles encabeçados por uma preposição; têm um *NP* como complemento e admitem partículas e advérbios como especificadores. Além da etiqueta *PP*, atribuem-se sub-etiquetas associadas ao sintagma preposicional:

3.1 PP-ACC

Nos casos em que a preposição *a* precede objeto direto de um verbo transitivo:

(37 IP-INF (38 TR ter)
 (40 VB-PP cansado)
(42 PP-ACC (43 PP (44 P a@)
(46 NP (47 D-P @os)
(49 N-P religiosos)
 (ID GALHEGOS,62.943)(CTB, 2015)

3.2 PP-SBJ

Usado quando o sujeito de uma *smallclause* está co-indexado a um PP:

(0 (1 IP-MAT (2 CONJ e)
 (4 CP-ADV (5 C como)
 (7 IP-SUB (8 NP-SBJ *pro*)
 (10 VB-D acharam)
 (12 IP-SMC (13 ADJP (14 ADJ-G presente))
(16 PP-SBJ (17 P a@)
(19 NP (20 D @o)
(22 NP (23 NPR Padre) (25 NPR
VIEIRA))))))
 (ID BARROS,120.962) (CTB, 2015)

3.3 PP-LFD

Quando o sintagma preposicional é deslocado à esquerda;

(0 (1 IP-MAT (2 NEG Não)
 (4 SR-D foraõ)
 (6 FP sò)
 (8 NP-ACC (9 D-P estes))
 (11 NP-SBJ (12 D-P os)
 (14 N-P cazos)
 (16 , ,)
 (18 CP-REL (19 WPP-1 (20 P em)
 (22 NP (23 WPRO que)))
 (25 IP-SUB (26 PP *T*-1)
(28 PP-LFD (29 P a)
(31 NP (32 D-F esta)
(34 N
serva)
 (36 PP (37 P de)
 (39 NP (40 NPR Deos))))
 (42 NP-SE-3 (43 CL se))
 (45 NP-DAT-RSP (46 CL lhe))
 (48 VB-D revelaraõ)
 (50 NP-SBJ-3 (51 NP (52 D-P os) (54
 N-P sucessos) (56 ADJ-G-P presentes)) (58 , ,)
 (ID MARIA DO CÉU,187.712) (CTB, 2015)

3.4 PP-PRN

Indica sintagma preposicional apositivo:

(0 (1 IP-MAT (2 NP-SBJ (3 D O)
 (5 N senhor)
 (7 PP (8 P de)
 (10 NP (11 NPR Castel-Nuovo)))
 (13 , ,)
(15 PP-PRN (16 P de)
(18 NP (19 N idade)
 (21 PP (22 P de)
 (24 NP (25 NUMP (26 NUM sessenta) (28
 CONJ e) (30 NUM sete))(32 N-P anos))))))
 (ID CAVALEIRO DE OLIVEIRA, 42.689) (CTB, 2015)

4. AdjP – Sintagma Adjetival

Sobre o Sintagma Adjetival, em seu manual de anotação sintática, o CTB apresenta as condições para sua projeção, assim um AdjP é projetado quando:

a) o adjetivo for um dos argumentos de um verbo copular (como o verbo *ser*);

(1 IP-MAT (2 CONJ E)
 (4 NP-SBJ *exp*-4)
 (6 PP (7 P pera)
 (9 NP (10 ADJ-R-G melhor)
 (12 N entendimento)
 (14 PP (15 P d@)
 (17 NP (18 D-F @esta) (20 N matéria))))))
 (22 , ,) **(24 SR-R será)**
(26 ADJP (27 ADJ necessário))
 (ID COUTO,53.582) (CTB, 2015)

b) o adjetivo tiver complementos ou especificadores;

(40 IP-SUB (41 PP *T*-7)
 (43 NP-SBJ *pro*)
 (45 ADVP (46 ADV logo))
 (48 VB-D intitulou)
 (50 PP (51 P por)
 (53 NP (54 N rei)))
 (56 NP-ACC (57 D o)
 (59 PRO\$ seu)
 (61 N filho)
(63 ADJP (64 ADV-R mais) (66 ADJ velho))
 (ID PINTO,91.670) (CTB, 2015)

c) estar em uma construção coordenada;

1 IP-MAT (2 CONJ E)
 (4 NP-SBJ *pro*)
 (6 CP-ADV (7 C como)
 (9 IP-SUB (10 NP-SBJ (11 NPR Deos)
 (13 NP-PRN (14 PRO\$ Nosso) (16 NPR Senhor)))
 (18 SR-P é)
 (20 NP-ACC (21 NP (22 ADJ verdadeiro) (24 N juiz))
 (26 , ,)**(28 CONJP (29 CONJ e)**
(31 ADJP (32 ADJ-G igual)
 (ID COUTO,66.700)(CTB, 2015)

d) for o predicado de *smallclause* ou de uma construção predicativa secundária (como *viver pobre*);

68 IP-GER (69 IP-GER (70 VB-G incitando)
 (72 NP-ACC (73 D-P os) (75 PRO\$-P seus))
 (77 PP (78 P a)

(80 IP-INF (81 NP-SBJ *pro*)
 (83 NP-2 (84 CL se))
 (86 VB-F fazerem)
(88 IP-SMC (89 NP-SBJ *-
2) (91 ADJP (92 ADJ-P
amoucos))))))
 (ID PINTO,82.586) (CTB, 2015)

e) for argumento dos verbos *estar*, *parecer*, *permanecere* *ficar*;

((43 IP-SUB (44 NP-SBJ *T*-1)
 (46 ET-D estavam)
(48 ADJP (49 ADJ devasio))))))
 (ID GALHEGOS,40.566) (CTB, 2015)

f) quando for complemento de um PP:

(141 IP-GER (142 IP-GER-3 (143 VB-G ficando)
 (145 NP-SBJ (146 D êste) (148 N homem))
 (150 PP (151 P de)
(153 ADJP (154 ADJ-G pobre))
 (ID COUTO,24.294) (CTB, 2015)

5. AdvP – Sintagma Adverbial

De acordo com o CTB, semelhante ao AdjP, o Sintagma Adverbial é projetado quando seleciona semântica ou categoricamente argumentos ou especificadores, constituinte (40) do primeiro exemplo; quando uma relação coordenação se estabelece, constituinte (72) do segundo exemplo; ou quando for selecionado por um PP, constituinte (16) do primeiro exemplo. Em especial, quando o advérbio for imediatamente dominado por um IP, constituinte (5) do primeiro exemplo, é um contexto específico para a projeção de um AdvP (CTB, 2015).

(1 IP-MAT (2 NP-SBJ *pro*)
(4 ADVP (5 ADV Logo))
 (7 VB-D foram)
 (9 IP-INF (10 VB dar)
 (12 PP (13 P d@)
(15 AVP (16 ADV @aí))
 (18 P a)
 (20 NP (21 D-UM-F uma) (23 N légua)))
 (25 PP (26 P n@)
 (28 NP (29 D @o))

(31 N monte)
 (33 PP (34 P de)
 (36 NP (37 NPR Sespedes)))
(39 ADVP (40 ADV junto)
 (42 PP (43 P a)
 (45 NP (46 D-F 0)
 (48 N ponte)
 (50 PP (51 P d@)
 (53 NP (54 D @o) (56
 NPR Rio) (58 NPR Caia))))))
 (ID GALHEGOS,76.1140)(CTB, 2015)

40 IP-SUB (41 IP-SUB-3 (42 NP-SBJ *pro*)
 (44 VB-D praticamos)
 (46 PP (47 P com)
 (49 NP (50 NP (51 Q-F-P algumas)
 (53 N-P pessoas)
 (55 CP-REL (56 WNP (57 WPRO
 que))
 (59 IP-SUB (60 NP-SBJ *T*)
 62 NP-ACC (63 CL o))
 (65 VB-D viram))))
 (67 , ,)
 (69 CONJP (70 CONJ e)
(72 ADV ainda)
 (74 NP (75 N naturais) (77
 PRO\$ seus)))))))(79 , ,)
 (ID COUTO 23.285) (CTB, 2015)

6. Categorias Vazias

No Quadro2, seguem as etiquetas relacionadas às categorias vazias para anotação sintática do CTB:

Etiqueta	Descrição	
	Inglês	Português
pro	Referentialnullsubject	sujeito nulo referencial
exp	Expletivenullsubject	sujeito nulo expletivo
arb	Empty subjects in causative construction	sujeitos vazios em construções causativas
T	Tracesofanoperator	traços de um operador
*	Trace left by clitic climbing	traço da subida de um clítico
ICH	Traces of extraposed constituents/ Traces of left-dislocated constituents	traços de constituents extrapostos ou deslocados à esquerda
0	Null category or null operator	categoria nula ou operador nulo

Quadro 2 - Categorias Vazias

Fonte: Gomes dos Santos(2013) e CTB (2015)

7. Construções com SE

O CTB apresenta anotações específicas para as diferentes construções com o clítico SE (*NP-SE (CL se)*), separadas dos demais tipos de clíticos, conforme determinados princípios, os quais seguem:

7.1 SE – Passivo

7.1.1 Nas construções em que o argumento concorda com o verbo, o NP-SE é co-indexado com o NP:

(0 (1 IP-MAT (2 PP (3 P N@)
 (5 NP (6 D-F @esta) (8 N obra)))
(10 NP-SE-1 (11 CL se))(13 VB-D gastaram)
(15 NP-SBJ-1 (16 NUM oito) (18 N-P mezes))(20 , ,)
 (ID COUTO,20.242)(CTB,2015)

7.1.2 Nas construções de SE-passivo em que o sujeito é nulo, o NP-SE está co-indexado com um *pro*, ocorrendo no início da oração:

(122 CONJP (123 CONJ e)
(125 IP-SUB (126 NP-SBJ-2 *pro*)
(128 NP-SE-2 (129 CL se))
(131 VB-SD arrecadassem)
 (133 PP (134 P pera)
 (136 NP (137 PRO êle)))))))(139 . ;)
 (COUTO,117.1163)(CTB, 2015)

7.1.3 Quando existe a subida do se, o NP-SE é co-indexado com o sujeito, como nos outros casos, enquanto que o NP está co-indexado com um traço de SE:

23 IP-SUB (24 PP (25 P por)
 (27 NP (28 Q-NEG-F nenhuma)
 (30 N cousa)
 (32 PP (33 P d@)
 (35 NP (36 D-F @a) (38 N vida))))))
(40 NP-4 (41 CL se))
(43 VB-D podia)
(45 IP-INF (46 NP-SE *-4)
(48 VB entregar))
 (ID COUTO,117.1163) (CTB, 2015)

7.2 SE - Médio

Essas construções são consideradas como construções de SE-passivo:

(25 IP-SUB (26 NP-SBJ *pro*)
 (28 NP-SE (29 CL se))
 (31 VB-P desvia)
 (33 PP (34 P d@)
 (36 NP (37 D-P @os) (39 N-P cedros))))))
 (41 . :))
 (ID MARIA DO CÉU, 154.287) (CTB, 2015)

7.3 SE – Indefinido

7.3.1 Nas construções com verbos transitivos, quando não há concordância entre o verbo e o NP lexical (NP-ACC), o sujeito expletivo (NP-SBJ *exp*) está co-indexado com o NP-SE:

(162 IP-SUB (163 PP *T*-2)
 (165 NP-SBJ-1 *exp*)
 (167 NP-SE-1 (168 CL se))
 (170 VB-P reza)
 (172 NP-ACC (173 D o)
 (175 IP-INF (176 VB saber)
 (178 IP-INF (179 VB
 reinar))))))
 (181 . .)
 (ID COUTO, 82.835) (CTB, 2015)

7.3.2 Com verbos intransitivos ou verbos que o complemento é outra oração, o sujeito é *exp* co-indexado com um NP-SE:

(0 (IP-MAT (NP-SBJ *exp*-1)
 (VB-D vivia)
 (NP-SE-1 (CL se))
 (PP (P sem)
 (NP (N temor)
 (PP (P de)
 (NP (NPR-P Leis)
 (ADJP (ADJ-F-P Divinas) (, ,) (CONJ e) (ADJ-
 F-P humanas))))))
 (, ,)
 (ID BARROS, 100.798) (CTB, 2015)

(0 (1 IP-MAT-SPE (2 NP-SBJ-2 *exp*)
 (4 ADVP (5 ADV Já))
 (7 NP-SE-2 (8 CL se))
 (10 VB-P sabe)
 (12 CP-THT (13 C que)
 (15 IP-SUB (16 NP-SBJ *pro*)
 (18 VB-D ficou)

(20 NP-ACC (21 D-F a)
(23 N condição)
(25 , ,)

(ID GARRET,0.2444) (CTB, 2015)

7.4 SE - Inerente

7.4.1 Nas construções de SE-inerente não há co-indexação do SE:

(PP (P para)
(CP-ADV (C que)
(IP-SUB (NP-SBJ (D-P os)
(ADJ-P mesmos)
(N-P pés)
(, ,)
(CP-REL (WNP-4 (WPRO que))
(IP-SUB (NP-SBJ *T*-4)
(ADVP (ADV heroicamente))
(VB-P pisam)
(NP-ACC (D-F-P as) (N-P vaidades))
(, ,))))
(NP-SE (CL se))
(VB-SP dignem)
(IP-INF (VB proteger)
(NP-ACC (D-F-P estas) (N-P reflexões)))))))))
(ID AIRES,03.4) (CTB, 2015)

8. IP – Orações

O CTB apresenta etiquetas específicas para os diferentes tipos de orações produzidas no Português, como podemos observar a seguir:

8.1 IP-MAT

O *IP-MAT* é a etiqueta atribuída às orações matrizes, ou principais, às orações simples, e também às orações coordenadas não-dependentes, segue exemplo:

(0(1 **IP-MAT** (2 **VB-D Consistia**)
(4 NP-SBJ (5 D-F esta))
(7 , ,)
(9 CP-ADV (10 C se)
(12 IP-SUB (13 NP-SBJ *pro*)
(15 HV-P havemos)
(17 PP (18 P de)
(20 IP-INF (21 VB dar)
(23 NP-ACC (24 N
crédito))
(26 PP (27 P a@))

(29 NP (30 D-P

@os) (32 ADJ-P antigos))))))

(ID CAVALEIRO DE OLIVEIRA,69.1015) (CTB, 2015)

8.2 IP-SUB

Essa etiqueta é atribuída às orações dependentes subordinadas, essas que são sempre dominadas por um sintagma complementizador (*CP*), como no exemplo:

(0 (1 IP-MAT (2 NP-SBJ (3 D O)
 (5 ADJ único)
 (7 N efeito)
(9 CP-REL (10 WNP-1 (11 WPRO que))
(13 IP-SUB (14 NP-SBJ-3 *T*-1)
 (16 NP-SE-3 (17 CL se))
 (19 TR-P tem)
 (21 VB-PP observado)
 (23 PP (24 P como)
 (26 ADJP (27 ADJ
 certo))))))
 (ID CAVALEIRO DE OLIVEIRA,72.1035) (CTB, 2015)

8.3 IP-INF

Verbos infinitivos são sempre dominados por um *IP-INF*, como observamos no exemplo:

(0 (1 IP-MAT (2 CONJ e)
 (4 NP-SBJ *pro*)
 (6 , ,)
 (8 PP (9 P com)
(11 IP-INF (12 NP-1 (13 CL a))
 (15 TR ter)
 (17 VB-PP feito)
 (19 IP-SMC (20 NP-SBJ *-1)
 (22 ADJP (23 ADV-R tão)
 (25 ADJ-G gèral)
 (ID SOUSA, 102.1179) (CTB, 2015)

8.4 IP-GER

Expressões gerundivas são dominadas por um *IP-GER*, exceto quando essas expressões fazem parte de uma locução (*estar, ficar, andar* + verbo gerúndio). Exemplo:

(0 (1 IP-MAT (2 CONJ e)
 (4 NP-SBJ *pro*)

(6 , ,)
(8 IP-GER (9 VB-G vendo)
 (11 NP-ACC (12 N ocasião))
 (14 PP (15 P pera)
 (17 NP (18 CP-FRL (19 WNP-1 (20 D o) (22 WPRO que))
 (24 IP-SUB (25 NP-SBJ *pro*)
 (27 VB-D traziam)
 (29 IP-SMC (30 NP-SBJ *T*-1)
 (32 ADJP (33 VB-AN
 acordado)))))))))
 (35 , ,)
 (ID SOUSA, 109.1286) (CTB, 2015)

8.5 IP-PPL

Na anotação sintática do CTB, especialmente, diferente da proposta de Taylor & Kroch, a *tag IP-PPL* é aplicada, somente, para as orações participiais adverbiais, segue exemplo:

(0 (1 IP-MAT (2 CONJ E)
 (4 NP-SBJ-10 *exp*)
(6 IP-PPL (7 VB-AN debatido)
 (9 PP (10 P antre)
 (12 NP (13 Q-P todos))))
 (15 , ,)
 (17 VB-D assentou-)
 (19 NP-SE-10 (20 CL -se))
 (22 . :)
 (ID COUTO, 57.600) (CTB, 2015)

8.6 RRC

Oração relativa reduzida. Usa-se, normalmente, para participípio passado. Exemplo:

(277 CONJP (278 CONJ e)
 280 IP-INF (281 VB arrancar)
 (283 NP-ACC (284 N-P vícios)
(286 RRC (287 RRC (288 VB-AN-P arreigados)
 (290 PP (291 P com)
 (293 NP (294 N-P anos))))
 (ID SOUSA, 95.1099) (CTB, 2015)

8.7 IP-SMC

A etiqueta *IP- SMC* é atribuída às orações sem verbo que são complementos de verbos como: achar, arguir, chamar, conservar, considerar, deixar, fazer, imaginar, intitular, julgar (SE), mostrar, nomear, proclamar, reputar, supor, ter, ver; quando os predicados são *ADJPs* ou *NPS*.

(231 IP-INF-3 (232 VB mandar)
 (234 IP-INF (235 NP-SBJ *arb*) (237 VB visitar)
 (239 NP-ACC (240 D o) (242 N corpo)
 (244 PP (245 P d@)
 (247 NP (248 D @o) (250 N profeta) (252 NPR Noby)))) (254
 PP (255 PP (256 P com)
 (258 IP-SMC (259 NP-SBJ (260 D-F-P as) (262 N-P mãos))(264
 ADJP (265 ADJ-F-P vazias))))
 (267 , ,)
 (ID PINTO, 25.122) (CTB, 2015)

8.8 Outros Tipos de Orações

As demais orações são codificadas no CTB conforme mostra o quadro (Quadro3) que segue:

Etiqueta	Descrição	
	Inglês	Português
SPR ⁶¹	SecondaryPredicates	predicados secundários
CP-ADV	Adverbial clauses	orações adverbiais
CP-THT	Thatclauses	orações iniciadas por <i>que (that)</i>
CP-DEG	Degreeclauses	orações consecutivas
CP-REL	Relativeclauses	orações relativas
CP-FRL	Freerelativeclauses	orações relativas livres
CP-CAR	Clause-adjoinedRelatives	orações relativas adjuntas
CP-CMP	Comparativeclauses	orações comparativas
CP-QUE	Questions (direct/ indirect)	orações interrogativas diretas ou indiretas

Quadro 3 - Outros tipos de oração

Fonte: Gomes dos Santos(2013) e CTB (2015)

2.3.1.3 Características do TychoBrahe

Para se ter acesso ao catálogo de textos do CTB é bem simples. O usuário deve se cadastrar no *corpus* para então receber o seu nome de usuário e senha. Com isso, esse usuário passa a ter total acesso aos catálogos de textos do CTB que estão organizados por: lista

⁶¹Utiliza-se juntamente com outras etiquetas: ADJP-SPR, NP-SPR.

cronológica, lista por gênero, lista por tipo de fonte, lista por nível de edição, lista por anotações e lista por local de produção/publicação (CTB, 2015).

Os textos do CTB são caracterizados por um código (como por exemplo, *p-001* que corresponde ao texto de Fernão Mendes Pinto 1510 – *Perigrinação*), o que permite o acesso do texto completo com uma variedade de visualizações: a) versões para leitura, optando pela versão transcrita do texto-fonte ou editada; b) versões para trabalho, podendo visualizar o texto simples (editado) e também o léxico das edições, que mostra adaptações gráficas realizadas na edição do texto (por exemplo, *cõ* – *com*); c) versões anotadas, optando pela visualizaçãoda anotação morfológica ou sintática.

Ao acessar o catálogo de listas ordenadas do CTB, o usuário vai se deparar com itens que classificam o texto, os quais estão exemplificados noQuadro4 (Gomes dos Santos, 2013). As primeiras colunas mostram informações gerais sobre o autor do texto e o próprio texto, a saber a data de nascimento, título da obra, número de palavras e o código do texto. Posteriormente, apresentam-se informações sobre o tratamento desse texto para a disponibilização, a saber a transcrição e o andamento da edição e, finalmente, a disponibilidade da anotação morfológica e/ou sintática para o texto.

Informações Gerais						Grafia			Anotações Disponíveis	
(cód.)		(autor)	(nasc)	(título)	(palavras)	Texto-fonte	Modernizado na Transcrição	Edição completa	Morf.	Sint.
1	<i>a_001</i>	Matias Aires	(1705)	Reflexões sobre a Vaidade dos Homens	56479	Editado	--	--	Sim	Sim

Quadro 4 - Exemplo da página do catálogo de listas ordenadas do CTB

Fonte: Gomes dos Santos (2013) e CTB(2015)

Após explorarmos a estrutura e composição do *corpus TychoBrahe*, na próxima seção, apresentamos a metodologia de busca e análise de dados que seguimos para chegar aos resultados

2.4 METODOLOGIA

Com o intuito de investigar as construções com o clítico SE em textos referentes ao PCl no CTB, desenvolvemos o seguinte trabalho:

2.4.1 Seleção dos textos que compõem essa pesquisa

Para essa pesquisa, buscamos as ocorrências desse clítico em dez (10) textos sintaticamente anotados de autores nascidos entre os séculos XVI, XVII e XVIII extraídos do CTB, cujo período compreende a gramática do PCl. Desses 10 textos, 4 pertencem ao século XVI, 3 ao século XVII e os outros 3 ao século XVIII. No século XVI, 2 dos 4 textos compreendem a primeira metade do século em questão, enquanto que os outros 2 compreendem a segunda metade. Por fim, dos 3 textos que correspondem aos séculos XVII e XVIII, 1 compreende a primeira metade do século, enquanto os demais compreendem a segunda metade⁶². Deste modo, segue abaixo a lista dos dez textos do CTB que serão utilizados na presente pesquisa (Quadro 5). Todos os textos selecionados têm anotação tanto morfológica quanto sintática e totalizam 431.077 palavras.

Texto	Data de nascimento	Autor	Número de Palavras	Doc..
<i>Perigração</i>	1510	Fernão Mendes Pinto	47.580	p-001
<i>Décadas</i>	1542	Diogo do Couto	47.605	c-007
<i>A vida de Frei Bertolameu dos Mártires</i>	1556	Luis de Sousa	53.986	s-001
<i>Gazeta</i>	1597	Manuel de Galhegos	28.839	g-001
<i>Sermões</i>	1608	Padre A.Vieira	53.855	v-004
<i>Vida e Morte de Madre Helena da Cruz</i>	1658	Maria do Céu	27.419	c-002
<i>Vida do apostólico padre Antonio Vieira</i>	1675	André de Barros	52.055	b-001
<i>Cartas, Cavaleiro de Oliveira</i>	1702	Cavaleiro de Oliveira (Fco Xavier)	51.234	c-001
<i>Entremezes de Cordel</i>	1757	José Daniel Rodrigue	24.252	c-005
<i>Teatro, Almeida Garret</i>	1799	J. B da Silva	44.252	g-004

⁶²Diferente da amostra de textos do século XVI, selecionamos apenas 3 textos do século XVII e XVIII, 1 referente à primeira metade do século e 2 à segunda metade, pois, no século XVII, só existe 1 texto disponível com anotação sintática referente à primeira metade desse século no CTB, a saber o texto v-004 (Padre Antônio Vieira, 1608 – *Sermões*), assim, repetimos o mesmo para o século seguinte, contabilizando, assim, 10 textos.

		Almeida Garret		
Total de Palavras			431.077	

Quadro 5 - Textos do CTB que compõem essa pesquisa

Fonte: Própria

2.4.2 Levantamento dos Dados e Buscas automáticas

Com as anotações morfológica e sintática dos textos, é possível realizar buscas automáticas de qualquer elemento linguístico nos textos anotados do *corpus*. As buscas automáticas, no CTB, são realizadas com o auxílio da ferramenta *Corpus-Search* pelo *download* dos textos e da ferramenta computacional ou pela interface gráfica disponível no site do projeto.

O *Corpus-Search* é uma ferramenta de busca automática capaz de realizar pesquisas sintáticas em *corpus* anotado no formato *Penn TreeBank*. Para realizar buscas sintáticas, o *Corpus-Search* necessita de duas entradas: o arquivo do *corpus*, anotado no formato supracitado, e o arquivo de especificação da busca a ser realizada em formato de texto simples (txt). Essa especificação de busca deve estar de acordo com a sintaxe exigida pela linguagem de consulta do *Corpus-Search* com as funções de busca, que pesquisam relações existentes na estrutura sintática como dominância, c-comando, irmandade e outras com o uso de operações lógicas. Os resultados da busca realizada podem ser acessados em formato de texto simples, no arquivo de saída gerado pelo programa (CORPUS SEARCH, 2009).

Para realizar buscas sintáticas no CTB, é necessário fazer um *download* dos textos do *corpus* disponíveis no site do projeto TychoBrahe, a partir de um cadastro feito pelo usuário. De acordo com Costa (2015), com o *download* dos textos em formato de caractere, é possível realizar buscas automáticas a partir do conhecimento de alguma linguagem de programação ou ferramenta que faça buscas em textos. No entanto, para a autora, “ferramentas genéricas” são bastante limitadas, portanto, para buscas mais elaboradas, faz-se necessária a utilização de ferramentas específicas para pesquisas linguísticas. Assim, as buscas sintáticas podem ser realizadas com o *download* do *Corpus-Search* usando outra ferramenta de busca semelhante, como por exemplo, o *software web WebSinC*⁶³, sendo necessário um prévio conhecimento da linguagem dessas ferramentas.

⁶³ O *software web WebSinC* é uma ferramenta de busca automática, programado por Costa e Namiuti (2015) no Laboratório de Pesquisa em Linguística de *Corpus* (LAPELinC) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) para disponibilizar o *Corpus de Documentos Oitocentistas de Vitória da Conquista* (DOViC) em meio digital, fornecendo recursos de buscas automáticas nos textos deste *corpus*, por categorias sintáticas e morfossintáticas (Costa e Namiuti, 2015).

Além das buscas com os *downloads* dos textos nos formatos de anotação e da ferramenta de busca, está disponível no site do CTB a busca por interface gráfica com o auxílio do *Corpus-Search* de maneira mais transparente para o usuário, o que permite que este realize buscas sem a instalação da ferramenta em seu computador e sem possuir conhecimento para utilizá-la. Contudo, as buscas por interface gráfica seguem uma estrutura linear restrita, realizadas por classes de palavra, não sendo possível, pois, realizar buscas de estruturas sintáticas. Com essa interface, além de uma consulta gráfica, o site permite que seja feita uma consulta manual, caso o usuário possua conhecimento da linguagem utilizada para busca na ferramenta *Corpus-Search*, o que torna a busca mais flexível.

2.4.2.1 Busca dos Dados

Após a seleção dos textos no CTB, iniciamos o levantamento dos dados por meio do mecanismo de busca automática *Corpus Search*. Assim, fizemos o *download* dos arquivos de texto⁶⁴ disponíveis no site do *corpus* e elaboramos as *queries* para a busca. Através da construção de uma *query*, critérios de busca foram estabelecidos, delimitando-se a ordenação e a relação dos constituintes. Conforme Gomes dos Santos, uma *query*, por sua vez, em informática:

[...] é a indagação construída com uma linguagem de busca automática; é uma ferramenta útil que permite construir consultas para um banco de dados. Fisicamente, a *query* é um arquivo *.q* que será executável como um comando. (GOMES DOS SANTOS, 2013, p. 72).

Como o nosso objetivo é investigar se existe alguma relação entre a função do clítico (sujeito/objeto) e a sua posição na sentença (próclise/ênclise), construímos, então, duas *queries*, sendo que uma se destinava à busca do SE associado à função sujeito (que aqui nomearemos de SE-nominativo) e a outra à função de objeto (SE-acusativo). Desse modo, a anotação sintática do CTB serviu de base para a elaboração dessas *queries*, essas que seguem:

a) *Query* SE-nominativo:

node: \$ROOT

⁶⁴ Para facilitar o acesso aos textos por século, além do código do *corpus*, renomeamos cada arquivo com o século a que corresponde o texto, especificando se se trata de um texto da primeira ou segunda metade do século, como por exemplo, *Sec16_1met_p_001*, que corresponde ao texto *Perigração* (1510) de Fernão Mendes Pinto.

query: (NP-SBJ* sameIndex NP-SE*)

Esta busca pode ser assim descrita: um NP sujeito está co-indexado com um NP-SE. Com esta *query*, levantamos todos os dados de SE-nominativo que está associado à função sujeito (passivo ou indeterminado) nos diversos contextos e com todos os tipos de verbos.

b) *Query* SE-acusativo

node: \$ROOT

query: (NP-ACC idoms CL) AND (CL iDomsse|te|me|nos|vos|to|mo)

Esta busca pode ser assim descrita: um NP acusativo domina imediatamente um clítico (se, te, me, nos, vos, to ou mo). Com esta *query*, levantamos todos os dados de SE- Acusativo (reflexivo), pois o SE é dominado por um NP- ACC nos diversos contextos e com todos os tipos de verbos. É importante salientar que, nesta busca, não levantamos apenas o reflexivo de 3ª pessoa (SE), mas também os reflexivos de 1ª e 2ª pessoas (plural e singular).

2.4.2.1.1 Resumo das buscas

Assim o arquivo de saída das buscas (o arquivo.out), em formato txt, apresentou os seguintes resumos de busca:

a) Resumo de busca SE-nominativo:

SUMMARY:

source files,	hits/tokens/total
port\port.def	0/0/0
port\Sec16_1met_c_007_part_psd.txt	91/91/1258
port\Sec16_1met_p_001_psd.txt	117/117/1050
port\Sec16_2met_g_001_psd.txt	165/165/1463
port\Sec16_2met_s_001_psd.txt	218/218/2348
port\Sec17_1met_v_004_part_psd.txt	170/170/2127
port\Sec17_2met_b_001_psd.txt	259/259/1957
port\Sec17_2met_c_002_psd.txt	122/122/1272
port\Sec18_1met_c_001_psd.txt	213/213/2984
port\Sec18_2met_c_005_psd.txt	61/61/2396
port\Sec18_2met_g_004_psd.txt	63/63/4258
port\tags.tag	0/0/0
whole search,	hits/tokens/total

1479/1479/21114

b) Resumo de busca SE-acusativo:

SUMMARY:

source files, hits/tokens/total

port\port.def 0/0/0

port\Sec16_1met_c_007_part_psd.txt 48/48/1258

port\Sec16_1met_p_001_psd.txt 143/143/1050

port\Sec16_2met_g_001_psd.txt 32/32/1463

port\Sec16_2met_s_001_psd.txt 122/122/2348

port\Sec17_1met_v_004_part_psd.txt 60/60/2127

port\Sec17_2met_b_001_psd.txt 105/105/1957

port\Sec17_2met_c_002_psd.txt 47/47/1272

port\Sec18_1met_c_001_psd.txt 272/272/2984

port\Sec18_2met_c_005_psd.txt 59/59/2396

port\Sec18_2met_g_004_psd.txt 84/84/4258

port\tags.tag 0/0/0

whole search, hits/tokens/total

972/972/21114

2.4.3 Classificação e Análise de dados

Com o levantamento dos dados, selecionamos, manualmente, os dados com o clítico SE, excluindo os contextos de mesóclise, os com verbos infinitivos⁶⁵, gerúndios e participípios, considerando apenas os verbos finitos nos modos indicativo e subjuntivo, e com os verbos *ser*, *estar*, *haver* e *ter* (no sentido de existir) por comportarem, também, como verbos auxiliares e semi auxiliares, além de se tratarem de verbos inacusativos. Após essa seleção, os dados foram exportados para planilhas do EXCEL⁶⁶, sendo submetidos a fatores pré-estabelecidos de classificação.

Dessa forma, classificamos os dados: quanto ao número do dado; ao nome do autor; ano de nascimento do autor; ano de publicação da obra; tipo de oração (Principal V1 e Principal V2⁶⁷, Coordenada dependente e Coordenada não dependente ou Subordinada); quanto à posição do 'SE' diante do verbo (SE-V próclise, V-SE ênclise, SE-X-V próclise com interpolação de constituintes); quanto a sua função/tipo (SE-Indeterminado, SE-Passivo ou

⁶⁵ Os contextos com verbos infinitivos foram excluídos, tendo em vista que nosso interesse, nessa pesquisa, é investigar as ocorrências de SE com verbos finitos.

⁶⁶ Para facilitar o acesso aos dados, elaboramos seis (6) planilhas de EXCEL, divididas para os três séculos contemplados nesta pesquisa (a saber séculos XVI, XVII e XVIII), assim, cada século possui duas planilhas, sendo uma para a classificação dos dados de SE-nominativo e a outra para o SE-acusativo).

⁶⁷ Classificamos as orações Principais V2 pelo constituinte que a introduz, a saber, principal-sujeito, principal-advérbio, principal-adjetivo, principal-sintagma preposicional (complemento ou adjunto), principal-oração (finita ou infinitiva), principal-focalizador, principal-quantificador e outros (vocativo, interjeição, etiqueta FW e outros)

SE-Reflexivo)⁶⁸, ao verbo; ao tipo de predicado (Simples ou Complexo⁶⁹), quanto ao modo verbal (indicativo, subjuntivo, gerúndio ou particípio), ao contexto sintático (posição pré-verbal1/ posição pré-verbal2/ posição alta do verbo - do clítico - elementos interpolados ou posição baixa do verbo - clítico); quanto ao elemento pré-verbal (vazio/ conector/ clítico/ não/ advérbios/ vocativo-interjeição/ sujeito/ oração finita/ oração infinitiva/ quantificador/ complemento direto/ SENA/ sintagma preposicional/ etiqueta FW/ Elemento de Foco Ex: só, até/ bem, mal, sempre, também, ainda/ assim, antes e outros) e quanto ao elemento interpolado. Além disso, na tabela de classificação, os dados são exemplificados nas formas transcrita e anotada sintaticamente. Em seguida, os dados foram analisados qualitativamente e quantitativamente a partir de frequência simples.

Ao traçarmos um panorama para os objetivos a serem alcançados, bem como o percurso que trilhamos para tal finalidade, apresentamos, no próximo capítulo (Capítulo 3), a descrição dos dados que foram buscados, selecionados, classificados e quantificados.

⁶⁸ Na categoria tipo/função estão englobadas subcategorias de tipo de SE (Indeterminado/ Passivo/ Reflexivo) e a subcategoria de função sintática (Sujeito/ Objeto). Essa junção se explica pelo fato de o tipo de SE estar, diretamente, relacionado ao tipo, melhor dizendo, o tipo de SE é caracterizado pela função sintática exercida por esse clítico.

⁶⁹ Classificamos os predicados complexos em: Complexo Aspectual, Complexo Temporal e Complexo Modal.

30 CLÍTICO SE NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

“O ‘se’ ainda fará correr muita tinta...”

(Charlotte Galves)

3.1 APRESENTAÇÃO

Neste último capítulo, tratamos do percurso diacrônico do clítico SE na história da Língua Portuguesa a partir de abordagens de outros pesquisadores, em seus estudos, e dos nossos resultados. Assim, é neste capítulo que descrevemos as ocorrências de SE encontradas nos textos de autores nascidos na primeira e segunda metades dos séculos XVI, XVII e XVIII que compreendem a gramática do PCl.

Iniciamos este com uma “revisitação” dos estudos sobre o clítico SE na história do Português, tais como os de Chociay (2003), Cavalcante (2006) e Antonelli (2007) que investigaram o SE desde a sua ordem (próclise/ênclise) até a sua natureza. Com isso, conseguimos de certa, forma, realizar, um diálogo entre os dados encontrados em nossa pesquisa e os estudos de outros pesquisadores.

Finalmente, apresentamos a descrição e análise das ocorrências do pronome clítico SE encontradas em dez (10) textos de autores portugueses nascidos entre 1510 e 1799, representativos do PCl (séculos XVI, XVII e XVIII). Após a descrição e análise qualitativa dos dados obtidos, realizamos a análise quantitativa, a partir da frequência (simples) aplicada aos dados, com o auxílio das ferramentas do EXCEL. A descrição e análise dos dados considerou os seguintes fatores de classificação: (i) Tipo de SE (Se-Passivo, SE-Indeterminado e SE-Reflexivo); (ii) Tipo de Oração (Principal V1⁷⁰, Principal-N⁷¹, Principal-P⁷², Coordenada não dependente, Coordenada dependente e Subordinada) e (iii) Ordem do pronome em relação ao verbo (SE-V, V-SE e SE-X-V). Dessa forma, observamos o tipo de SE na ordem proclítica (com e sem interpolação⁷³) e enclítica, com o objetivo de perceber se

⁷⁰ Orações principais com verbo em primeira posição absoluta na sentença – contexto categórico de ênclise.

⁷¹ Orações principais introduzidas por constituintes neutros (sintagmas livres de foco marcado morfológicamente por partículas focalizadoras como “até”, “só”) – contexto de variação na ordem relativa do clítico – V-cl/ clV.

⁷² Orações principais introduzidas por elementos que condicionam próclise categórica (partículas focalizadoras e certos advérbios).

⁷³ O pronome clítico SE, quando proclítico ao verbo, pode ter sua adjacência em relação ao verbo interrompida por um constituinte, o advérbio de negação sentencial ou outro pronome clítico.

existe relação entre o tipo de SE, o contexto sintático e a ordem do clítico em contextos não categóricos⁷⁴.

3.2 REVISITANDO OS ESTUDOS SOBRE O CLÍTICO SE NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

O clítico SE, na Língua Portuguesa, possui um comportamento diferente dos demais tipos de clíticos, tendo em vista que, enquanto estes desempenham, exclusivamente, a função objeto, o SE desempenha tanto a função de objeto (quando Reflexivo) quanto a de sujeito (quando Indeterminado e Passivo). Contudo, vale ressaltar que, o SE-Passivo não desempenha, diretamente, a função sujeito, mas está relacionado a ela, sendo uma partícula apassivadora.

Dessa forma, por apresentar características tão peculiares e, ao mesmo tempo, distintas dos demais clíticos, o SE se torna um objeto de investigação interessante e significativo para o estudo da sintaxe do Português no âmbito da Gramática Gerativa. Assim, diversos foram os estudos que trataram do comportamento desse clítico na história da nossa língua em território europeu. Estudos estes que versam tanto a respeito do comportamento sintático do SE em relação a sua ordem na periferia do verbo quanto a sua natureza, tais como os de Chociay (2003), Cavalcante (2006) e Antonelli (2007) dentre outros.

As pesquisas acerca do clítico SE evidenciam que, ao longo da história do Português, assim como os demais tipos de clíticos, o SE apresenta variação quanto a sua ordem proclítica e enclítica, sendo um aspecto revelador de mudanças linguísticas no português. Galves (2001) nos chama a atenção para o uso do SE como um fator de diferença entre o Português Europeu (PE) e o Português Brasileiro (PB), visto que neste o clítico SE, mesmo com a tendência de desaparecer da língua em todos os seus usos, reaparece de forma compacta se distanciando do PE.

Ao pensarmos na variação da ordem do clítico SE, aludimos ao estudo de Chociay (2003) que procura investigar a relação entre o tipo de clítico e a mudança na sua colocação na diacronia do Português, nos textos do CTB que datam do século XVI ao XIX; em outras palavras, a autora pretende verificar se a ordem proclítica ou enclítica é influenciada pela natureza do pronome clítico e se existem mudanças ao longo do tempo. Assim, em seus resultados, Chociay constatou que o clítico SE é bastante produtivo e “puxa” a ênclise nos

⁷⁴ Entende-se por “contexto não categórico” os contextos de variação na posição relativa clV/Vcl, tais sejam – orações principais e coordenadas não dependentes introduzidas por constituinte neutro.

textos de autores nascidos antes do século XVIII, período intermediário do português, o qual reconhecemos como PCI, em que a próclise predomina, sendo a partir do século XVIII que a mudança na ordem proclítica para enclítica é fixada.

Ao comparar as ocorrências de O/A e dos outros clíticos com o SE, a autora conclui que, se comparado aos demais clíticos, o clítico SE favorece a ênclise até o final do século XVII, sendo que os autores que apresentam mais ocorrências de ênclise, apresentam, também, um grande percentual de ênclise com o SE, enquanto que O/A e os outros clíticos, neste período, apresentam maior número de ocorrência de próclise. Assim, só a partir do século XVIII que há um equilíbrio entre o uso de SE e dos outros clíticos em posição enclítica, sendo que o SE “mantém-se como um clítico enclítico”, permanecendo-se com o percentual elevado de ocorrências até a consolidação da nova gramática a partir do século XIX (CHOCIAIY, 2003). Com isso, a autora conclui que o clítico SE, diferente dos demais clíticos, favorece a ênclise em textos de autores nascidos antes do século XVIII, período em que a próclise está fixada, tendo em vista que o maior percentual de ênclise, nesses textos, ocorre com a presença de SE, além disso, a autora observa, também, que há um grande percentual de SE em próclise, o que nos permite afirmar que, neste período, as ocorrências com o clítico SE são bastante produtivas.

Na mesma perspectiva de Chociay (2003), Antonelli (2007) realiza um estudo acerca do fenômeno da colocação de clíticos, agora, exclusivamente, sobre o uso do clítico SE em duas variedades do Português em território europeu, a saber, Português Médio (doravante, PM) e PE; com objetivo de estudar o comportamento desse clítico no âmbito da alternância ênclise/próclise, buscando compreender em que circunstâncias a ênclise ocorre e se isso se relaciona ao clítico SE, o que Chociay inicia ao afirmar que, nos textos representativos do PCI ou PM, o SE puxa a ênclise. Para isso, o autor, além de descrever os dados obtidos das duas variantes do Português, compara os seus resultados de SE na variação ênclise e próclise aos de Paixão de Sousa (2004) com os outros clíticos com exceção do SE. Assim, o autor parte da hipótese de que a correlação entre a ênclise e o SE, no PM, “pode ser compreendida como o resultado de um uso mais intenso de tópicos contrastivos em construções com o clítico SE” (ANTONELLI, 2007, p. 3).

Os resultados da descrição de Antonelli (2007) comparados aos de Paixão de Sousa (2004) revelam uma mudança no padrão da ordem nas construções com o clítico SE. De acordo com o autor, exceto os casos de provável topicalização (falsos V2), a ordem proclítica nas orações com SE também é predominante até final do século XVII, seguindo a mesma tendência dos demais tipos de clíticos.

[...] os padrões da distribuição da ênclise versus a próclise envolvendo as sentenças com o clítico *se* apresentam pontos de correlação bastante significativos com os paradigmas da alternância no universo das sentenças com outros clíticos [...] entendo que tal uniformidade entre os resultados vem ao encontro da proposta de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) para a cronologia das gramáticas do Português Europeu, pensando-se no período de tempo se entende do século 16 ao 19. (ANTONELLI, 2007, p. 59 – 60)

Com isso, o autor corrobora a hipótese de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) a propósito das construções com ênclise na fase intermediária do Português. Seus resultados evidenciam que orações enclíticas estão relacionadas às estruturas de tópico, como a ênclise dos demais clíticos no PM. Entendendo, assim, que a alteração na ordem do SE ao longo do PM segue a mesma tendência, passando de proclítico a enclítico.

De acordo com Antonelli a ênclise com SE no PM é explicada sob duas hipóteses: 1) a de que a ênclise no PM é desencadeada nas ocorrências em que o verbo é o primeiro constituinte dentro dos limites sintáticos da oração, sendo que, como sugerido por Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), o objeto lógico das sentenças passivas, em posição pré-verbal, ocuparia uma posição externa à oração, resultando na derivação da ênclise e 2) a partir da estrutura sintática do PM, o aspecto relevante que determina essa correlação é o uso mais intenso de tópicos contrastivos em construções com o clítico SE.

Outro estudo acerca do uso do clítico SE no Português Europeu e, também, no Português Brasileiro é o de Cavalcante (2006). Em seu trabalho, a autora investiga as construções com três tipos de SE, a saber, se-passivo, se-indefinido e se-impessoal com infinitivo em três variantes distintas do Português, PCl, PE e PB, com o objetivo de entender o comportamento desses três tipos de SE nas distintas gramáticas, bem como verificar qual gramática gera determinado tipo de SE. Sendo assim, a autora parte da hipótese de que a diferença na frequência de SE com infinitivo nas distintas gramáticas do Português está associada à natureza do SE (passivo, indefinido ou impessoal) e de AGR não finito.

Os resultados obtidos por Cavalcante (2006) acerca das construções de SE com infinitivo em textos do *TychoBrahe* representativos do PCl, período que mais nos interessa especificamente, apontam algumas particularidades no comportamento desse clítico seja por sua frequência ou por sua natureza nesse período intermediário do Português. Assim, de acordo com a autora, a preposição é o fator que favorece a presença de SE com infinitivo tanto nesses dados quanto nos do PB, caracterizando uma semelhança entre essas gramáticas. Além disso, a autora constata que até 1700 há uma média de 20% de construções de SE com

infinitivo que cai a partir desse período, o que, para a autora, pode indicar que a frequência de SE com infinitivo no CTB está relacionada a outra mudança ocorrida na gramática. Por fim, quanto a natureza desse tipo de SE, a autora comprova que até 1700 a frequência de se-passivo é maior e após esse período as construções de se-indefinido e se-impessoal são mais atestadas.

O clítico SE apresenta, portanto, um comportamento singular na história da Língua Portuguesa, seja pela sua ordem em contextos de variação - orações não dependentes neutras com o verbo em segunda posição - comparado aos demais tipos de clíticos apresenta frequência elevada de ênclise, como podemos observar nos estudos de Chociay (2003), pela estrutura informacional das construções com SE que favorecem um falso V2, tendo, frequentemente, o verbo como o primeiro elemento da estrutura abstrada da sentença, contexto de ênclise categórica, como podemos observar em Antonelli (2007), ou por sua natureza, como mostra Cavalcante (2006). Apesar de se tratarem de abordagens distintas, é possível estabelecermos algo em comum nos resultados dos três trabalhos no que diz respeito às mudanças que ocorrem nas construções com o clítico SE a partir do século XVIII, tendo em vista que até o início do século o SE segue um padrão de colocação e uso que é alterado a partir de 1700. Com isso, nossa pesquisa busca, a partir de seus resultados, trazer mais subsídios para as investigações acerca das construções com SE no período intermediário do Português; assim, na próxima seção apresentamos a descrição dos dados com o clítico SE em textos do PCl extraídos do *TychoBrahe*.

3.3 O TIPO DE SE NO PORTUGUÊS CLÁSSICO: DESCRIÇÃO

Através da busca automática a partir das *queries* elaboradas (vide seção 2.4.2.1 desta dissertação), foram levantadas 2451 ocorrências de SE indeterminado, passivo e reflexivo anotadas sintaticamente com todos os tipos de verbos em dez (10) textos de autores nascidos entre os séculos XVI e XVIII; extraídos do *TychoBrahe*. Dessas ocorrências, desconsideramos, por recorte metodológico, os contextos de mesóclise, as sentenças não finitas (orações reduzidas de infinitivo, gerúndio ou particípio) e as sentenças com verbos *ser*, *estar*, *haver* e *ter* (no sentido de existir). Assim, classificamos e quantificamos as ocorrências de SE em orações finitas, com verbos plenos, nos modos indicativo e subjuntivo e nos contextos de Próclise (SE-V), Ênclise (V-SE) e Próclise com interpolação⁷⁵ (SE-X-V).

⁷⁵ Consideramos como interpolação as ocorrências em que X pode ser qualquer constituinte (não, clítico, sujeito, complemento e/ou adjunto). Ressaltamos que o sentido do termo interpolação aqui difere daquilo que

Com a classificação e quantificação dos dados, verificamos um total de 1877 ocorrências de SE com verbos finitos nas posições SE-V, V-SE e SE-X-V sendo 736 ocorrências no século XVI, 671 no século XVII e 470 no século XVIII, representando respectivamente 39%, 36% e 25% do total de dados analisados.

Em valores gerais, no total de ocorrências sem considerar a ordem relativa do clítico ou o contexto sintático, o SE-Passivo (52), ao ser comparado aos demais tipos de SE, é o que apresenta maior número de ocorrências nos três séculos que correspondem ao período do PCl, 1120 dados de SE-Passivo (60% do total de dados analisados), sendo 405 (22%) no século XVI, 477 (25%) no XVII e 238 (13%) no século XVIII. O SE-Reflexivo (53) representa o segundo maior número de ocorrências, contabilizando 445 (24% do total de dados analisados), sendo 156 (8%) atestadas no século XVI, 135 (7%) no XVII e 154 (8%) no XVIII. Por fim, o SE-Indeterminado (54) que, no total, é o tipo de SE com o menor número, 312 ocorrências (17% do total de dados analisados), sendo 175 (9%) no século XVI⁷⁶, 59 (3%) no XVII e 78 (4%) no XVIII.

(52) “*Onde todos os talentos **se aperfeiçêam**.*”(Garret, 1799)

(53) “*e explorado em roda o Horizonte, **acharam se** n@ @aquela dilatada campanha seminimigo.*” (André de Barros, 1675)

(54) “*porque **se sabia** que ali se agasalhavam de noite os rebanhos todos, que havia n@ @aquele distrito...*” (Manuel de Galhegos, 1597)

Nas próximas seções, observamos as frequências de cada tipo de SE nas estruturas de próclise (com e sem interpolação) e de ênclise nos textos dos autores nascidos no período que compreende a gramática do PCl. Para isso, apresentamos essas frequências distribuídas pelos Tipos de Oração (Principal, Coordenada e Subordinada).

3.3.1 Tipo de Oração

Para a descrição dos dados, separamos as ocorrências com SE pelo Tipo de oração (Principal, Coordenada e Subordinada). Dessa forma, nas próximas seções apresentamos o

usualmente se tem designado “fenômeno da interpolação” nos trabalhos de investigação na área da linguística histórica (Mattos e Silva, 1989; Martins 1994; Namiuti, 2008, entre outros), por considerar agrupamento de clíticos estrutura de interpolação. Nos agrupamentos de pronomes clíticos de estruturas proclíticas o clítico SE sempre tem sua adjacência com o verbo interrompida pelo segundo clítico (SE-CL-V).

⁷⁶ No século XVI, diferente dos demais, o SE-Indeterminado tem maior número de ocorrências que o SE-Reflexivo.

comportamento desse clítico em cada tipo de oração, revelando as suas particulares, distinções e semelhanças entre um tipo de oração e outro.

3.3.1.1 Orações Principais

Nas orações Principais, o clítico SE é bastante produtivo tanto em próclise sem interpolação (Gráfico 1) quanto em ênclise (Gráfico 2). O mesmo não ocorre com o clítico afastado do verbo, posição de interpolação (Gráfico 3). O Gráfico 1 apresenta a distribuição dos tipos de SE nas estruturas proclíticas no contexto de oração principal neutra, ou seja, orações introduzidas por constituintes neutros (que não condicionam a próclise ou a ênclise obrigatória).

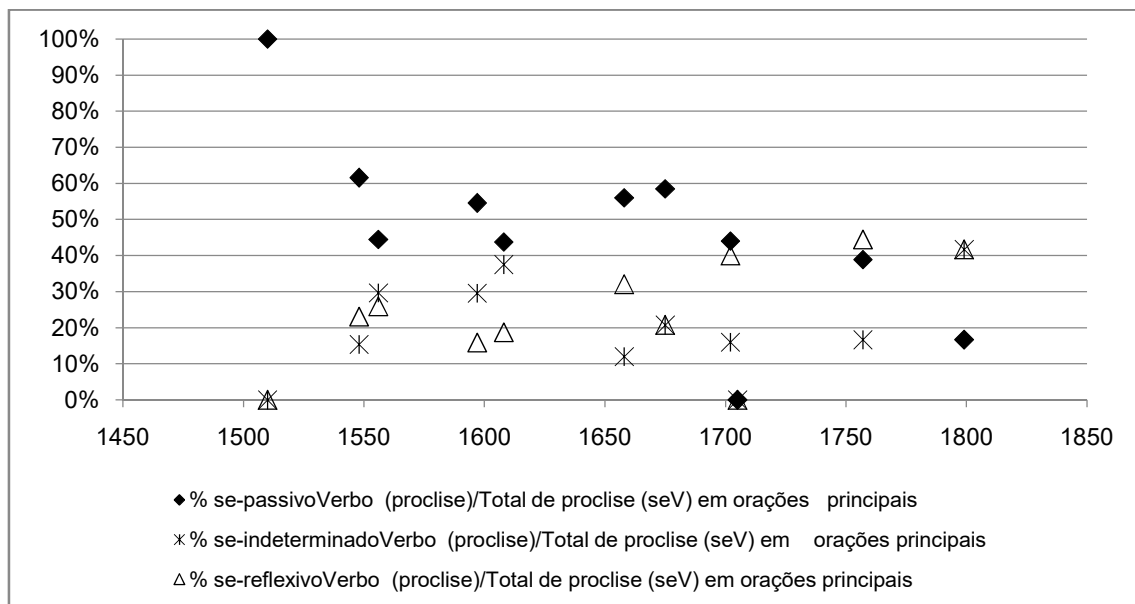


Gráfico 1 - Tipos de SE em estruturas proclíticas (SE-V) em orações principais neutras

Notamos no Gráfico 1 que, nas estruturas de próclise (SE-V) com verbos finitos, o SE-Passivo (55a) é bastante frequente em todos os textos dos séculos XVI e XVII, tendo sua frequência diminuída no século XVIII, no mesmo curso de tempo em que a frequência de SE-Reflexivo (55c) aumenta – por volta de 1700. Com relação ao SE-Indeterminado (55b) em estruturas proclíticas em oração principal, este se mantém variável na faixa de 10% a 40% em todo o período.

O Gráfico revela, portanto, que, nos séculos XVI e XVII (nos anos de 1500 a 1600), há uma preferência pelo uso do SE-Passivo, com frequência sempre superior aos demais tipos de SE (diferença maior que 20% entre o SE passivo e o reflexivo, tendo o SE indeterminado

como o segundo mais frequente, entre o passivo e o reflexivo, no período). A ordem da frequência muda no final do século XVIII, estreitando a diferença da frequência entre o SE passivo e o reflexivo, passando o SE-Reflexivo a superar a frequência do SE indeterminado na primeira metade do século, para depois superar inclusive a frequência do SE-Passivo em estruturas proclíticas em orações principais neutras nos textos da segunda metade do século (1750-1799). Deste modo, o resultado sugere uma mudança relacionada ao tipo de SE nas estruturas proclíticas no contexto das orações principais neutras.

Esses resultados vão ao encontro do resultado de Cavalcante (2006) para as orações não finitas, pois a autora observa uma alteração na frequência de uso de SE-Passivo que dá lugar ao SE-Indeterminado a partir de 1700: nas construções de SE com infinitivo do Português a frequência do passivo diminui ao passo que aumenta a do indeterminado no século XVIII.

- (55) a. “*Aqui **se** assentou o campo...*” (Manuel de Galhegos, 1597)
 b. “*assim **se** executava já, e comporiam seis, ou sete aldeias...*” (André de Barros, 1675)
 c. “*Um mancebo ateniense, nobre, galã e rico, **se** condenou por desatino...*” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

O Gráfico 2, a seguir, apresenta a distribuição dos tipos de SE nas estruturas enclíticas no contexto de oração principal neutra, ou seja, orações introduzidas por constituintes neutros (que não condicionam a próclise ou a ênclise obrigatória).⁷⁷

⁷⁷As ênclises com SE que foram atestadas em orações Principais V1, exemplos (01), não foram computadas para o cálculo da frequência por se tratar de um contexto categórico de ênclise; inclusive, no texto de Galhegos(1597), só esse contexto é encontrado. Contudo, apesar de se tratar de um contexto categórico de ênclise, em nossos dados, encontramos 1 ocorrência de próclise SE-V, com SE passivo, em aparente V1, no texto de *Maria do Céu*, exemplo (02).

- (01) a. “***nomeava se**aly o Arcebispo de Lisboa Dom Luis de Sousa...*” (Maria do Céu, 1658)
 b. “***Dizia- -se** n@ @a cidade d' Elvas, que o inimigo preparava exército, e peças de campanha, para vir sobre uma d@ @as praças d@ @o Alentejo.*” (Manuel de Galhegos, 1597)
 c. “***fechou se** n@ @o gabinete.*” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)
- (02) “*Foy este digno Padre, Irmão da Veneravel Maria do Lado, cujas virtudes a fizeraõ nos lances da sua vida imitadora dos mayores santos, em veneraçã deste conhecimento, se reduziraõ as cazinhas, **se destinaraõ** as cazinhas, que haviã sido seu berço, a serem sua palma, reduzidas a hum domicilio de Recolhidas para passarem a convento de Religiosas...*” (Maria do Céu, 1658)

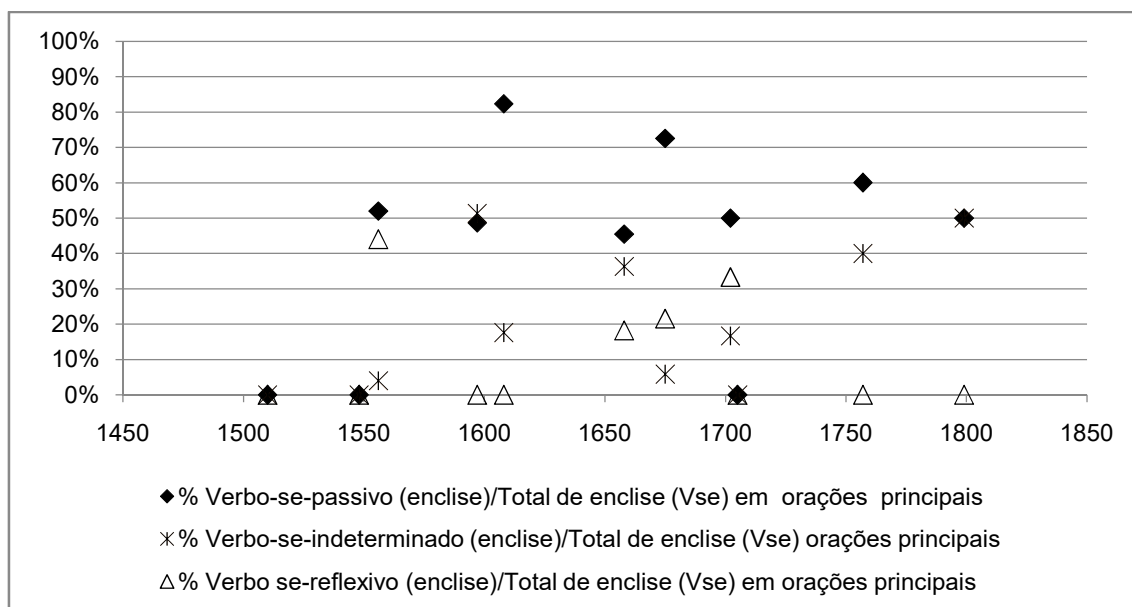


Gráfico 2 - Tipos de SE em estruturas enclíticas (V-SE) em orações principais neutras

Nos contextos de ênclise, em orações principais, não foram atestados, nos textos referentes à primeira metade do século XVI, casos de SE em estruturas enclíticas nesse contexto sintático, a saber, em *Pinto* (1510) e *Couto* (1548), o que pode ser explicado pelo período, pois se trata de um período em que a próclise é predominante nos textos (GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005, ANTONELLI, 2007). A partir da segunda metade do século XVII, as ocorrências com SE nas orações principais em posição enclítica são mais frequentes. Todavia, é importante notar que o gráfico não representa a frequência de uso em relação à próclise do período, mas a frequência do tipo de SE no total de estruturas enclíticas nas orações principais neutras (contexto de variação na posição relativa dos pronomes clíticos – clV/Vcl).

Em relação ao tipo de SE, exemplificados em (56), o Gráfico 2 revela, uma pequena variação na preferência pelo tipo de SE ao longo do tempo. De maneira geral, o SE-Passivo mantém sua frequência na faixa dos 50% desde a segunda metade do século XVI até o final do século XVIII, com alguns pontos destoantes (superior nos anos de 1608 e 1675, 82% e 72% respectivamente, e inferior no ano 1705, 0). O SE-Indeterminado é atestado em todo o período a partir da segunda metade do século XVI, porém com grande oscilação em sua frequência que vai de 2% a 51% com ausência de progressão linear. Já o SE-Reflexivo é atestado em estruturas enclíticas apenas entre a segunda metade do século XVI e século XVII, sendo sua frequência sempre inferior a 44% nesse período, com média de 31%.

(56) a. “*Aurora deriva- -se de aurum, que em latim é o oiro...*” (Vieira, 1608)

b. “Chegando a@ @a igreja, e bem moído e cansado, **desculpou se** com os companheiros...” (Luis de Sousa, 1556)

c. “N@ @o tempo em que era rapaz, haverá trinta anos pouco mais ou menos, **imaginava se**commumente...” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

Ao compararmos os gráficos 1 e 2, podemos interpretar que o SE relacionado à função de sujeito (SE-Passivo e SE-Indeterminado) e o SE relacionado à função de objeto (SE-Reflexivo) ocorrem sem preferências tanto em estruturas proclíticas quanto em estruturas enclíticas nas orações principais neutras nos séculos XVI e XVII, havendo uma mudança no século XVIII, observada nas estruturas proclíticas (Gráfico 1) em relação às estruturas enclíticas (Gráfico 2): No século XVIII, o tipo de SE parece ser relevante, uma vez que o SE-Passivo e o SE-Indeterminado são os tipos exclusivos de SE nas estruturas enclíticas, com médias de frequência 65% e 45%, respectivamente, e que o SE-Reflexivo (clítico com a função de objeto) é exclusivo das estruturas proclíticas, sendo inclusive sua frequência superior a dos demais tipos de SE em próclise, média de 43% em face aos 33% e 28% de média de frequência para o SE-Passivo e o SE-Indeterminado. Assim, concluímos que nos contextos de variação próclise e ênclise o fator tipo de SE pode influenciar a sua colocação nos textos dos autores nascidos no século XVIII.

O Gráfico 3 apresenta o resultado dos tipos de SE com interpolação em orações principais neutras.

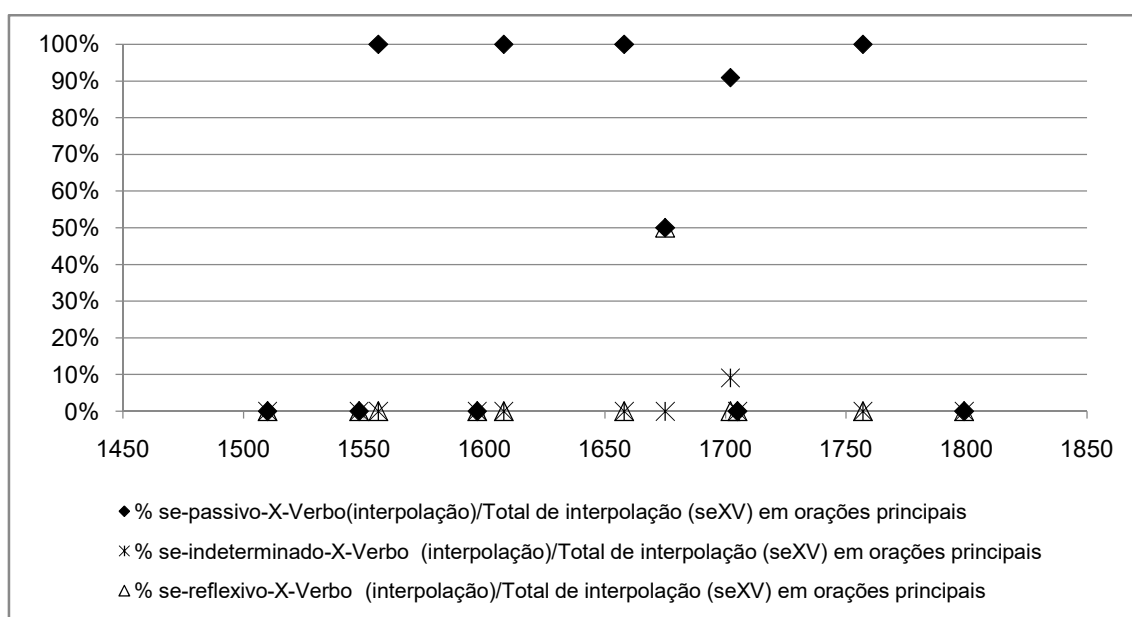


Gráfico 3 - Tipos de SE em estruturas com interpolação (SE-X-V) em orações principais neutras

Como já apresentado, o termo “interpolação” neste trabalho se refere apenas à não adjacência do pronome SE ao verbo em estruturas proclíticas. O fenômeno da não adjacência de pronomes clíticos ao verbo denominado de interpolação é comum nos textos representativos do português antigo e restrita aos contextos categóricos de próclise (MARTINS, 1994). No português clássico, a interpolação generalizada de constituintes torna-se obsoleta. Todavia, a adjacência entre o pronome e o verbo ainda é frequentemente interrompida pelo operador de negação sentencial “não” e essa possibilidade de não adjacência ganha novos contextos sintáticos (NAMIUTI, 2008).

Como podemos constatar no Gráfico 3 a interpolação é quase que exclusivamente atestada com SE-Passivo em orações principais nos três séculos referentes ao período do PCI, apenas no texto de André de Barros (1675) dois casos de interpolação com SE-Reflexivo foram atestados. Nos dados levantados, a não adjacência entre o pronome clítico SE e o verbo em orações não dependentes neutras é bastante marginal em relação às demais ordenações (apenas 20 casos para todo o período contra 234 casos de próclises e 220 casos de ênclise no mesmo contexto sintático). Os elementos que aparecem entre o SE e o verbo, são outros clíticos (57) e o operador de negação “não” (58).

(57) “*Chegando este com prontidão, e não estando vestido o paciente, **se lhe mandou** dizer que esperasse um momento...*” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

(58) “*De umas **se não sabem** os logares onde estiveram...*” (Antonio Vieira, 1608)

Para concluir, podemos afirmar, a partir dos gráficos, que, mesmo havendo alguma oscilação na preferência pelo tipo de SE nas diferentes colocações nos textos de alguns autores, os tipos de SE relacionados à função sujeito são mais frequentes em todas as posições no contexto de orações principais em todo o período relacionado ao PCI, tendo a relação de frequência trocada nas estruturas proclíticas nos textos do século XVIII, dando lugar ao SE-Reflexivo, este que tem a função de objeto. Dos dois tipos de SE ligados diretamente à função de sujeito, o SE-Passivo é o mais produtivo no PCI, podendo ocorrer inclusive em estruturas com interpolação – colocação não atestada para os demais tipos de SE. Desta forma, os resultados trouxeram evidencia importante para se comprovar a hipótese de que existe alguma relação entre o tipo de SE e sua ordem ao revelar, na comparação entre os resultados apresentados nos Gráficos 1 e 2, que os tipos de SE relacionados à função sujeito são exclusivos nas estruturas enclíticas, o SE-Reflexivo (clítico com a função de objeto) é exclusivo das estruturas proclíticas, sendo inclusive sua frequência superior a dos demais

tipos de SE em próclise nesse contexto das orações principais antecedidas por constituintes neutros no século XVIII, fator que também constitui evidência que corrobora a hipótese de mudança e periodização de Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006).

Para melhor observarmos a relação entre tipo de clítico e colocação veremos a seguir esta relação para cada tipo de SE, separadamente, em orações principais.

3.3.1.1.1 SE-Passivo em Orações Principais

No Gráfico 4, é apresentada a frequência de SE-Passivo nas estruturas de próclise (com e sem interpolação) e de ênclise em orações principais neutras:

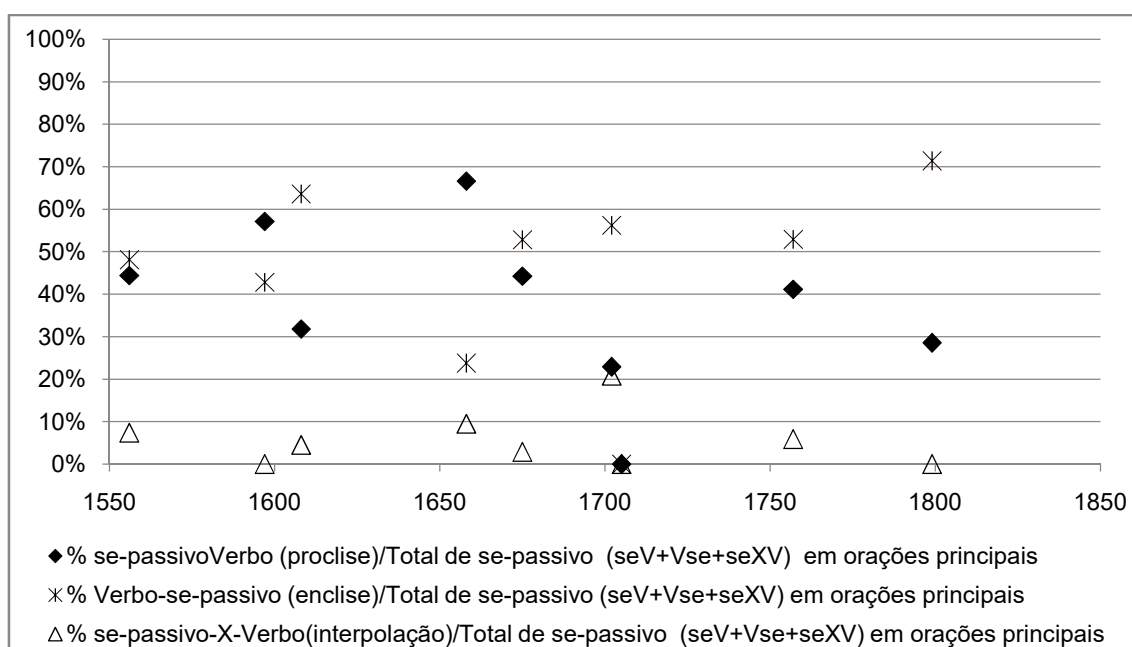


Gráfico 4 - Posição relativa de SE-Passivo em orações principais neutras

Ao observarmos o gráfico, percebemos que há ocorrência de SE-Passivo nas três estruturas, no contexto de orações principais. É importante ressaltar que este é um contexto de ênclise marginal no PCI (GALVES; BRITO; PAIXAO de SOUSA, 2005), no entanto, nas sentenças com SE-Passivo em orações principais neutras, as frequências de próclise e ênclise são equivalentes e ficam na faixa dos 45% a 65%, alternando conforme o texto; no XVII os contextos de próclise são mais verificados, mudando no século XVIII em que o SE é mais atestado na posição enclítica; nas estruturas de interpolação, a frequência de SE é baixa ao longo dos séculos.

Para efeito de comparação entre tipo e colocação, consideramos apenas as orações principais neutras (Principal-N, Gráficos 1, 2, 3, 4, 5 e 6). No entanto, os três tipos de SE também foram atestados em contextos categóricos de próclise V2. Ao avaliar qualitativamente os contextos de orações principais V2, verificamos que o SE-Passivo, na ordem SE-V, é precedido por um sintagma preposicional (59a)(Principal-N) e advérbio (Principal-P) (59b) em todos os séculos. Já na ordem V-SE é antecedido por um PP nos séculos XVI e XVIII (Principal-N) (60a), oração (finita, infinitiva e reduzida) (60b) no XVI e no XVII (Principal-N) e por sujeito (Principal-N) (60c) e advérbios (Principal-P) no século XVIII (61d). Por fim, na ordem SE-X-V o SE aparece precedido por quantificadores no século XVI (61a), advérbios nos séculos XVI XVIII (61b) e sintagma preposicional no século XVII (61c).

- (59) a. “*N@ @esta terrase faz muito açúcar cande...*” (Diogo do Couto, 1542)
 b. “*bemse vê, há de ter sua costellahespanhola...*” (Garret, 1799)
- (60) a. “*Como convaleceu, fizeram se as diligências ordinárias...*” (Sousa, 1556)
 b. “*N@ @o mal, que é de todos, perde- -se comparação.*” (Vieira, 1608)
 c. “*A casafez- -se este anno.*” (Garret, 1799)
 d. “*Cápronuncia- -se o latim d@ @este modo:*” (Costa, 1757)
- (61) a. “*tudose lhe deve...*” (Sousa, 1556)
 b. “*aindase lhe dedicam os mesmos votos...*” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)
 c. “*De umasse não sabem os logares onde estiveram...*” (Vieira, 1608)

Para finalizar, concluímos, a partir do gráfico, que as ocorrências de SE- Passivo em orações principais mudam quanto à preferência da ordem relativa ênclise e próclise ao longo dos séculos, sendo que, nos séculos XVI e XVII esse clítico é mais frequente nos contextos de próclise e no XVIII nos contextos de ênclise, corroborando as hipóteses de Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006) e Antonelli (2007), portanto a mudança da ordem preferencial do SE, de próclise para a ênclise, nesse tipo de oração, segue a mudança dos demais clíticos, pronomes dativos e acusativos, nesse mesmo período. Todavia, a frequência de ênclise do SE-Passivo, apesar de ser normalmente inferior à da próclise nos textos do período clássico, é extremamente superior à frequência global da ênclise, considerando todos os pronomes clíticos, se comparada com os resultados de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) atestados

para o mesmo período. Dessa forma, tal resultado nos leva a concluir que o SE-PASSIVO contribui para o aumento da frequência de ênclise nos textos representativos do PCI, comprovando de uma só vez as hipóteses de Chociay (2003), Cavalcante (2006) e Antonelli (2007), conjugadas neste trabalho.

3.3.1.1.2 SE-Indeterminado em orações principais

No Gráfico 5, a seguir, é apresentada a frequência de SE-Indeterminado nas estruturas de próclise (com e sem interpolação) e de ênclise em orações principais neutras.

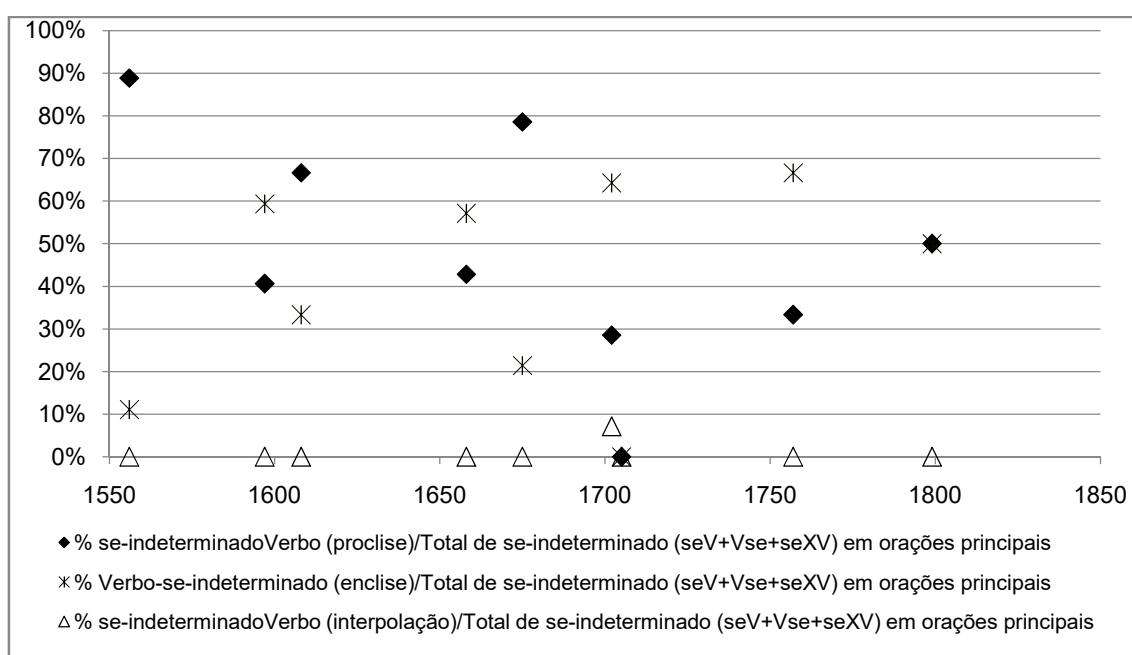


Gráfico 5 - Posição relativa de SE-Indeterminado em orações principais

As estruturas com SE indeterminado são bastante inferiores em relação ao SE-Passivo no PCI em orações principais, como pudemos constatar nos gráficos 1, 2 e 3; porém ao observarmos apenas os casos com SE-Indeterminado, verificamos que este possui o mesmo comportamento do SE-Passivo com relação à posição na estrutura da sentença. O SE-Indeterminado é mais frequente em estruturas proclíticas, porém as estruturas enclíticas não são marginais, como nos casos com SE-Passivo. A frequência de ênclise de SE-Indeterminado se mantém na faixa média dos 50% em todo o período, com alguns pontos destoantes. O SE-Indeterminado, nas estruturas de próclise com interpolação, é menos frequente que o passivo, só há 1 (uma) ocorrência desse tipo no início do século XVIII.

O SE-Indeterminado em orações principais V2 nos séculos XVI, XVII e XVIII nos contextos de próclise (SE-V) é, precedido por sintagma preposicional (complemento ou adjunto) (Principal-N) (62a) e advérbio (Principal-P) (62b). Nos contextos de ênclise, esse tipo de SE é antecedido por um PP nos séculos XVI e XVIII (63), sendo que, no XVII, não há ocorrência de SE-Indeterminado com ênclise. Nos de interpolação, a única ocorrência de SE-Indeterminado, no século XVIII, é antecédida por oração (finita, infinitiva ou reduzida) (64).

(62) a. “@os jogos de descarte pel@ @o descartese **vê** claramente quão seguro tem n@@a mão o triumpho...” (Vieira, 1608)

b. “Os esquadroestambémse **baralháram**, uns com os outros...” (Diogo do Couto, 1548)

(63) “Pol@ @o temporal d@ @o convento**matava se** pouco, inda que não tinha descuido...” (Luis de Sousa, 1556)

(64) “*Chegando este com prontidão, e não estando vestido o paciente, se **lhe mandou dizer** que esperasse um momento...*” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

Com isso concluímos que, em orações principais, os tipos de SE relacionados à função sujeito (passivo e indeterminado), possuem o mesmo padrão na ordem relativa clítico-verbo, passando de uma preferência à posição proclítica nos séculos XVI e XVII para uma preferência à posição enclítica no XVIII e apresentando baixa frequência nos contextos de interpolação ao longo dos séculos, sendo o SE-Passivo mais produtivo nesta última ordenação.

3.3.1.1.3 SE-Reflexivo em orações principais

Nos gráficos gerais de SE em orações principais (gráficos 1, 2 e 3), percebemos que o SE-Reflexivo é bastante frequente na posição proclítica e enclítica, aparecendo pouco na ordem enclítica e nas estruturas com interpolação. Assim, no Gráfico 6, é apresentada a frequência de SE-Reflexivo nas estruturas de próclise (com e sem interpolação) e de ênclise em orações principais neutras:

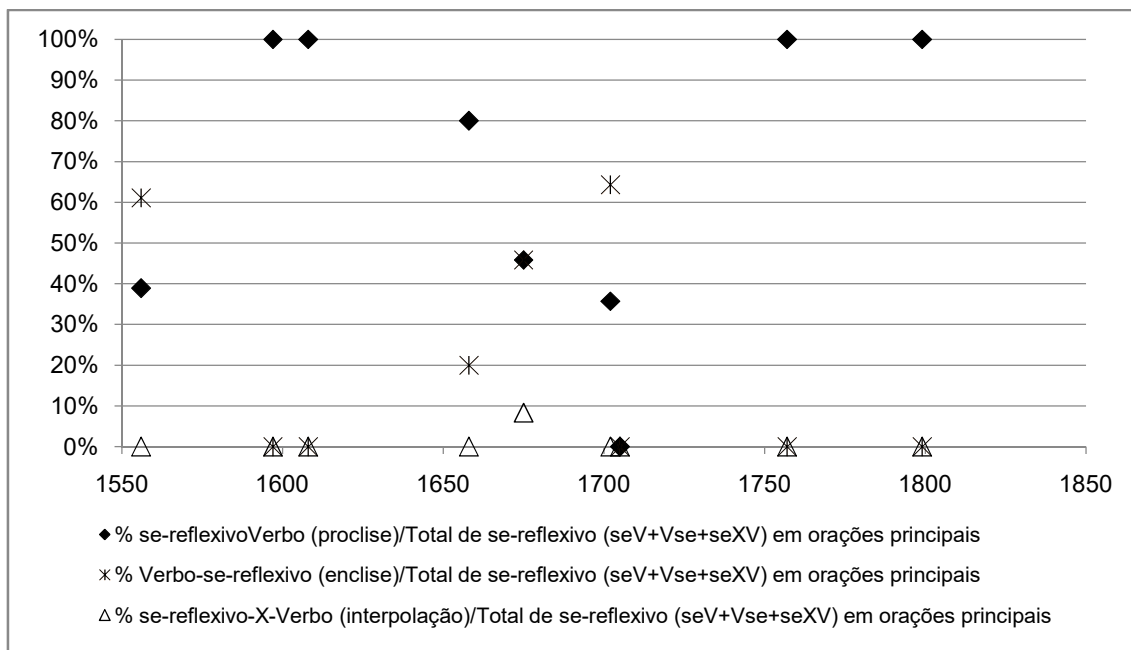


Gráfico 6 - Posição relativa de SE-Reflexivo em orações principais

Como demonstrado pelo Gráfico 6, diferente dos tipos de SE relacionados à função sujeito, o SE-Reflexivo, que desempenha a função de objeto na sentença, segue um padrão proclítico com frequência bastante superior à da ênclise na linha do tempo. A ênclise com esse tipo de SE é nula na maioria dos textos (nenhuma ocorrência). Em relação à ordem SE-X-V, só verificamos 1 ocorrência de SE-Reflexivo em orações principais.

Esse tipo de SE, na posição proclítica, é antecedido por advérbios (Principal-P) nos três séculos (65a); por advérbios e adjetivos (Principal-N) no XVI (65b), por PP (Principal-N) no XVII (65c) e por sujeito (Principal -N) no XVIII (65d). Na enclítica, o SE-Reflexivo é precedido por PP nos séculos XVI e XVII (66a) e por sujeito no XVIII (66b). Na interpolação, a única ocorrência de SE-Reflexivo é antecedita por advérbio (67).

- (65) a. “*Alise fortificou...*” (Couto, 1542)
 b. “*Os mareantes, em vendo o sinal, logose prepararam, assim pera com Deos...*” (Couto, 1542)
 c. “*Cada um d'@ @ellesn@ @o seu pensamentose media com Arão.*” (Vieira, 1608)
 d. “*O próprio Martese viu cativo n@ @aquele dia em que foi amante...*” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)
- (66) a. “*Para lhe suceder tudo melhorajudava se de um santo exercício.*” (Sousa, 1556)
 b. “*Xerxesocupou se em enriquecer de jóias...*” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

(67) “*A d@ @o Grande VIEIRA aindase não contentava com rebater estas lisonjas d@ @a fortuna.*” (André de Barros, 1675)

Para finalizar, com a descrição dos dados em orações principais, observamos que as ocorrências de SE apresentam um comportamento particular, tendo em vista a mudança na preferência pela posição e pelo tipo de SE que atestamos a partir do século XVIII. Com isso, esses resultados reforçam algumas hipóteses já levantadas sobre a mudança gramatical em torno dos 1700. Galves; Britto; Paixão de Sousa (2005) em relação ‘a sintaxe dos clíticos de maneira geral, Antonelli (2007) em relação ‘a sintaxe do SE e Cavalcante (2006) em relação ao tipo/função do SE.

3.3.1.2 Orações Coordenadas

Nessa seção, apresentamos a frequência de SE em Orações Coordenadas, essas são divididas em Coordenadas dependentes e Coordenadas não dependentes. De acordo com Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) o comportamento dos pronomes clíticos nas orações coordenadas não dependentes seguem a mesma tendência das orações principais, diferentemente das coordenadas dependentes, por isso, optamos por descrever as ocorrências de SE em cada tipo de coordenada, separadamente, em duas seções que se seguem.

3.3.1.2.1 Coordenadas dependentes

Nas orações coordenadas dependentes, o clítico SE ocorre quase exclusivamente em construções proclíticas (ordem SE-V).

O Gráfico 7 a seguir ilustra o resultado da distribuição dos tipos de SE em estruturas proclíticas no *corpus* da pesquisa.

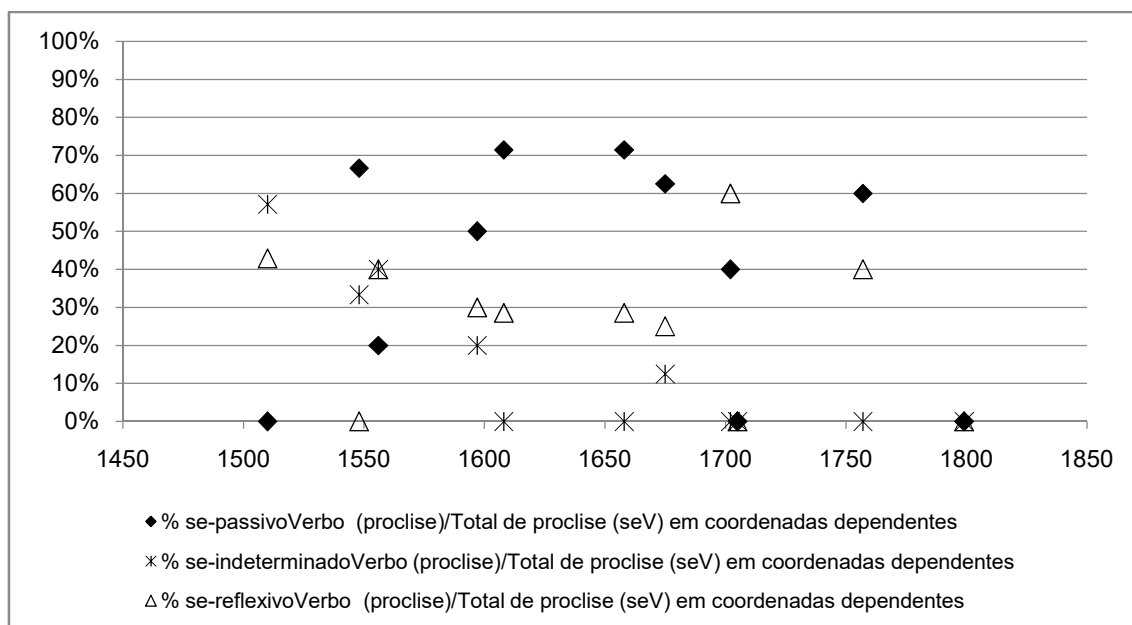


Gráfico 7- Tipos de SE em estruturas proclíticas (SE-V) em orações coordenadas dependentes

Nas estruturas proclíticas, também em oração coordenada dependente, o SE-Passivo é mais produtivo. Porém, diferentemente das orações principais (Gráfico 1), o SE-Indeterminado apresenta uma progressão descendente na linha do tempo, saindo dos 57% em 1510 a 0 em 1705, 1757 e 1799. Também diferentemente das orações principais, o Se-Reflexivo nas orações coordenadas dependentes se mantém na faixa média de 40% das ocorrências de SE em próclises desde o início do período.

As ocorrências das ordens enclítica (V-SE) e com interpolação (SE-X-V), são bastante marginais, sendo verificada a ocorrência de 2 (dois) tipos de SE em cada estrutura, a saber, passivo e reflexivo em ênclise e passivo e indeterminado em próclise com interpolação, Gráficos 8 e 9.

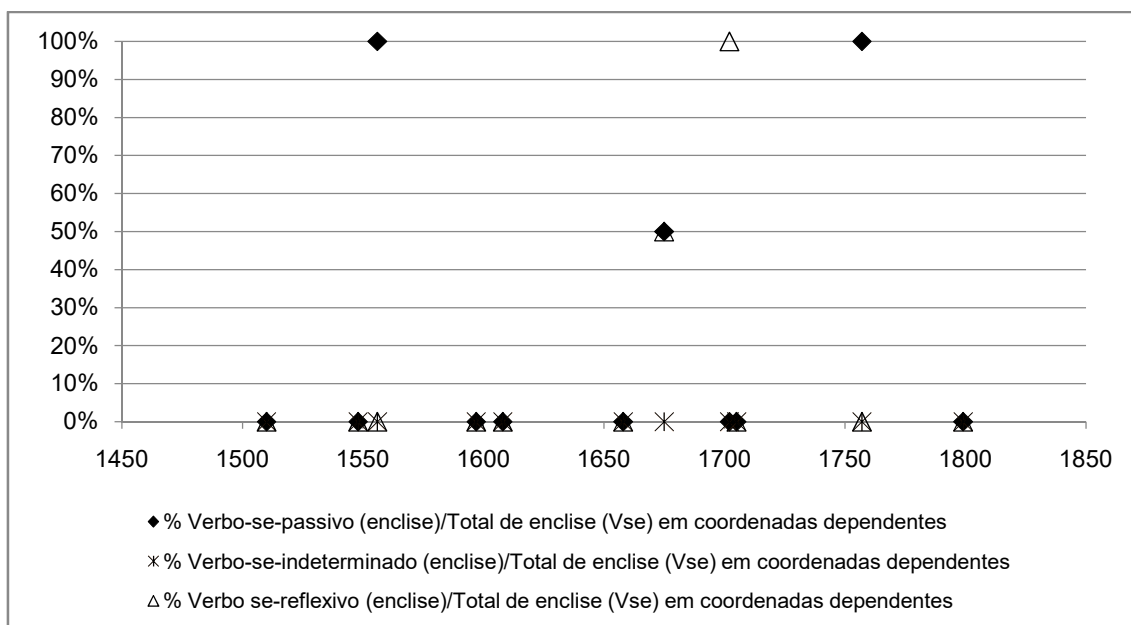


Gráfico 8 - Tipos de SE em estruturas enclíticas (V-SE) em orações coordenadas dependentes

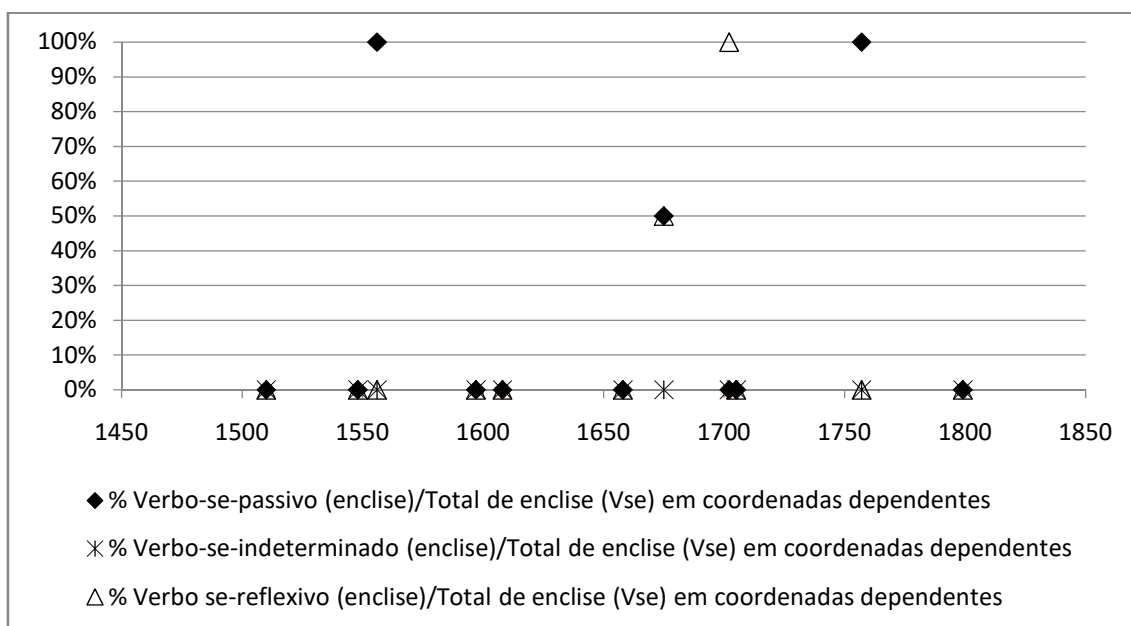


Gráfico 9 – Tipos de SE em estruturas com interpolação (SE-X-V) em orações coordenadas dependentes

Como constatamos no Gráfico 7, nos contextos de oração coordenada dependente em posição de próclise, no geral, o SE-Passivo (68a) é o tipo que apresenta maior número de ocorrências se comparado aos demais tipos, assim como nas orações principais, mas não em todos os textos. Nos textos do século XVI, mais precisamente, nos textos de *Pinto* (1510) e *Sousa* (1556) o SE-Indeterminado (68b) é o mais encontrado no primeiro texto seguido do SE-Reflexivo (68c) e no segundo eles possuem a mesma frequência, sendo esta maior que a frequência de SE-Passivo. Em *Couto* (1548) e *Galhegos* (1597) o SE-Passivo é o mais

frequente, mantendo a alta frequência nos demais textos com exceção de dois pontos (1705 e 1799) que representam textos sem ocorrência de SE em orações coordenadas dependentes. Por fim, no século XVIII, há alteração na preferência pelo tipo de SE nos dois textos em que esse clítico ocorre, já que em *Cavaleiro de Oliveira* (1702) o SE-Reflexivo é mais encontrado do que o passivo e em *Rodrigues da Costa* (1757) ocorre o inverso. Com isso, podemos dizer que, diferente das orações principais, nos contextos de oração coordenada dependente em posição proclítica, o SE com a função de objeto, também, é bastante produtivo em textos de autores nascidos no período que contempla o PCl.

- (68) a. “a@ @o tempo que com fogo **se endurecia** uma e se derretia a outra...” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)
 b. “e apenas **se conheceu** dissipado o mal, renderam se a Deus as graças...” (André de Barros, 1675)
 c. “e **se alojassem** como lhes fosse possível até nova ordem.” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

São poucas as frequências de SE nas orações coordenadas dependentes em ordem enclítica, como demonstrado pelo Gráfico 8. Atestaram ocorrências de SE em orações coordenadas dependentes apenas quatro autores: *Couto* (1556), *André de Barros* (1675), *Cavaleiro de Oliveira* (1702) e *Rodrigues da Costa* (1757). Observamos ainda que nessa posição o SE é mais encontrado no século XVIII. Quanto ao tipo de SE, só os SE passivo e reflexivo, exemplos (69), foram atestados.

- (69) a. “e apenas se conheceu dissipado o mal, **renderam se** a Deus as graças...” (André de Barros, 1675)
 b. “porque n@ @esse caso **expõe se** a@ @a perda d@ @um bem que não conhece...” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

Como observamos no Gráfico 9, nos contextos de oração coordenada dependente nas estruturas com interpolação, o SE só é atestado a partir do século XVII, nos textos de *Vieira* (1608) e *André de Barros* (1675), e até a primeira metade do século XVIII, no texto de *Cavaleiro de Oliveira* (1702). Dessas poucas ocorrências de SE nas estruturas com interpolação, o SE-Passivo (70) é o único tipo de SE no século XVII e o indeterminado no

XVIII. Nesse tipo de oração, a interpolação de *lhe* e da negação são equivalentes nos séculos XVI e XVII, enquanto que, no século XVIII, a interpolação da negação é a única que ocorre. Sendo assim, nas estruturas de interpolação, prevalecem as ocorrências de SE relacionados à função sujeito.

(70) “*porque não se lhes dá o desengano, senão a tempo em que já não ha tempo...*” (Vieira, 1608)

Destarte, com essa descrição, concluímos que, nesse tipo de oração, diferente das orações principais, o SE com função de objeto é, também, bastante produtivo, principalmente, nas orações coordenadas dependentes de ordem proclítica. O SE-Reflexivo é o tipo de SE mais frequente em alguns autores, como é o caso de *Cavaleiro de Oliveira* (1702) em que esse tipo de SE é o mais atestado nas posições de próclise e ênclise no texto deste autor.

A seguir, apresentaremos a frequência de cada tipo de SE nas três ordens em orações coordenadas dependentes.

3.3.1.2.1.1 SE-Passivo em orações coordenadas dependentes

O Gráfico 10 mostra a distribuição do SE-Passivo por sua colocação em relação ao verbo – SE-V, V-SE e SE-X-V – em orações coordenadas dependentes.

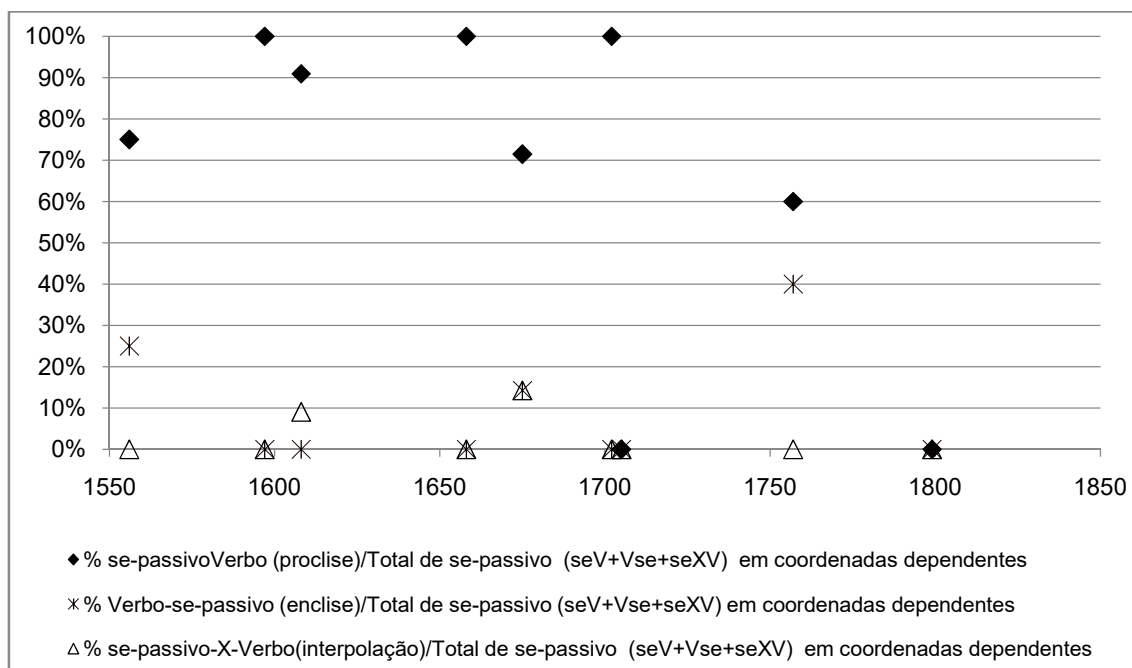


Gráfico 10 - Posição relativa de SE-Passivo em orações coordenadas dependentes

Nas orações coordenadas dependes, diferente das orações principais, não há mudança na preferência da ordem de SE-Passivo ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, tendo em vista que esse tipo de SE é mais frequente nas estruturas de próclise, se comparado às demais, em todos os textos. Todavia, no século XVIII há uma considerável ascendência da frequência de SE-Passivo em ênclise no contexto, chegando ao valor de 40% e se aproximando da frequência da ordem proclítica (60%) em orações coordenadas dependentes.

O SE-Passivo em orações coordenadas dependentes, na ordem SE-V, é antecedido por conjunção⁷⁸ nos séculos XVI e XVII (71a), e por conectores⁷⁹ no século XVIII (71b). Na ordem V-SE, é introduzido por oração (finita, infinitiva, reduzida) nos séculos XVI e XVII (72a), e por conectores no século XVIII (72b). Finalmente, na ordem SE-X-V, as poucas ocorrências de SE em SE-X-V, no século XVII, são introduzidas por oração e por PP (73).

(71) a. “Holanda aviso d@ @a aliança, que os Estados haviam feito com El-rei Nosso Senhor, **ese divulgou** a nova d@ @a alteração...” (Galhegos, 1597)

b. “empregando se agora indiferentemente **porque** **se ignoram** as suas virtudes maravilhosas.” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

(72) a. “E porque o tratamento começava a ser outro, **deu se** pressa a responder...” (Sousa, 1556)

b. “Cale- -se, que ficamos bem, **poistiram- -se** de sociedade duas senhoras vaidosas...” (Rodrigo da Costa, 1757)

(73) “porque como pel@ @as novas Leisse lhes lançavam grilhões a@ @os pés...” (André de Barros, 1675)

Dessa forma, percebemos que o SE-Passivo nas orações coordenadas dependentes ocorre quase que exclusivamente em próclise SE-V nos séculos XVI e XVII e preferencialmente em próclise no século XVIII. Nesse século há um aumento significativo da ênclise com SE-Passivo neste contexto que se eleva a 40% dos casos de SE-Passivo.

⁷⁸ Conjunções: e, nem, mas e ou.

⁷⁹ Conectores outros conectivos: porque, porém, pois, portanto, que etc.

3.3.1.2.1.2 SE-Indeterminado em orações coordenadas dependentes

O Gráfico 11 mostra a distribuição do SE-Indeterminado por sua colocação em relação ao verbo – SEV, VSE e SEXV – em orações coordenadas dependentes.

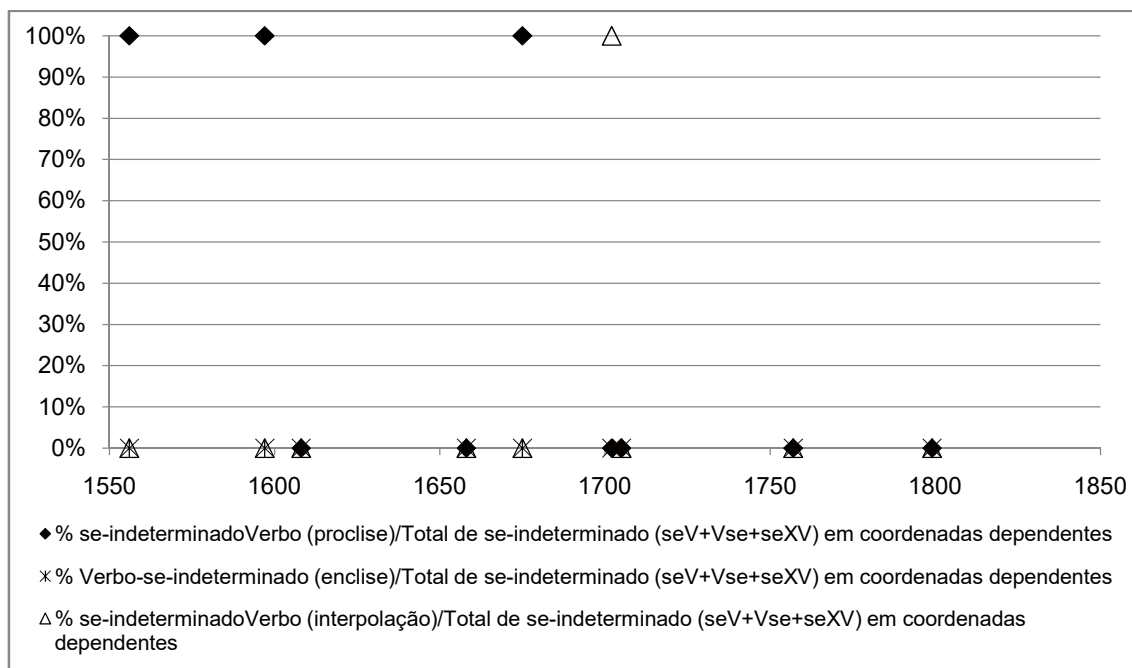


Gráfico 11 - Posição relativa de SE-Indeterminado em orações coordenadas dependentes

Nas ocorrências de SE-Indeterminado em orações coordenadas dependentes, observamos que esse clítico, nos séculos XVI e XVII, é atestado, apenas, na estrutura de próclise sem interpolação e no século XVIII na estrutura com interpolação, não sendo verificadas ocorrências de SE-Indeterminado na estrutura de ênclise. Sendo assim, na ordem SE-V, esse tipo de SE é mais frequente quando precedido por conectores no século XVI (74a) e advérbios no século XVII (74b) e, na ordem SE-X-V, as ocorrências de SE-Indeterminado são antecedidas por conectores (75). Com isso, percebemos que, nas estruturas de próclise adjacente, além de conectivos, o SE-Indeterminado é introduzido, também, por outros constituintes; enquanto que, nas de próclise com interpolação, o conector é o único constituinte que precede o clítico SE.

(74) a. “E porquese veja quanto mais val a pessoa que os panos.” (Luis de Sousa, 1556)

b. “e apenasse conheceu dissipado o mal.” (André de Barros, 1675)

(75) “*e reputada civil n@ @a opinião d@ @os homens, porque se não pode fazer coisa mais honesta...*” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

Dessa forma, percebemos que o SE-Indeterminado nas orações coordenadas dependentes ocorre exclusivamente nas estruturas proclíticas: em próclise SE-V nos séculos XVI e XVII e em interpolação SE-X-V no século XVIII.

Com esses resultados, observamos um comportamento curioso das ocorrências de SE-Indeterminado que ocorrem exclusivamente nas estruturas com interpolação no ponto referente ao ano 1702, o que difere do comportamento das outras construções com SE atestadas até aqui, tendo em vista que o número de ocorrências de SE nas estruturas SE-X-V são bastante marginais. Assim, essa diferença relacionada ao fato de encontrarmos ocorrências de um tipo de SE apenas em estruturas de interpolação é curiosa em se tratando de um período tardio em que esse tipo de estrutura já não é tão frequentemente atestada com todos os clíticos.

3.3.1.2.1.3 SE-Reflexivo em orações coordenadas dependentes

O Gráfico 12 mostra a distribuição do SE-Reflexivo por sua colocação em relação ao verbo – SEV, VSE e SEXV – em orações coordenadas dependentes.

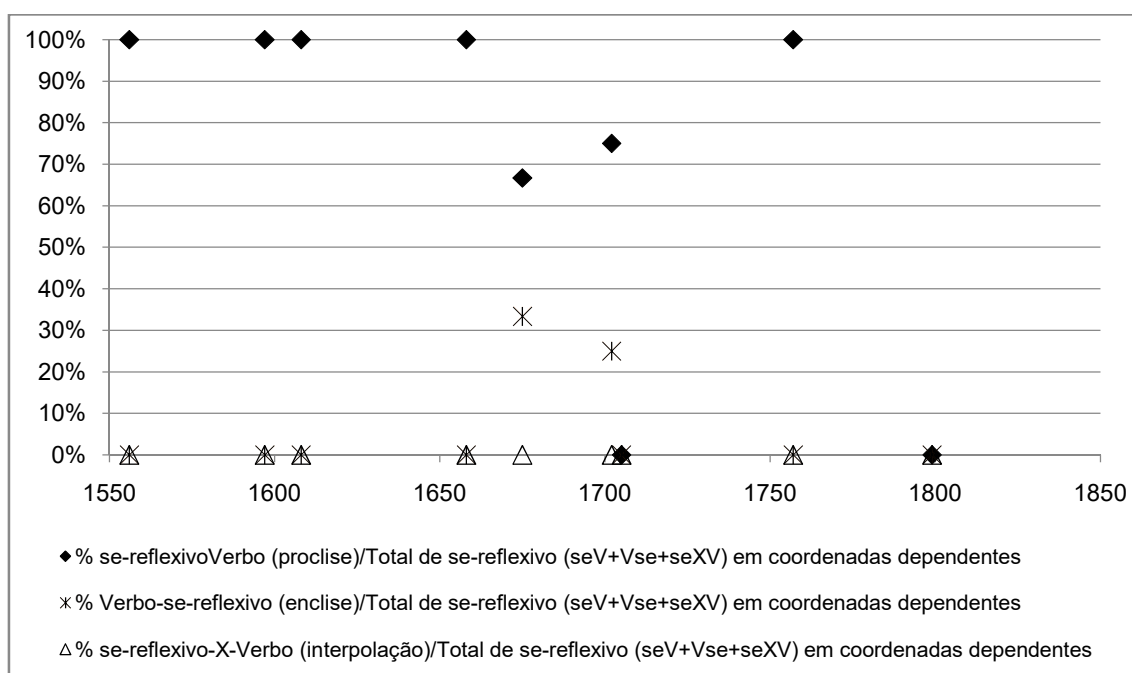


Gráfico 12 - Posição relativa de SE-Reflexivo em orações coordenadas dependentes

Ao observar o gráfico 12, percebemos que as ocorrências de SE-Reflexivo são, como nos demais tipos de SE, mais frequentemente atestadas na ordem proclítica SE-V, todavia, afastando-se do SE-Indeterminado e se aproximando do SE-Passivo, o SE-Reflexivo ocorre na colocação enclítica em orações coordenadas dependentes em dois textos localizados entre o século XVII e XVIII. Com relação aos elementos que introduzem a sequência do clítico, O SE-Reflexivo é mais frequente quando introduzido por conjunção nos três séculos na ordem SE-V (76) e, na ordem V-SE, por PP (77). Portanto, nas orações coordenadas dependentes na ordem SE-V, o SE-Reflexivo é precedido, diretamente, por conjunção, que é um conectivo de coordenação; por outro lado, na estrutura enclítica é o PP que precede imediatamente o complexo verbo-clítico.

(76) “*E por que estas novas prantas que ia criando pera os jardins d@ @o Céu não perdessem a frescura ouse torcessem...*” (Luis de Sousa, 1556)

(77) “*porque n@ @esse caso expõe se a@ @a perda...*” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

A partir disso, percebemos que, assim como nas orações Principais, o SE-Reflexivo segue um padrão proclítico ao longo dos séculos nas orações Coordenadas dependentes, porém, diferentemente das orações principais, o SE-Reflexivo foi atestado em ênclise em orações coordenadas dependentes, não havendo ocorrências deste tipo de SE em estruturas SE-X-V.

Em suma, com esses resultados, observamos semelhanças e diferenças com relação a ordenação de cada tipo de SE neste contexto sintático em comparação às ordenações encontradas em orações principais neutras. Destacamos o período de 1700 como o período em que alguns reflexos da mudança gramatical podem ser percebidos nos textos, como a diminuição do SE-Passivo em estruturas proclíticas até mesmo em orações coordenadas dependentes. A exclusividade do SE-Reflexivo nas estruturas proclíticas em orações principais e quase exclusividade em orações coordenadas dependentes.

3.3.1.2.2 Coordenadas não dependentes

Assim como nas orações principais, o clítico SE é bastante encontrado nas orações coordenadas não dependentes tanto na posição de próclise quanto na de ênclise, apresentando ocorrências de SE em quase todos os textos ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, com exceção do texto de *Pinto* (1510), em que não encontramos ocorrências de SE na posição

enclítica; já nas estruturas com interpolação, é pouco frequente como nos demais tipos de oração. Os Gráficos 13, 14 e 15, a seguir, ilustram o resultado da distribuição dos tipos de SE em estruturas proclíticas (SE-V), enclíticas (V-SE) e com interpolação (SE-X-V) em orações coordenadas não dependentes.

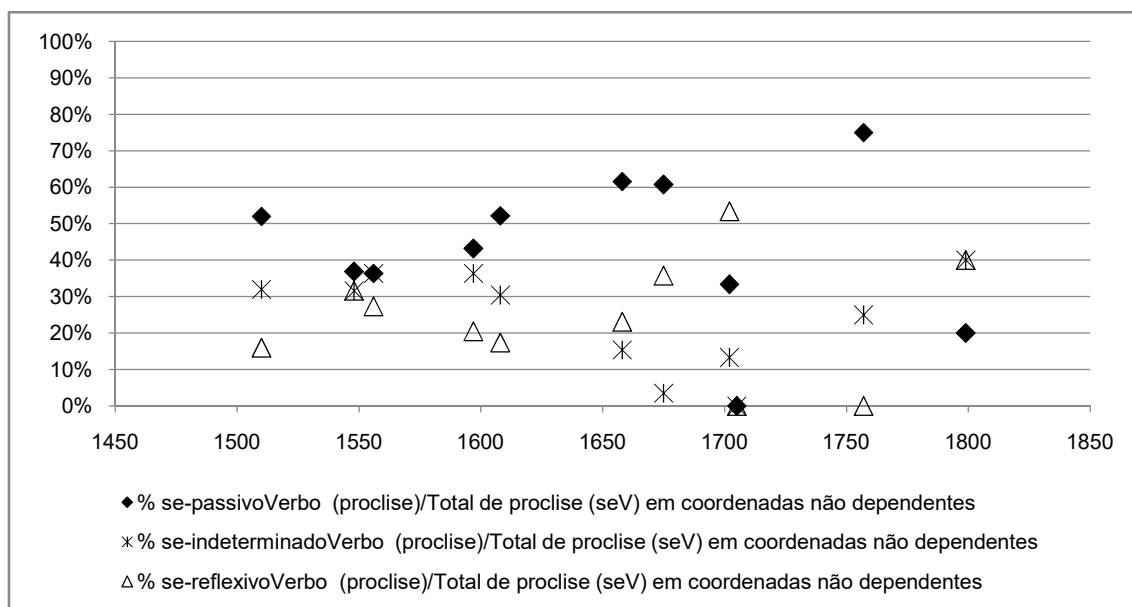


Gráfico 13 - Tipos de SE em estruturas proclíticas (SE-V) em orações coordenadas não dependentes

Ao observar o Gráfico 13, verificamos que o SE-Passivo (78a) é o tipo de SE mais atestado nos contextos de orações coordenadas não dependentes em ordem proclítica na maior parte dos textos ao longo dos três séculos. O SE- Indeterminado (78b) mantém um patamar de 30% na maior parte do período com queda e progressiva elevação entre os séculos XVII e XVIII. O SE- Reflexivo (78c) apresenta uma mudança de patamar de frequência que sai de 20% nos séculos 16 e 17 para 40% no século XVIII. Dessa forma, a distribuição dos tipos de SE em estruturas proclíticas nas orações coordenadas não dependentes parece seguir a tendência de distribuição das orações principais.

- (78) a. “*nem se vencem os brios d@ @a vontade...*” (Maria do Céu, 1658)
 b. “*e se determinou por todos...*” (Pinto, 1510)
 c. “*mas a tudo se apostava...*” (Luis de Sousa, 1556)

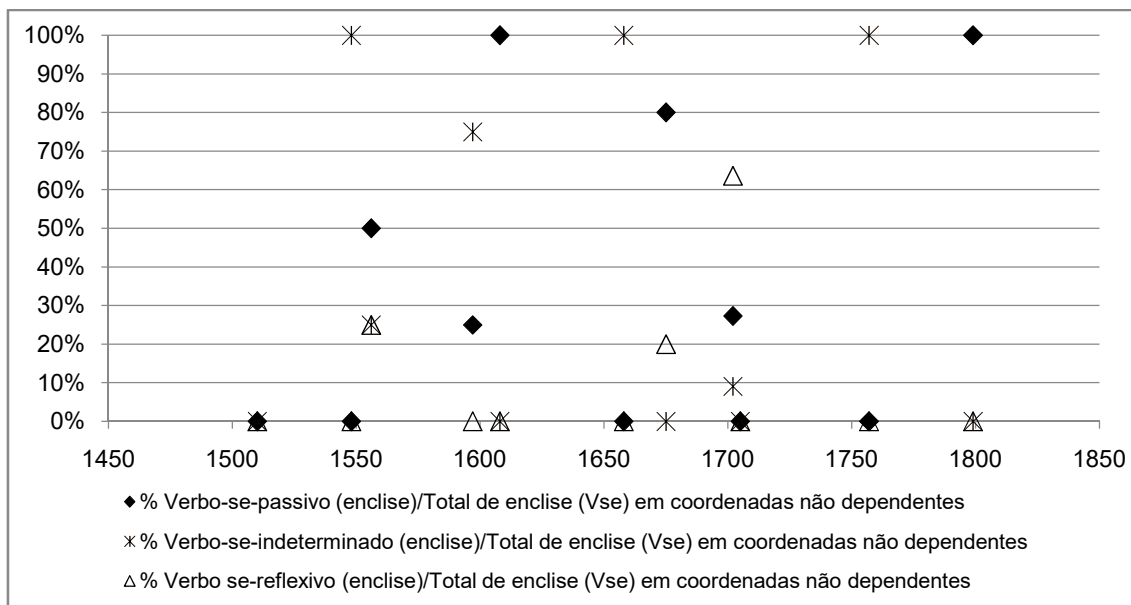


Gráfico 14 - Tipos de SE em estruturas enclíticas (V-SE) em orações coordenadas não dependentes

Ao observar o Gráfico 14, verificamos que, nos contextos de oração coordenada não dependente, na ordem enclítica (V-SE), há grande variação na distribuição dos tipos de SE ao longo do período observado, o que não se observa na ordem proclítica (SE-V).

No século XVI, o SE-Indeterminado (79a) é o mais frequente, seguido do passivo. Na maioria dos textos, porém a relação de preferência se inverte várias vezes sem um padrão. Em *Sousa* (1556), por exemplo, o SE-Passivo é o mais frequente, seguido do indeterminado e do reflexivo que possuem a mesma frequência, mas só neste texto. No século XVII, há alternância entre as preferências do tipo de clítico SE ligados ao sujeito – SE-Passivo (79a) e SE -Indeterminado (79b). O reflexivo (79c) é atestado em apenas três pontos do gráfico, sendo significativa a frequência deste tipo de SE em *Cavaleiro de Oliveira* (1702), 64%. As ocorrências de ênclise em orações coordenadas não dependentes não seguem, portanto, a mesma distribuição dos tipos de SE atestada nas orações principais.

- (79) a. “*ea***firma- -se**, que nem a mulher d@ @o Cornacá soubera d@ @a troca...” (Diogo do Couto, 1548)
- b. “*e* **ponham- -se**egualmente n@ @o mesmo lugar todas as varas...” (Vieira, 1608)
- c. “*e* **medita se** em continuados exercícios.” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

Em suma, nos séculos XVI e XVIII há uma variedade na preferência pelo tipo de SE, tendo em vista que autores nascidos no mesmo século, mas em décadas distintas, produzem distintos tipos de SE, optando ora por um SE com função sujeito (passivo e indeterminado)

ora com função de objeto (reflexivo). Assim como nas estruturas proclíticas, na ênclise de orações coordenadas não dependentes, o SE com função de objeto também é recorrente além dos que estão relacionados à função sujeito.

O Gráfico 15 apresenta o resultado dos tipos de SE com interpolação em orações coordenadas não dependentes.

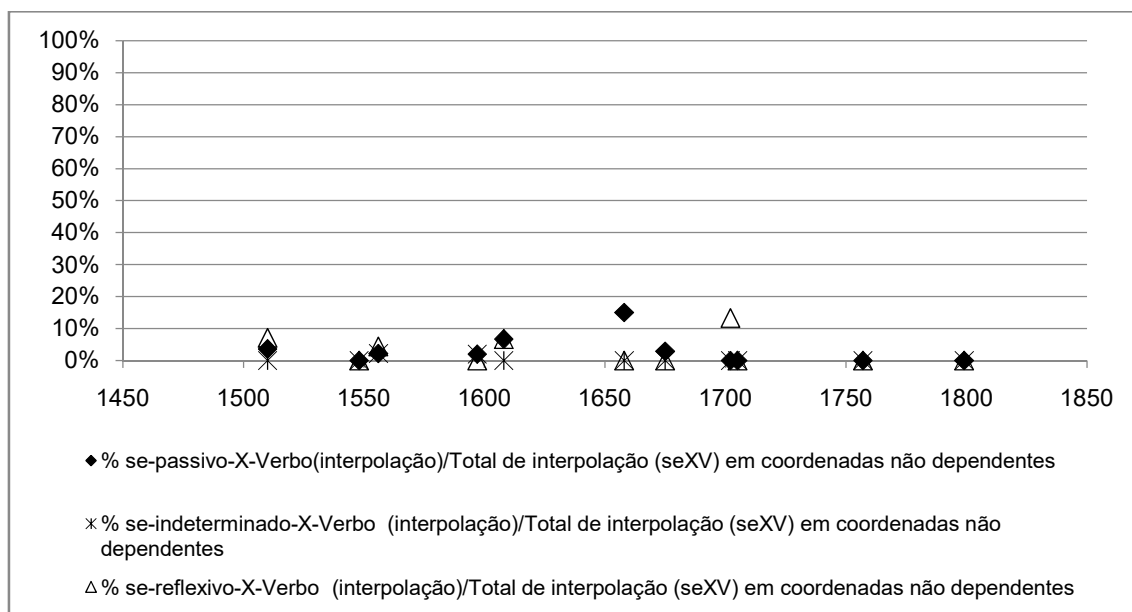


Gráfico 15 - Tipos de SE em estruturas com interpolação (SE-X-V) em orações coordenadas não dependentes

Em ocorrências de SE na ordem SE-X-V, nesse tipo de oração o SE-Passivo (80a) e SE-Reflexivo (80b) são os tipos de SE mais frequentes nesta estrutura. O SE-Indeterminado (80c) é atestado em estruturas com interpolação apenas em dois pontos do gráfico, localizados na segunda metade do século XVI. Os elementos que aparecem interpolados neste contexto são: a negação sentencial e o clítico *lhe*.

- (80) a. “e porque esta substancia e este tudo **se não distingue** d@ @os Juisos...” (Vieira, 1608)
- b. “e **se lhe ofereceram** para aquela empresa...” (Pinto, 1510)
- c. “mas bem **se lhe enxergava** que *lhe serviam mais de carga que de alívio ou de gosto...*” (Luís de Sousa, 1556)

Destarte, constatamos que, apesar de os tipos de SE que desempenham ou estão associados à função de sujeito (passivo e indeterminado) serem mais frequentes, o SE-

Reflexivo se destaca nesta ordenação em orações coordenadas não dependentes, nos textos de *Fernão Mendes Pinto* (1510), *Luís de Sousa* (1556), *Antonio Vieira* (1608) e *Cavaleiro de Oliveira* (1702), é o tipo de SE mais frequente nas ocorrências de interpolação.

Assim, verificamos que nas orações coordenadas não dependentes são atestados todos os tipos de SE em todas as ordens lineares previstas – SE-V, V-SE e SE-X-V. Os clíticos SE associados à função sujeito são mais produtivos de maneira geral, não sendo marginal o SE-Reflexivo sobretudo na ordem proclítica. Verificamos ainda, no Gráfico 13, singela descendência na frequência dos SE-Passivo e Indeterminado *versus* ascendência na frequência do SE- Reflexivo na ordem proclítica (SEV) no século XVIII. Assim, a fim de verificar maiores detalhes da relação entre tipo de SE e colocação, observemos, nas próximas seções, o comportamento de cada tipo de SE nas três ordens.

3.3.1.2.2.1 SE-Passivo em orações coordenadas não dependentes

O gráfico a seguir (Gráfico 16) mostra a frequência de SE-Passivo nas ordens SE-V, V-SE e SEX-V.

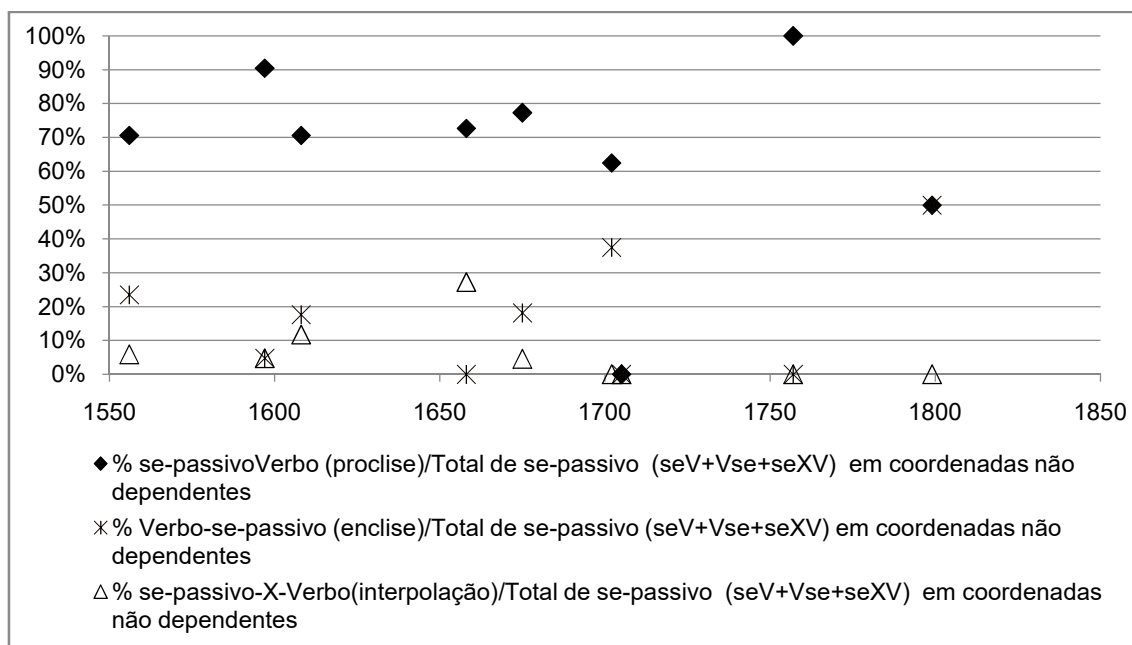


Gráfico 16- Posição relativa de SE-Passivo em orações coordenadas não dependentes

Ao observarmos o Gráfico 16, logo constatamos que o SE-Passivo, em orações coordenadas não dependentes, é mais frequente em posição proclítica ao longo dos séculos até nos textos de autores nascidos na primeira metade do século XVIII, sendo que, nos da

segunda metade do mesmo século, a frequência de SE-Passivo em próclise e ênclise é a mesma, o que pode ser indício da mudança no padrão da ordem clítico SE-V para V-SE, atestada mais claramente nas orações principais neutras. Além das estruturas proclíticas, as ocorrências de SE-Passivo nas estruturas enclíticas e com interpolação, nesse tipo de oração, são atestadas marginalmente nos séculos XVI e XVII; no XVIII, as estruturas de interpolação com esse tipo de SE não são atestadas e as estruturas enclíticas representam 50% dos casos de SE-Passivo em coordenadas não dependentes.

Com relação aos elementos que antecedem a sequência com o clítico, na ordem SE-V, o elemento que mais antecede a estrutura clítico-verbo nas orações coordenadas não dependentes com SE-Passivo é diferente em cada século, a saber, no século XVI é o PP (81a), no XVII é a conjunção (81b) e no XVIII são os advérbios⁸⁰ (81c). Na ordem V-SE, é a conjunção que mais precede o SE-Passivo nos três séculos (82). Em construções SE-X-V, outros constituintes, como PP, advérbios, quantificadores, sujeitos e orações (finita, infinita e reduzida), são os que antecedem o SE-Passivo nesse tipo de oração (83). Com isso, percebemos que, só nas estruturas de ênclise, o SE-Passivo é antecedido, diretamente, por conectivo de coordenação, enquanto que nas estruturas de próclise outros constituintes são mais frequentes.

(81) a. *E em retorno d@ @estas fazendasse traz muito ouro, e diamantes, e rubis...* (Pinto, 1510)

b. *“ese ouviu contra ele n@ @aquele mesmo Real teatro um infeliz...”* (Barros, 1675)

c. *e sobre este ponto sòmente se fundará agora o meu discurso.* (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

(82) *“eponham- -se igualmente n@ @o mesmo lugar todas as varas d@ @os principes d@ @as doze Tribus...”* (Vieira, 1608)

(83) *“e por menos advertência de seu sobrinhose não tomou...”* (André de Barros, 1675)

A respeito das ocorrências de SE-Passivo nas orações Coordenadas não dependentes, diferente das Coordenadas dependentes, essas são atestadas nos três tipos de ordem/colocação até o século XVII, desaparecendo nas estruturas SE-X-V a partir de 1700 e elevando a

⁸⁰ Esses advérbios, na classificação dos dados, foram separados dos demais tipos de advérbios, sendo estes: bem, mal, sempre, também, ainda, assim, antes e não.

frequência da ordem V-SE ao passo que a ordem SE-V diminui. Com isso, é possível afirmar que, nesse tipo de oração, o SE-Passivo é bem frequente, principalmente, em posição proclítica até 1750, momento em que as construções com SE-Passivo em posição enclítica são tão frequentes quanto às de posição proclítica.

3.3.1.2.2.2 SE-Indeterminado em orações coordenadas não dependentes

A seguir, o Gráfico 17 mostra a frequência de SE-Indeterminado em orações coordenadas não dependentes em próclise (com e sem interpolação) e em ênclise:

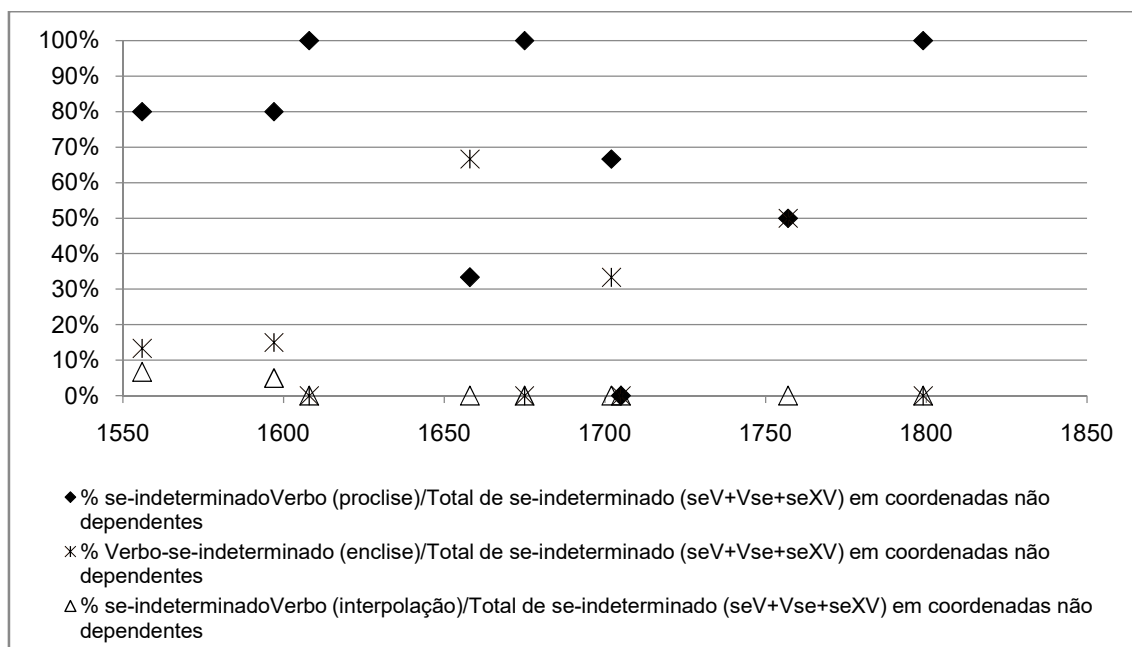


Gráfico 17 - Posição relativa de SE-Indeterminado em orações coordenadas não dependentes

Pelo Gráfico 17, visualizamos que o SE-Indeterminado é mais frequente em orações coordenadas não dependentes em posição proclítica ao longo dos séculos. As construções enclíticas, também, são frequentes com esse tipo de SE se comparadas às construções com interpolação, essas que só são atestadas no século XVI. Com isso, verificamos que a ordem proclítica é bastante produtiva em todo o período, porém há um aumento significativo na produtividade da ênclise com este tipo de SE que passa do patamar dos 15% para o patamar de 50% entre os séculos XVII e XVIII.

Esse tipo de SE é mais recorrente em orações coordenadas não dependentes quando precedido por conjunção no século XVI e por constituintes, como PP, advérbios e oração nos demais séculos tanto na ordem SE-V quanto na V-SE (84 a e b). Já na ordem SE-X-V, as

poucas ocorrências de SE-Indeterminado no século XVI são antecedidas por advérbios (84c). Notamos que, só no século XVI, as ocorrências de SE-Indeterminado em orações coordenadas não dependentes são mais antecedidas por um conectivo de coordenação, o que não ocorre nos demais séculos em que outros constituintes introduzem o complexo clítico-verbo em todas as estruturas.

- (84) a. “e a@ @o mesmo tempore **vê** sempre de *Discrição um ar alegre, franco e tranquilo.*” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)
- b. “e afirma- -se que se o *mestre-de-campo Ares de Saldanha* levara mais gente...” (Manuel de Galhegos, 1597)
- c. “e até agorase **não sabe** que era o que o conde *lhe* havia dito.” (Manuel de Galhegos, 1597)

De maneira geral, as ocorrências de SE-Indeterminado, assim como as de SE-Passivo, são mais frequentes em posição proclítica nas orações coordenadas não dependentes. Contudo, vale dizer que, na segunda metade dos séculos XVII e XVIII, o SE-Indeterminado é o tipo de SE mais atestado em alguns textos, tendo frequência superior ao passivo em texto do século XVIII (vide Gráfico 15).

3.3.1.2.2.3 SE-Reflexivo em orações coordenadas não dependentes

Podemos observar, no Gráfico 18 abaixo, a frequência do SE-Reflexivo nas ordens de próclise (com e sem interpolação) e de ênclise.

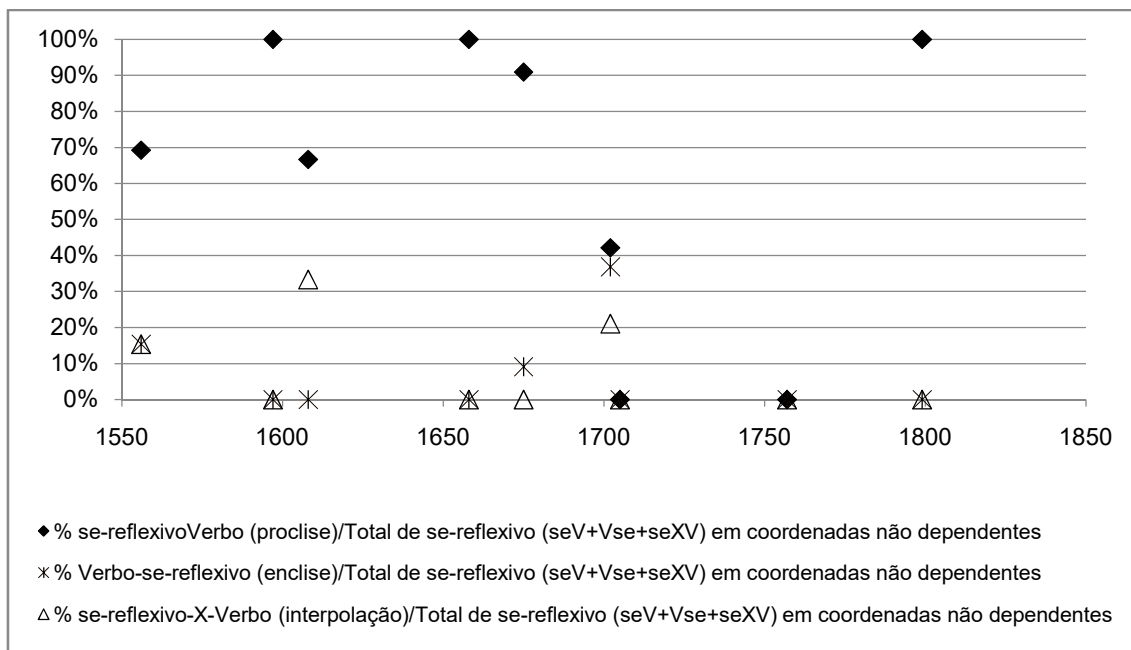


Gráfico 18 - Posição relativa de SE-Reflexivo em orações coordenadas não dependentes

Assim como nas construções com SE-Indeterminado, as ocorrências com SE-Reflexivo em orações coordenadas não dependentes são mais proeminentes na colocação proclítica (SE-V) que nas estruturas de ênclise e de interpolação ao longo dos séculos, ambas bastante marginais se comparadas com a frequência de próclise desse tipo de SE.

O SE-Reflexivo, na ordem SE-V, é mais atestado nas orações coordenadas não dependentes em que é antecedido por conjunção no século XVII (85a) e por outros constituintes, como PP e advérbios, nos séculos XVI e XVIII (85b). Na ordem V-SE, é mais introduzido por conjunção nos três séculos (86). Na ordem SE-X-V, o SE-Reflexivo é antecedido por conjunção nos séculos XVI e XVII (87a) e por outros constituintes, como PP e advérbios, no XVIII (87b).

- (85) a. “*ese atravessam n@ @a hora d@ @a morte.*” (Vieira, 1608)
 b. “*e um silêncio eternose seguiria se a bela Aspásia, conhecendo a minha dor...*” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

- (86) “*epersuadia se que não corria n@ @outros anos tão vagaroso o sol...*” (Luis de Sousa, 1556)

- (87) a. “*Como cada um se não metteese não mede dentro d@ @a sua esfera...*” (Vieira, 1608)

b. “e sem fastio, se não apartam senão por força...” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

Assim como nas orações Coordenadas dependentes, o SE-Reflexivo é mais recorrente nas estruturas SE-V em orações Coordenadas não dependentes, cerca de 100% das ocorrências de SE-Reflexivo em alguns textos, atingindo a frequência de 40% em poucos textos até XVII.

Para finalizar, sobre as construções com SE em orações Coordenadas não dependentes ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, é possível concluir que, assim como nas Coordenadas dependentes e, mais claramente, nas orações principais, há indícios de mudança verificados no século XVIII, caracterizados pela diminuição do uso de SE-Passivo em estruturas proclíticas, dando lugar à ênclise, elevação da frequência de próclise associada ao SE- Reflexivo.

3.3.1.3 Orações Subordinadas

As orações subordinadas constituem contexto categórico de próclise. Em nossos dados, as orações subordinadas são o tipo de oração em que mais encontramos ocorrências de SE, sendo esse atestado em todos os textos, ao longo de todos os séculos, nas posições de próclise com e sem interpolação.

O Gráfico 19 apresenta a distribuição dos tipos de SE em próclise (SEV) neste contexto sintático.

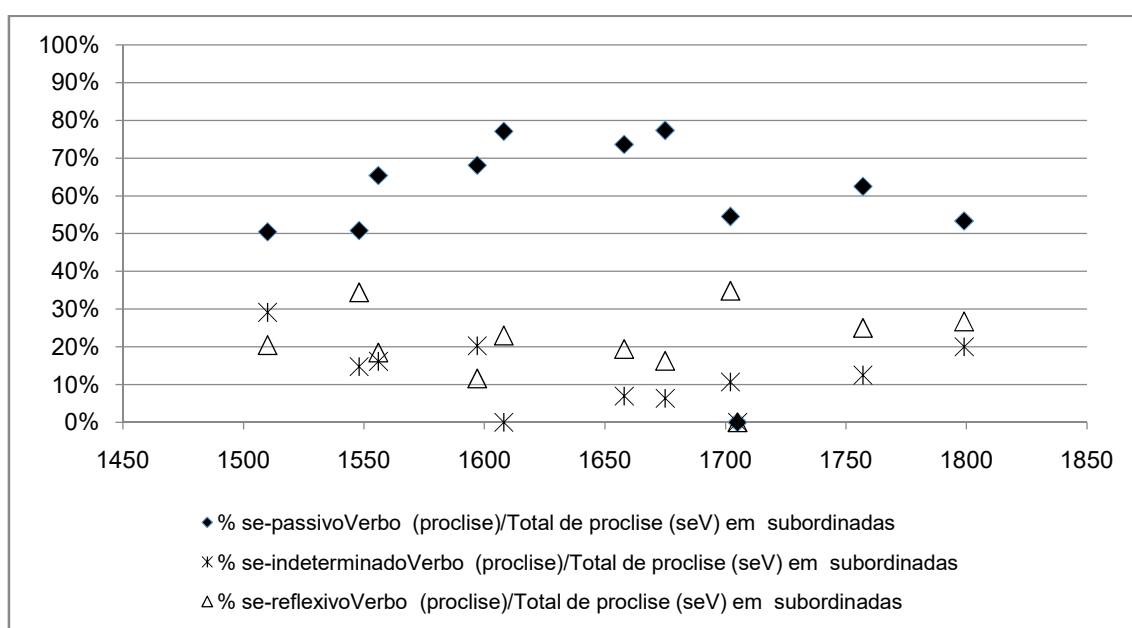


Gráfico 19 - Tipos de SE em estruturas proclíticas (SE-V) em orações subordinadas

A distribuição dos tipos de SE em colocação proclítica SE-V mantém-se sem alteração relevante em todo período. O SE-Passivo (88a) se mantém no patamar linear em torno dos 70% enquanto o SE-Reflexivo (88b) e o SE-Indeterminado(88c) se mantêm no patamar linear em torno dos 20% e dos 10% respectivamente.

- (88) a. “Admiro- -me de que **se tratem** assim homens que ajudam Vossas Mercês...”
(Rodrigues da Costa, 1557)
- b. “e protestantes se ordenou, que por votos **se averiguasse** qual d@ @as seitas se havia de seguir.” (Manuel de Galhegos, 1597)
- c. “Felicissima alma n@ @a mesma noite d@ @o dia em que faleceose **mostrou** a@ @a Madre Elena...” (Maria do Céu, 1658)

Dessa forma, podemos afirmar que o uso de SE-Passivo(função de sujeito) prevalece nas orações subordinadas nos contextos de próclise sem interpolação.

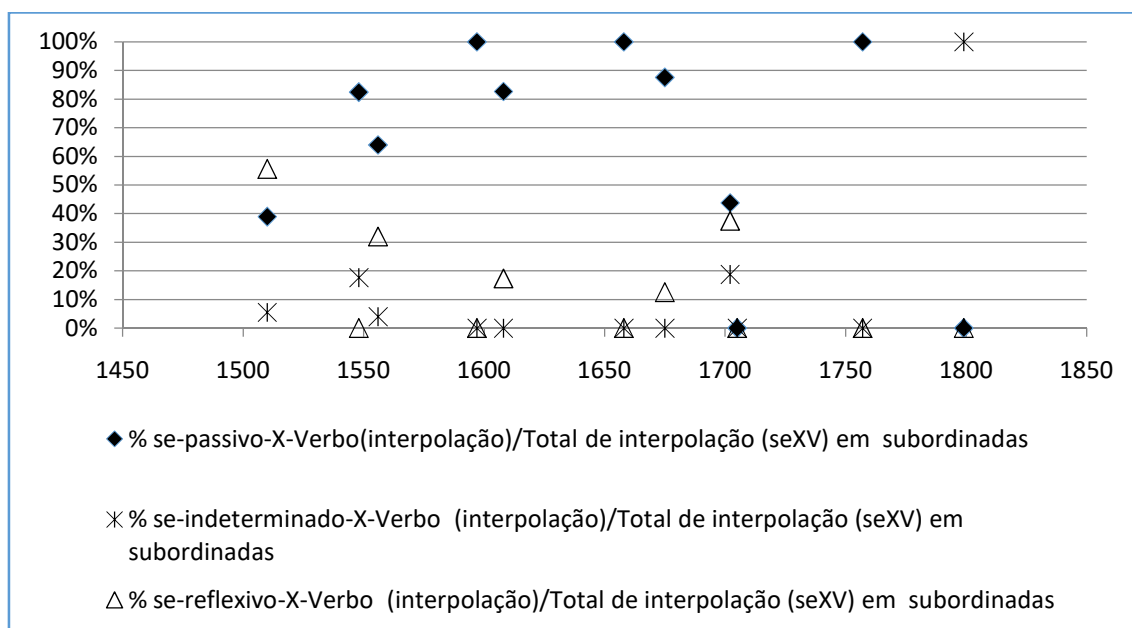


Gráfico 20 - Tipos de SE em estruturas com interpolação (SE-X-V) em orações subordinadas

Isso não se aplica às estruturas de próclise com interpolação, tendo em vista que, nessa ordem, há uma oscilação na preferência de SE na linha do tempo, aparentemente aleatória, sem qualquer sentido de progressão. Apesar de o SE-Passivo (89a) ser o mais frequente na maioria dos textos, em *Pinto* (1510), no século XVI, e em *Garret* (1799), no século XVIII, curiosamente o primeiro e último texto da nossa amostra de dados, os SE-Reflexivo (89b), no

primeiro texto, e o SE-Indeterminado (89c), no segundo, são mais atestados que o passivo. Contudo, apesar da mudança na preferência pelo tipo SE em determinados autores, é possível dizer que o SE relacionado à função de sujeito é o mais frequente nessas orações. Sendo assim, no século XVI, a interpolação de *lhe* é mais atestada, diferente dos demais séculos em que a negação é constituinte mais interpolado.

- (89) a. “*aquele Senado com assistência d@ @o Sindicante: que sem este **se não sentenciasse** processo algum...*” (André de Barros, 1675)
- b. “*que ainda depois d@ @isto foi capitão mês e meio, o qual **se lhe escusou** de tratar d@@este socorro...*” (Pinto, 1510)
- c. “*vens d@ @onde ainda **se não sabe** a lingua d@ @as romanticas paixões...*” (Garret, 1799)

Podemos constatar que nas construções proclíticas com o SE em orações subordinadas, esse clítico é mais proeminente quando exerce ou está associado à função sujeito, quando passivo, mas mantém frequência constante em função de objeto, quando reflexivo. Além disso, vale destacar que, apesar de se tratar de um contexto categórico de próclise, em nossos dados, foram encontradas duas (2) ocorrências de SE na posição de ênclise⁸¹ em orações subordinadas nos séculos XVII, em *André de Barros* (1675), e no XVIII, em *Rodrigues da Costa* (1757); sendo o SE-Reflexivo no XVII e SE-Passivo no XVIII, como podemos observar nos exemplos em (90) abaixo:

- (90) a. “*Mas Deus, que também para mais altas empresas queria n@ @o Maranhão a este valoroso Ministro seu, de tal sorte demorou as ordens, ou mudou o coração d@ @elRei, que chegada a hora, **meteu se** n@ @a embarcação o Padre VIEIRA...*” (André de Barros, 1675)
- b. “*Olhe Vossa Mercê que lá **faz- -se** o que deve ser, e não o que cada um quer.*” (Rodrigues da Costa, 1757)

Com esses resultados, observamos o uso frequente de dois tipos de SE na posição proclítica (com e sem interpolação), a saber, passivo e reflexivo, o primeiro associado à função sujeito e o segundo ao objeto, sendo o SE-Passivo o tipo mais atestado em todos os

⁸¹ Por serem encontradas apenas duas (2) ocorrências de SE em orações subordinadas, esses dados não foram inseridos nos gráficos.

textos referentes à gramática do PCl. Dessa maneira, apresentamos, a seguir, a frequência dos tipos de SE em cada colocação separadamente.

3.3.1.3.1 SE-Passivo em orações subordinadas

O Gráfico 21, que segue, apresenta a frequência de SE-Passivo em relação à ordem do clítico:

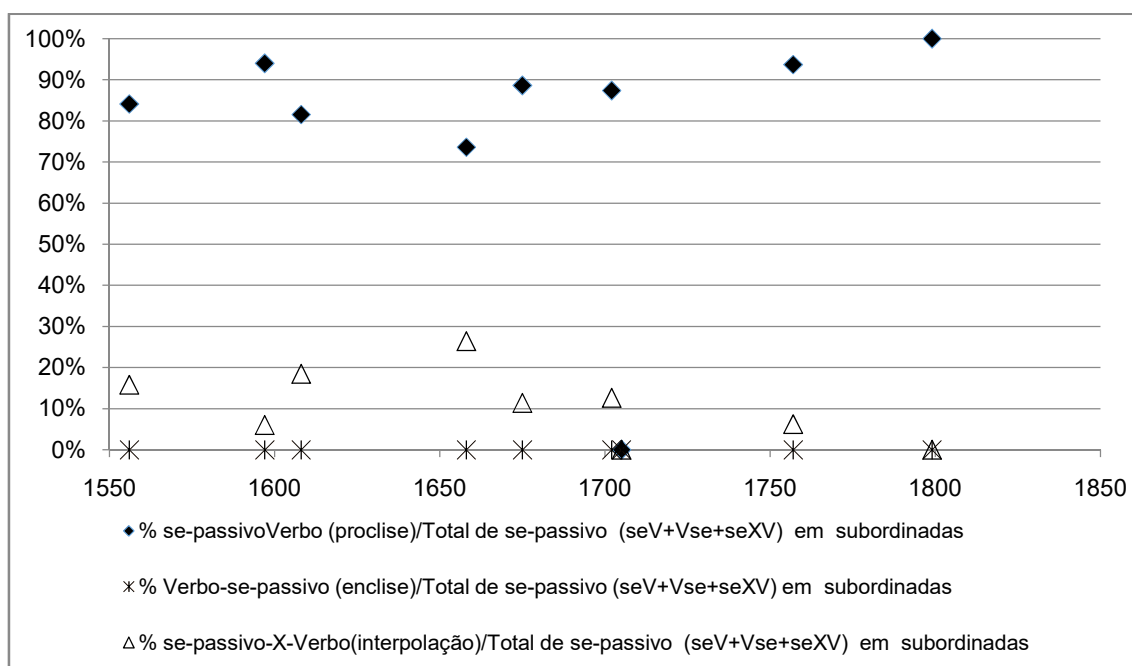


Gráfico 21– Posição relativa de SE-Passivo em orações subordinadas

Por se tratar do tipo de SE mais produtivo em todos os textos na ordem SE-V nas orações subordinadas, o SE-Passivo é bem mais frequente na posição de próclise sem interpolação se comparada à com interpolação. Esse tipo de SE, em orações subordinadas, é mais frequente quando precedido, diretamente, por um conectivo subordinador (complementador, explicativo e relativo) tanto na próclise sem interpolação quanto com interpolação, como nos exemplos em (91); sendo as orações subordinadas relativas as mais atestadas com SE-Passivo em todos os séculos.

- (91) a. “*A nau Santo Domingo, quese esperava de Liorne...*” (Manuel de Galhegos, 1597)
 b. “*isto é uma grande injuria quese me faz.*” (Garret, 1799)

3.3.1.3.2 SE-Indeterminado em orações subordinadas

A seguir, o Gráfico 22 mostra distribuição de SE-Indeterminado em relação à sua colocação.

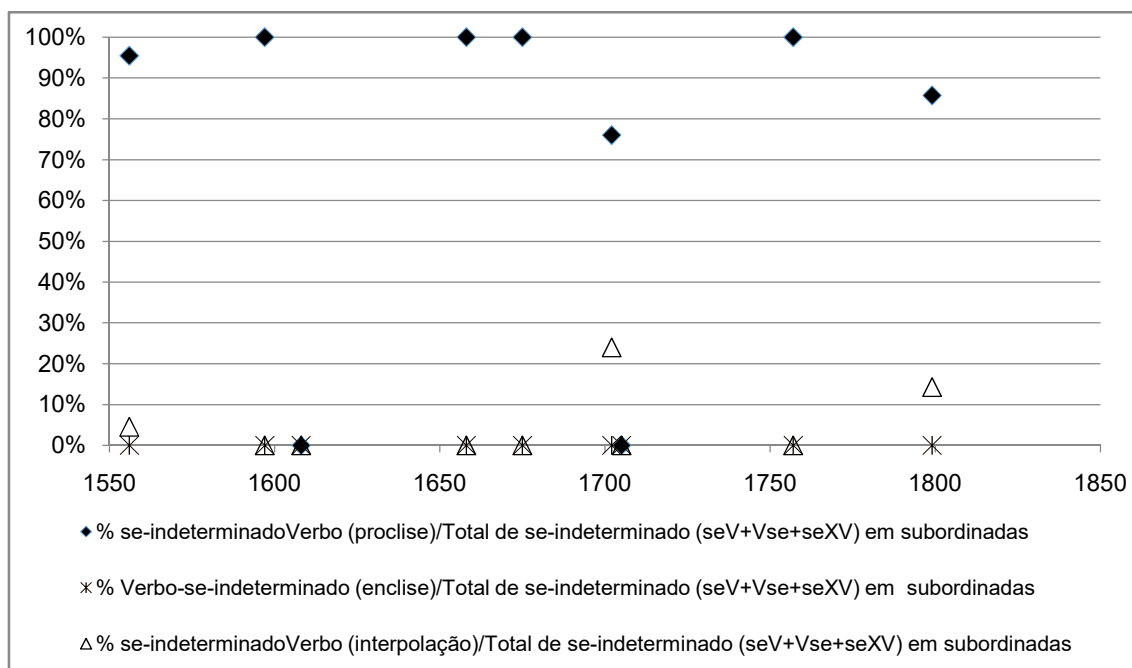


Gráfico 22 – Posição relativa de SE-Indeterminado em orações subordinadas

Assim, como nas ocorrências de SE-Passivo, o SE-Indeterminado, em orações subordinadas é bem mais atestado na próclise sem interpolação do que na com interpolação, essa que só é encontrada a partir da segunda metade do século XVI em nossa amostra de dados. Esse tipo de SE, assim como o passivo, é mais frequente quando introduzido, diretamente, por um conectivo subordinador nas orações subordinadas em próclise e com interpolação, exemplos em (92). No entanto, essas construções são bem proeminentes, também, em orações subordinadas completivas, principalmente, no século XVI, o que difere das ocorrências de SE-Passivo que são predominantes em subordinadas relativas.

- (92) a. “com o qual não quero quese **bula** nada...” (Luis de Sousa, 1556)
 b. “sendo certo quese **não pode achar** gosto n@ @o gosto...” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)

3.3.1.3.3 SE-Reflexivo em orações subordinadas

Segue o Gráfico 23 que demonstra a frequência de SE-Reflexivo conforme a posição:

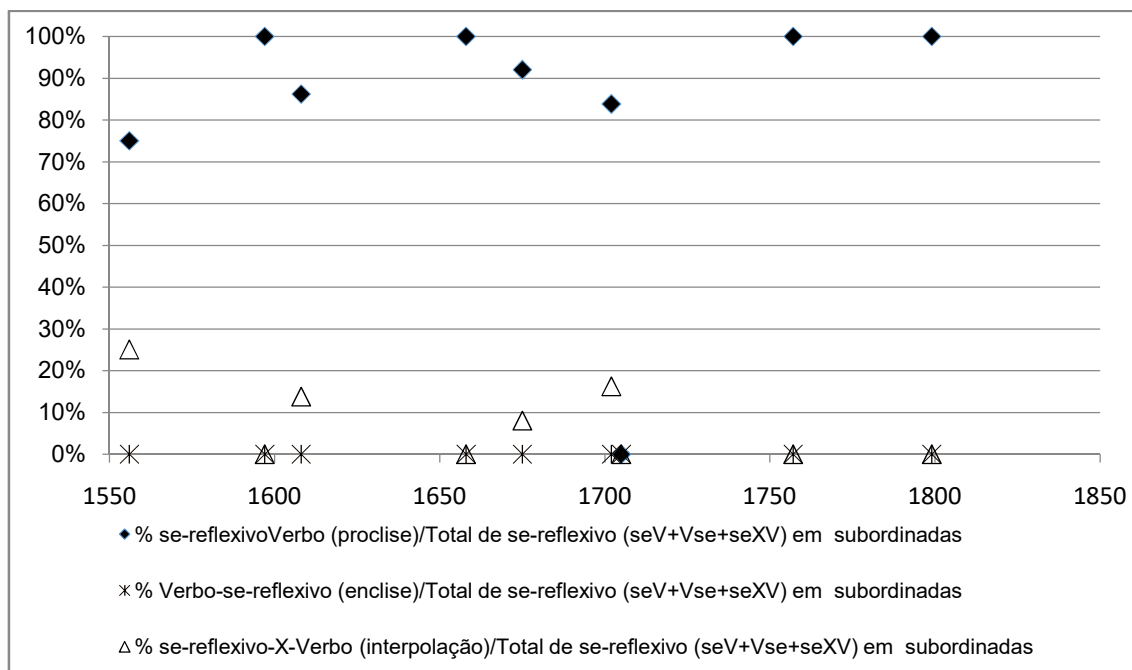


Gráfico 23 - Posição relativa de SE-Reflexivo em orações subordinadas

Ao observarmos o Gráfico 23, percebemos que, assim como os outros dois tipos de SE, o reflexivo, também, é muito mais frequente nas estruturas SE-V do que nas SE-X-V, sendo que, nessa última, esse tipo de SE não é mais atestado a partir da segunda metade do século XVIII em nossos dados. O SE-Reflexivo em orações subordinadas, é, assim como outros tipos de SE, mais atestado quando precedido por conectivo subordinador, exemplos em (93), sendo mais frequente em orações subordinadas relativas nos séculos XVI e XVII, como o passivo, e nas subordinadas completivas no XVIII.

- (93) a. “outros nos asseguram *quese esquentara n@ @a sua presença...*” (Cavaleiro de Oliveira, 1702)
- b. “Mas o tribunal divino, *quese não governapel@ @o que elles dizem...*” (Vieira, 1608)

Como revelado nos resultados, se compararmos as frequências dos três tipos de SE, em orações Subordinadas, observamos que o SE-Passivo é o tipo mais frequente seguido do

SE-Reflexivo, enquanto que o SE-Indeterminado é pouco atestado. Destarte, na comparação com os outros tipos de oração, é possível afirmar que, o comportamento das ocorrências de SE em Subordinadas se difere dos outros tipos de oração, não sendo verificado mudança na preferência pelo tipo de SE, sendo o passivo unânime em todos os textos, nem no tipo de estrutura, visto que esse clítico aparece mais em SE-V do que em SE-X-V ao longo dos séculos.

Para finalizar o capítulo da descrição dos dados de orações finitas que atestaram o clítico SE no período que compreende os séculos XVI, XVII e XVIII, foi possível verificar algumas alterações tanto na posição quanto no tipo de SE ao longo dos séculos que interpretamos como indícios que corroboram as hipóteses aqui contempladas. Tais indícios foram mais claramente observados no contexto de orações principais. Nesse contexto, notamos que, nas estruturas de próclise (SE-V) com verbos finitos, o SE-Passivo é bastante frequente em todos os textos dos séculos XVI e XVII, tendo sua frequência diminuída no século XVIII, no mesmo curso de tempo em que a frequência de SE reflexivo e indeterminado aumentam – por volta de 1700.

Com relação à ênclise, o uso de SE associado à função sujeito, SE-Passivo e SE-Indeterminado, parece favorecer esta colocação, pois, na distribuição do tipo de SE pela colocação, a frequência de ênclise para esses dois tipos de SE, apesar de normalmente não superar a frequência de próclise no período anterior ao século XVIII, mantêm-se bastante elevada nos contextos de variação ênclise/próclise (orações não dependentes neutras e coordenadas não dependentes), como pudemos constatar nos gráficos 4,5,16 e 17, o oposto acontece com o SE-Reflexivo que mantém elevada frequência de próclise e ênclise marginal como verificamos nos gráficos 6 e 18.

Esses resultados corroboram as conclusões de Cavalcante (2006) para as orações não finitas, pois a autora observa que, nas construções de SE com infinitivo do Português, a frequência do passivo diminui ao passo que aumenta a do indefinido no século XVIII.

As orações coordenadas dependentes seguem o padrão proclítico semelhante ao das orações subordinadas, a ênclise é bastante rara. Todavia, quando atestada neste contexto o tipo de SE é quase que exclusivamente o SE- Passivo, como podemos concluir da comparação dos gráficos 9,10 e 11. Nas estruturas proclíticas, nos contextos de oração coordenada dependente, diferentemente das orações principais (Gráfico 1), o SE-Indeterminado apresenta uma progressão descendente (Gráfico 7) na linha do tempo, saindo dos 57% em 1510 a 0 em 1705, 1757 e 1799. Também, diferentemente das orações principais, o Se-Reflexivo nas orações coordenadas dependentes, se mantém na mesma faixa média de frequência. Já em

orações subordinadas, a distribuição dos tipos de SE em colocação proclítica SE-V mantém-se sem alteração relevante em todo período (Gráfico 19).

Em resumo, os resultados reforçam algumas hipóteses já levantadas sobre a mudança gramatical em torno dos 1700: Galves; Britto; Paixão de Sousa(2005) em relação ‘a sintaxe dos clíticos de maneira geral, Antonelli (2007) em relação ‘a sintaxe do SE e Cavalcante (2006) em relação à natureza do SE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, procuramos investigar o uso de SE na dinâmica próclise/ênclise em orações finitas registrado no Português Clássico (PCl), período que compreende o século XVI, XVII e XVIII; em textos sintaticamente anotados extraídos do *Corpus TychoBrahe*. Especificamente, estudamos essa dinâmica nas sentenças com três tipos de SE, os quais estão associados ou desempenham funções sintáticas distintas, a saber, SE-Passivo e SE-Indeterminado, função de sujeito, e SE-Reflexivo, função de objeto; buscando entender o comportamento de cada tipo de SE a partir de sua frequência em posição proclítica (com e sem interpolação) e/ou enclítica. Nosso intuito foi verificar se existe relação entre a posição do SE e o seu tipo/função, observando qual tipo de SE é mais frequente em determinada ordem na gramática do PCl.

No desenvolvimento do trabalho, a partir da descrição dos dados, observamos que, no geral, há uma preferência do uso de SE-Passivo, que está relacionado a função de sujeito, tanto na posição proclítica quanto enclítica, inclusive, nos dois primeiros séculos XVI e XVII e nas orações subordinadas em que a preferência desse clítico é unânime nas ordens SE-V e SE-X-V. Entretanto, ao separarmos as ocorrências de cada tipo de SE por tipo de oração (principal, coordenada e subordinada), verificamos que, na gramática do PCl, o clítico SE pode variar tanto na ordem quanto no tipo/função a depender do século ou até mesmo do autor, tendo em vista que, nos contextos de orações principais e coordenadas (dependentes e não dependentes), foram reveladas mudanças significativas na ordem e na preferência pelo tipo de SE, principalmente, atestadas a partir do século XVIII.

Dessa forma, destacamos, nesta pesquisa, quatro resultados importantes a respeito do uso de SE nos contextos de orações principais e coordenadas, sendo esses: 1) a mudança na ordem proclítica para enclítica do SE-Passivo a partir do século XVIII; 2) a mudança na preferência do uso de SE-Passivo por SE-Indeterminado e SE-Reflexivo em posição proclítica a partir de 1700; 3) a preferência de SE com função de sujeito (passivo e indeterminado) na posição de ênclise e 4) a preferência da posição proclítica nas construções de SE-Reflexivo.

A respeito da posição do SE-Passivo, o tipo de SE mais atestado em nossos dados, observamos que, nas orações principais e coordenadas não dependentes, a partir de 1700 as ocorrências desse tipo de SE deixam de ser mais frequentes em posição proclítica e passam à enclítica. Tal resultado se explica a partir da hipótese de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) a respeito da mudança de padrão na ordem dos clíticos que passam de um padrão

proclítico a enclítico a partir de 1700; hipótese confirmada, também, por Antonelli (2007) em seu estudo sobre o SE, o que nos serve de respaldo.

Outra mudança importante verificada em nossos dados a partir do século XVIII é a da preferência de SE-Passivo por SE-Indeterminado. Em seus estudos, Cavalcante (2006, 2011a) atesta que, em orações não finitas, as construções passivas desaparecem, restando apenas as indefinidas. A autora, também, amparada em Galves, Britto e Paixão de Sousa, conclui que, na gramática do PCl, no século XVIII, essa mudança está relacionada à mudança na posição de sujeito que passa de pós para pré-verbal (Galves; Britto; Paixão de Sousa 2005).

Os resultados desta dissertação também podem ser explicados a partir da hipótese de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) a respeito da alteração da posição de sujeito, o que contribui para a confirmação da mudança de SE-Passivo para SE-Indeterminado na gramática do PCl.

Finalmente, registramos, em nossos dados, comportamentos distintos a respeito do tipo/função do SE que podem dar indícios de uma possível relação entre a posição e a função do SE. Em uma comparação entre os tipos de SE em relação a função que este clítico exerce, observamos que os tipos de SE associados à função sujeito destacam-se mais nas estruturas enclíticas se comparado ao tipo de SE com função de objeto, o SE-Reflexivo, esse que, por sua vez, é mais recorrente nas estruturas de próclise (com e sem interpolação) do que nas de ênclise nos contextos de variação. Destarte, temos, então, uma função de sujeito relacionada a ênclise e de objeto relacionada a próclise na gramática do Português Clássico? Tal indagação carece ainda de mais investigações tanto em textos do PCl quanto em outras gramáticas do Português, inclusive, do Português Brasileiro. No entanto acreditamos que este trabalho consegue dar pistas para o aprofundamento desta questão.

Para concluir, com este estudo, esperamos contribuir para as pesquisas a respeito da história do Português, principalmente, no que tange à gramática do Português Clássico, bem como para as investigações acerca das construções com o clítico SE. Desejamos, então, que este trabalho sirva de motivação pra que outros trabalhos sejam desenvolvidos a respeito desse interessante objeto.

REFERÊNCIAS

- ANTONELLI, André Luis. **O clítico SE e a variação ênclise/próclise do Português Médio ao Português Europeu Moderno**. 2007. 185f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BRITO, A. M.; Duarte, I.; MATOS, G. A Tipologia e distribuição das expressões nominais. In: MATEUS, Maria Helena Mira, et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003, p. 826 - 848.
- CARDINALETTI, Anna.; STARKE, Michal. The typology of structural deficiency: a case study of three classes of pronouns. In: RIEMSDIJK, H. V. (org). **Clitics in the Languages of Europe**. WdeG, 1999.
- CASTRO, Ivo. A elaboração da língua portuguesa, no tempo do Infante D. Pedro. **Biblos**, v. LXIX, p.97-106, 1993.
- CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. **O uso de se com infinitivo na História do Português: Do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro Moderno**. 2006. 206f. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. Padrões estatísticos do encaixamento da mudança de se-passivo a se-indefinido na história do português. **Alfa Revista de Linguística**. Unesp, São Paulo, v. 55, p. 523 – 524, 2011.
- _____. O Se-passivo é passivo? Revisitando as construções com SE na história do Português. Ms. Faculdade de Letras/ UFRJ, 2011 (no prelo). Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxzaWx2aWFyZXxneDo0ZDA5ZjZkMWU1MTUzMGYy>.
- _____. Revisitando as construções com SE na história do Português Brasileiro. (no prelo).
- CEGALLA, Domingos. Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.
- CHOCIAY, Luciane. **O papel do tipo de clítico na ordem proclítica ou enclítica no Português Clássico**. Campinas: UNICAMP, IEL (relatório), 2003.
- CORPUS SEARCH. **Corpus SearchUsersGuide**. 2009. Disponível em: <http://corpussearch.sourceforge.net/CS-manual/Contents.html>>. Acesso em: 30. nov. 2015.
- COSTA, Aline Silva. **WebSinC: Uma Ferramenta Web para buscas sintáticas e morfossintáticas em corpora anotados - Estudo de Caso do Corpus DOViC – Bahia**. 2015. 189f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GALVES, Charlotte Marie Chambelland. **Aluga-(se) casas: um problema de sintaxe portuguesa na teoria de regência e vinculação**. Campinas: Preedição 2, 1986.

_____. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. ; BRITTO, Helena de Sousa ; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. **Journal of Portuguese Linguistics**, Lisboa, v.4, n.1, p.39-67, 2005.

_____. ; NAMIUTI, Cristiane ; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, A.; KEMMLER, R.; SCHÄFER-PRIEB, B. (Orgs.). **Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch**. Tübingen: Calpinus Verlag, 2005.

_____. ; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. The loss of verb-second in the history of Portuguese: subject position, clitic placement and prosody. In: DIACHRONIC GENERATIVE SYNTAX CONFERENCE, 12., 2010, Cambridge.

GOMES DOS SANTOS, Carlos Alberto. **'Complemento-Verbo' vs. 'Verbo-Complemento'**: uma investigação sobre a estabilização da ordem na diacronia do português. 2013. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista.

GOMES, Raimundo Francisco. **O se indeterminador do sujeito, apassivador e reflexivo**: uma leitura morfossintático-semântica. 2007. 186f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS.

KROCH, Anthony. Syntactic Change, in: BALTIN, M.; COLLINS C. (eds.). *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*, Blackwell, Oxford, 2001. p. 699-729.

MAIA, Clarinda. Linguística Histórica e Filologia. In LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. orgs. **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 533-542. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books.

MARTINS, Ana Maria. **Clíticos na história do português**. 1994. Tese (Doutorado em Linguística Histórica), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. **Estruturas trecentistas**: Elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989.

MIOTO, C.; Silva, M. C. F. ; LOPES, R. **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

NAMIUTI, Cristiane. **Aspectos da história gramatical do português**: interpolação, negação e mudança. 2008. 331f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NUNES, Jairo Morais Nunes. **O famigerado se**: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador. 1990. 172f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Língua Barroca**: sintaxe e história do português nos 1600. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP.

_____. Linguística Histórica. In: NUNES, J. & PFEIFFER, C. (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem**: Língua, Sociedade e Conhecimento. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-48.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **Teoria da Gramática**: A Faculdade da Linguagem. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1992.

_____; URIAGEREKA, Juan. Indefinite SE. In: **Natural language and linguistic theory**. Dordrecht, 1996. v. 14, p. 749-810.

SARDINHA, Tony Berber. Linguística de corpus: histórico e problemática. **Revista D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323 – 367, 2000.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação lingüística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS. Corpus Histórico Anotado do Português Tycho Brahe. 1998b. Disponível em: <www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>. Acesso em: 2015.